

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE HISTÓRIA**

GABRIEL ALMEIDA CORNÉLIUS

**O BAKUNINISMO:
UM ESTUDO SOBRE O COLETIVISMO**

Goiânia

2008

GABRIEL ALMEIDA CORNÉLIUS

O BAKUNISMO:
UM ESTUDO SOBRE O COLETIVISMO.

Monografia apresentada a Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto

Goiânia

2008

GABRIEL ALMEIDA CORNÉLIUS

O BAKUNISMO:
UM ESTUDO SOBRE O COLETIVISMO.

Monografia defendida e aprovada em _____ de _____ de _____ pela banca
examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto - UFG

Prof. Dr. Nildo Silva Viana - UEG

Dedico este trabalho a meu filho, Yuri.

AGRADECIMENTOS

A minha companheira Cynthia Andréia, pelo afeto e paciência durante a realização deste trabalho

A meus pais José Cornélio e Bianca pelo estímulo e incentivo para a conclusão do curso.

A meus irmãos Fernando e Miguel, e minha avó Darcy que tanto me apoiaram.

Aos amigos e companheiros pelos longos e intensos debates, em especial Rafael Saddi e Maria Emília.

Ao professor e orientador desta monografia João Alberto pela autonomia concedida, pela confiança e o grande incentivo.

Sumário

Apresentação	7
CAPITULO I.....	16
Contextualização histórica.....	16
O debate com as demais correntes socialistas	23
A crítica historiográfica	26
CAPITULO II.....	39
Método de Análise.....	39
A Liberdade	46
A Igualdade Econômica... Ou o Coletivismo	49
A Igualdade Política... Ou o Federalismo Anarquista	55
A transformação moral e intelectual.....	63
CAPITULO III	67
A necessidade da revolução violenta e de sua internacionalização.....	67
A Práxis Revolucionária: a atuação em dois níveis.....	70
O Nível Social: A Internacional	72
O Nível Político: A Aliança da Democracia Socialista.....	83
Conclusão	92
BIBLIOGRAFIA	101

APRESENTAÇÃO

Com a vitória da Revolução Russa (1917) e a vitória dos franquistas derrotando os anarco-sindicalistas espanhóis (1939) na Espanha e conseqüentemente a baixa expressão de lutas anarquistas após este período, os estudos acerca do anarquismo foram cada vez mais diminutos, observando após a Segunda Guerra Mundial uma polaridade entre EUA e URSS, ou entre o Capitalismo e o Socialismo soviético. Observa-se então que durante a guerra fria o debate girava quase que exclusivamente entorno do modelo de socialismo implantado na URSS e o modelo de desenvolvimento capitalista.

Durante este período, o anarquismo foi renegado como uma ideologia do séc. XIX ou seguindo a análise de George Woodcock que irá definir a guerra civil espanhola como um marco do fim do movimento anarquista histórico.¹ Sem dúvidas a partir da década de 30 acontece um grande enfraquecimento da atuação dos anarquistas, isto em um panorama global e que de fato pode ser observado no Brasil com o enfraquecimento do *sindicalismo revolucionário* em 1930 após o nascimento do Partido Comunista Brasileiro – este fundado em maioria por ex-anarquistas influenciados pelos acontecimentos na Rússia a partir de 1917.

O anarquismo volta a ser debatido, sobretudo a partir do fracasso e da desilusão com a URSS e por conta do maio de 68 em Paris. Desde então a teoria e a ideologia anarquista foi em grande parte distorcida por correntes políticas hostis ou devido a pouca quantidade de bibliografias que existia até pouco tempo, tornava inviável um aprofundamento teórico neste campo. Esta transformação do conhecimento histórico em ferramenta política acabou por distorcer fatos e propostas, além de omitir em grande parte movimentos como o de Nestor Makhno na Ucrania em 1917, ou mesmo a análise da guerra civil espanhola a partir dos arquivos franquistas que tendenciava a própria análise histórica à *história dos vencedores*, ao mesmo tempo em que o resgate da historiografia anarquista evitava tocar em pontos que os deixassem encurralados e sem respostas diante dos fatos apresentados.

¹ WOODCOCK, 1981, p. 43

O Maio de 68 na França trouxe novamente a crítica anarquista para uma análise acadêmica, mas somente a crítica, houve um resgate do anarquismo na crítica às várias maneiras que se expressão à autoridade ou o poder, sem um devido aprofundamento teórico o que acabou gerando a falsa idéia de que o anarquismo e o marxismo são dois campos completamente antagônicos, que não se convergem e se tornam os maiores inimigos dentro do campo socialista. O anarquismo teria por central a luta “contra toda autoridade” enquanto ao marxismo caberia a crítica e a luta econômica, o que de fato não é verdade.

Ressurgiram assim vários grupos anarquistas, mas que em grande parte se utilizavam apenas da crítica anarquista que foi utilizada contra os partidos comunistas ou mesmo contra as correntes autoritárias na Associação Internacional dos Trabalhadores, mas não há um resgate em grande escala do anarquismo de tradição proletária ou mesmo enquanto um projeto de organização econômica e política da sociedade.

Esta concepção levantada acerca do anarquismo em contraposição ao marxismo, principalmente a partir da metade do século XX não deixa de ter em partes seus acertos. Sem dúvidas o anarquismo e marxismo se opõem em vários aspectos, mas também se convergem em vários outros.

A radicalidade desta crítica se constrói em grande parte por conta do modelo marxista apresentado a partir da visão de Lênin, e em especial de Stalin na antiga URSS, e pelo lado anarquista o aparecimento de idéias individualistas, anti-organizativas, espontaneistas e idealistas, que sem dúvidas também refletem esta falta de conhecimento teórico acerca dos clássicos anarquistas e da distorção que o conceito de anarquismo foi tomando a partir de seu reaparecimento no cenário político mundial.

É interessante frisar que o próprio desconhecimento que se deu do anarquismo após a década de 30 do século XX, foi determinante para a maneira como apareceu o anarquismo a partir da década 60. Ao marxismo seria atribuído o máximo de organização, disciplina, ciência, análise materialista, e restando ao último apenas o idealismo, o espontâneo, o caótico, levando este resgate do anarquismo focado apenas em um campo cultural e comportamentalista, negando desta maneira toda a construção histórica anarquista e sua vinculação com as organizações da classe trabalhadora.

Estabeleceram-se pontos convergentes entre marxistas e anarquistas, ou mesmo questões comuns a todos socialistas se consolidassem como conceitos unicamente marxistas. Desta maneira, não se torna incomum que palavras como: classe, proletariado, dialética, materialismo, socialismo dentre outras, são encarados por muitos como um “jargão marxista”. Muitas das vezes a maneira que é colocada esta questão, nos parece que a diferença entre anarquismo e marxismo é maior que a diferença entre ambos e o capitalismo.

Tendo por objeto de estudo a teoria-política bakuninista, iremos abordar alguns elementos constitutivos do anarquismo, delimitando como espaço territorial o continente europeu no final do século XIX, aonde ao mesmo tempo em que vai se consolidando o capitalismo como sistema hegemônico vão surgindo as teorias socialistas em uma clara intenção de transformar o sistema tendo como agente fundamental desta mudança a classe trabalhadora em contraposição à burguesia.

Abordaremos o período entre 1840 e 1876 em que Mikhail Bakunin inicia suas atividades políticas, e tomando por foco o período de maior amadurecimento teórico que culmina com a atuação dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e da Aliança da Democracia Socialista.

É importante ressaltar o marco político que a AIT expressou no seio da classe trabalhadora, como uma entidade que visava aglutinar e organizar internacionalmente a partir do âmbito econômico, proporcionando uma consciência de classe politicamente organizada para lutar por uma igualdade social. É também no seio da Internacional onde ocorreram os debates de Bakunin com outras correntes socialistas, dentre elas a marxista, a proudhoniana e a blanquista.

Este momento da entrada de Bakunin e seus companheiros dentro da Internacional é considerado o início do anarquismo enquanto uma corrente política socialista. É a partir deste enfoque que buscaremos responder à problemática: Como o bakuninismo pode nos fornecer uma concepção de anarquismo distinta da concepção fornecida pela maior parte da historiografia?

Para trabalhar esta problemática abordamos algumas hipóteses em contraposição à imagem do anarquismo constituída pela historiografia: o anarquismo idealista,

romântico, pequeno-burguês, anti-organização, espontaneista, etc. Para tentar abordar uma outra visão do anarquismo, tomamos Bakunin e sua teoria.

Podemos verificar que a teoria bakunista parte de um método de análise materialista da história e da realidade social ao qual esta inserida, de maneira a analisar a vida real, material, e partindo dela para se chegar à “idéia”. Desta maneira a vida material envolta de toda sua complexidade precede o pensamento e a teoria: o sistema de conceitos articulados para a análise da realidade concreta parte da empiria e retorna para a mesma a fim de compreender o processo histórico.

Outra hipótese levantada diz respeito ao programa político bakuninista, concebido a partir do materialismo e fundamentado na liberdade, que define estratégias e táticas claras para chegar ao seu objetivo finalista que é a transformação social. Esta transformação não partia apenas das paixões ou aspirações espontâneas, mas sim de um trabalho de auto-organização da militância em dois níveis: o político e o social.

A própria diferenciação da atuação anarquista em dois níveis pressupõe funções e características diferentes para cada um deles. Na atuação da organização política específica anarquista, neste caso a Aliança da Democracia Socialista, ocorria de maneira clandestina e no intuito de impulsionar a luta de massas para um rumo socialista e libertário, e seus critérios para ingresso de militantes seria muito mais rígido que o do nível social.

Buscaremos analisar em Bakunin uma concepção teórica distinta das outras correntes socialistas, apontando sua concepção de materialismo e dialética além das conseqüências deste método de análise e de uma ideologia socialista libertária para a construção de um projeto político único.

Esboçamos assim nosso objetivo de compreender a concepção bakuninista e a forma como ela rompe com a concepção historiográfica hegemônica acerca do anarquismo.

Utilizamos como fonte primária os textos escritos pelo próprio Bakunin, que serão tomados como nossa principal fonte de pesquisa. O levantamento dos elementos presentes no bakuninismo a partir de seus próprios textos dificulta sua pesquisa por conta de vastidão, além de ser dispersa e confusa em vários momentos.

Apesar de ter vários escritos, grande parte deles ou se perderam, ou estão em fragmentos e cartas destinadas a seus companheiros, que podem chegar a ter 50 páginas. Seus escritos ainda são várias vezes interrompidos por conta de agitações e insurreições as quais Bakunin irá tomar parte, como por o exemplo o texto *Deus e o Estado* que será interrompido por conta da Comuna de Paris. Como pode ser confirmada, a obra mais extensa de Bakunin, o *Estatismo e Anarquia*, só foi escrita nos últimos anos de sua vida, ou seja, na parte mais tranqüila da agitada vida deste socialista libertário.

O fato de Bakunin não ter se projetado como um teórico, assim como Proudhon, Marx ou mesmo Kropotkin, mas não se deve confundir a ausência de uma grande produção teórica expressa sistematicamente em grandes obras, com a falta de conhecimento teórico. Bakunin em grande parte de seus escritos faz uma crítica argumentada de vários dos principais autores contemporâneos e de tempos anteriores ao seu, demonstrando um profundo conhecimento acerca destes.

Desta forma Bakunin se coloca com menos prestígio para o estudo acadêmico, devido à fragmentação de sua obra e de que a revolução está “na ordem do dia” para o mesmo, sendo impossível estudar ou analisar sua obra tentando retirar seu caráter e propostas de revolução social.

Este trabalho não tem por objetivo se ater a críticas aos outros modelos socialistas ou mesmo se perder em relatos sobre a vida de Bakunin. Queremos aqui analisar e apresentar os fundamentos da teoria socialista libertária, suas propostas e alternativas e, conseqüentemente a estratégia destes socialistas para a revolução social, justificando assim nossa opção por tomar como essencial e majoritariamente as fontes primárias para a elaboração deste trabalho.

Adotamos como fontes secundárias obras acerca da historiografia do anarquismo, e também alguns teóricos do anarquismo para reforçar seus pontos compatíveis e incompatíveis com o bakuninismo.

Como fontes secundárias nos pautamos essencialmente nos autores que fazem uma historiografia do anarquismo e de Bakunin, e por outro lado em alguns teóricos do anarquismo como Kropotkin, Reclus, Proudhon, Malatesta e Makhno.

Max Nettlau, um historiador anarquista foi provavelmente o primeiro a tentar traçar uma perspectiva da história do anarquismo. Fez isto a partir de manuscritos do próprios teóricos, traçando uma história do anarquismo desde tempos remotos até 1934, abordando assim vários anarquistas até pouco antes da guerra civil espanhola. Existe o primeiro volume de sua obra *La anarquía través de los tiempos* que foi traduzido e publicado no Brasil sob o título de *História da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo*, o qual utilizamos para nosso trabalho.

Dentro de uma perspectiva mais abrangente acerca do anarquismo podemos citar George Woodcock que inicia seu trabalho historiográfico fazendo uma introdução para sua coletânea *Os Grandes Escritos Anarquista* e desenvolve este trabalho mais amplamente em *História das Idéias e Movimentos anarquistas*, dividido em dois volumes: *A idéia e O Movimento*.

Utilizamos também historiadores como Daniel Guérin em seu livro *O Anarquismo* que aborda o anarquismo através do que ele chama de *idéias-força*, passando pelas propostas para a sociedade futura anarquista e analisando a prática revolucionária anarquista na revolução russa, nos conselhos de fábrica italianos e na revolução espanhola levantando como ponto fundamental destas e outras revoluções do século XX e a comuna de paris o princípio anarquista da ocupação e auto-gestão dos meios de produção.

Hobsbawn segue outro caminho, analisa o anarquismo especialmente em sua obra *Revolucionários*, e de maneira indireta em outras obras, traçando críticas ao anarquismo a partir de sua interpretação do que vem a ser esta corrente política. Recai na tentativa de fazer uma sintetização do que vem a ser o anarquismo, acabando por expressar de maneira mais aguda a tentativa de definir o anarquismo a partir da junção das varias correntes anarquistas, ignorando em boa parte suas divergências ou mesmo se abstendo de discuti-las por motivos vários.

O presente trabalho visa à identificação das bases teóricas anarquistas através de Bakunin, bases estas que iram nortear toda a prática sócio-política dos grupos anarquistas posteriores a ele, a partir de diferentes graus de influencia.

Neste sentido optamos por abordar autores que constituíram a corrente anarco-comunista clássica, tendo como principais expoentes Kropotkin e Reclús que reivindicam parte da filosofia política bakuninista, mas abrem mão de sua teoria materialista e dialética em prol de um anarquismo científico, baseado no apoio mútuo como condição de evolução do homem, chegando-se assim inevitavelmente ao anarquismo.

O rompimento teórico desta corrente transforma também suas estratégias e táticas. A partir de uma teoria evolucionista o principal papel dos anarquistas seria a propaganda de suas idéias para conscientizar a classe para de certa forma agilizar sua evolução.

O chamado anarco-comunista organicista, representada pelos italianos Malatesta e Fabbri, retomam em Bakunin a concepção de organização específica anarquista, e a construção do anarquismo junto aos movimentos de massa da classe trabalhadora, apesar da grande valorização da propaganda.

Luigi Fabbri acaba por colocar como a principal função das organizações anarquistas a propaganda da idéias, sendo que os anarquistas deveriam entrar em ação no momento revolucionário. Não se busca abordar de maneira mais profundas as bases para a sociedade futura, confiando fortemente no poder criativo da espontaneidade popular e de sua livre iniciativa, revelando uma visão idealista da história a partir do momento que busca uma transformação social por meio das idéias, da conscientização, e não a partir da realidade material.

Malatesta possui uma concepção bem próxima de Fabbri, o que o difere é sua prática política, atuando no movimento sindical não somente como propagandista das idéias anarquistas, mas como um militante organizador. Malatesta abarca de certa forma uma confusão teórica a partir da assimilação das teorias bakuninistas e kropotkinianas, recusando o materialismo e trabalhando como propagandista através de vários jornais e periódicos ao mesmo tempo em que em certos momentos afirma que as coisas se mudam com a ação e não com a propaganda.

Talvez os representantes da corrente anarco-comunista que iram mais se aproximar do pensamento bakuninista são os anarquistas ucranianos que atuaram

durante a revolução russa na Ucrânia (1917-1919). Quando foram exilados e formaram o grupo *Dielo-Truda* (causa do povo) elaboraram a *plataforma anarquista*, onde abordam temas orgânicos do anarquismo, aprofundando alguns elementos apontados por Bakunin para uma atuação mais eficaz dos anarquistas.

Tendo como enfoque a caracterização do pensamento bakuninista, a divisão de capítulos apresentada no texto tem por objetivo focar a análise do tema proposto, mas vale lembrar que os diversos temas se misturam, assim os elementos do federalismo estão intimamente ligados à autogestão socioeconômica da sociedade, refletindo o próprio método de análise bakuninista que chegará a estas conclusões.

O Primeiro capítulo do presente trabalho faz uma breve contextualização histórica de Bakunin, focando esta análise na contextualização de suas idéias e práticas, buscando as influências, positivas ou negativas dos acontecimentos históricos que o precedem bem como suas influências teóricas e seus rompimentos.

A segunda parte deste capítulo visa uma crítica historiográfica a cerca da conceituação de anarquismo que vem sendo feita. O ponto fundamental desta crítica é a visão de um anarquismo enquanto uma concepção puramente política, e se torna neste momento compreender que a ruptura com os marxistas no seio da Internacional muda o foco dos escritos de Bakunin e outros anarquistas para a questão do Estado, e a necessidade de combater a estrutura estatal mesmo que em um processo revolucionário transitório. Em uma nítida intenção de delimitar os diferentes campos políticos dentro do socialismo.

O segundo ponto debatido foi a visão do anarquismo enquanto ato heróico e individual, que vai acontecendo após a morte de Bakunin e o refluxo das lutas proletárias que já se inicia após a comuna de Paris e o fim da AIT. Neste momento de afastamento do anarquismo das lutas de massas tem como ponto chave o comunismo-anarquista² defendido por Kropotkin e Reclus e suas divergências teóricas, estratégicas e táticas com o bakuninismo.

Para se avançar no estudo do anarquismo propomos um caminho inverso do que vem sendo traçado por boa parte da historiografia: analisar o anarquismo não a partir da

² Também são utilizados como sinônimo: comunismo libertário ou anarco-comunismo.

síntese de suas várias correntes, mas a partir de suas peculiaridades. Reconhecida a necessidade de analisar o pensamento de Bakunin a partir de sua totalidade, buscamos nos capítulos seguintes abranger os vários aspectos da teoria e prática bakuninista.

Não pretendemos nestes capítulos abarcar toda a complexidade do pensamento Bakuninista, mas ao menos iniciar o debate de maneira ampla e definindo vários aspectos do anarquismo de maneira sistemática a fim de compreendê-lo.

Neste sentido o segundo capítulo se inicia no método de análise bakuninista, abordando os elementos constitutivos da mesma, demonstrando a defesa de Bakunin pelo materialismo e pela dialética. Buscamos uma conceituação do que vem a ser estes dois conceitos para Bakunin ao passo que tentamos diferenciá-los da conceituação hegeliana e da marxista. A partir da conceituação iniciamos a sistematização das propostas socialistas libertárias de transformação econômica, política, intelectual e moral, ao passo que iniciamos um debate do que vem a ser o conceito de liberdade em Bakunin, conceito este que permeia todo seu pensamento e que está fundamentado na transformação social e no trabalho coletivo.

No terceiro e último capítulo, analisamos a prática político-social de Bakunin, focando sua atuação no nível social e político: A Associação Internacional dos Trabalhadores e a Aliança da Democracia Socialista. Abordamos também o conceito bakuninista de massas proletárias e os agentes da revolução, que tira o foco exclusivo do proletariado fabril e urbano e assume uma forma mais ampla, englobando o proletariado urbano, o proletariado marginal e o camponês.

Neste último capítulo toma forma o modelo organizacional defendido por Bakunin, refutando as críticas de que os anarquistas são anti-organização e individualistas extremos. Traça-se uma perspectiva de uma entrega completa à causa revolucionária.

CAPITULO I

Contextualização histórica

Bakunin deve ser entendido como um homem de seu tempo. O russo Mikail Alexandrovich Bakunin (1814-1876) formou a sua concepção libertária em um contexto de crise econômica do capitalismo europeu. Tratava-se da grande depressão industrial de 1840, que, espalhando a fome e o desemprego pelo continente europeu, aterrorizou ainda mais a vida sofrida da classe trabalhadora.

Junto com a depressão, a Europa da época de Bakunin, apresentava um ambiente de intensa agitação. Revoluções, motins, revoltas, estavam presentes a partir da década de 40 do séc. XIX, fazendo com que a revolução estivesse à ordem do dia.

...a grande depressão que varreu o continente a partir da metade da década de 1840. As colheitas - e em especial a safra de batatas - fracassaram. Populações inteiras como as da Irlanda, e até certo ponto também as da Silésia e Flandres, morriam de fome. Os preços dos gêneros alimentícios subiam. A depressão industrial multiplicava o desemprego, e as massas urbanas de trabalhadores pobres eram privadas de seus modestos rendimentos no exato momento em que o custo de vida atingia proporções gigantescas.³

É nesta conjuntura européia que irá eclodir em 1848 uma série de insurreições e revoluções que ficariam posteriormente conhecidas como *A primavera dos povos*. É em 1848 que emerge de maneira mais clara novos valores, novas experiências e novos protagonistas. É neste momento que se expressa de maneira clara a frente ampla burguesia-operariado, onde o operariado, ainda jovem e incipiente, passa a ser considerado um sujeito revolucionário⁴. Esta *frente ampla* será composta por liberais e socialistas situados em uma Europa eminentemente rural.⁵

A partir da derrubada da monarquia francesa e a proclamação da república o início dessa grande onda revolucionária tinha sido colocado. Em poucas semanas

³ HOBBSAWM, 1982, p. 330

⁴ Entendendo sujeito social como os setores e segmentos da classe como um todo. Dentro destes, incidindo sobre os sujeitos sociais, estão os agentes que os tentam organizar ou controlar.

⁵ RESENDE, Paulo-Edgar. A luta entre as duas tendências na Associação Internacional dos Trabalhadores. In. BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário, p. 9

desencadeia-se a vaga revolucionária que derrubou uma série de governos, sobretudo na França, nos estados alemães, e na Itália, repercutindo em especial na Suíça, e em inúmeros outros países europeus e fora da Europa como, por exemplo, no Brasil.⁶

Hobsbawm faz questão de salientar que o mais rápido serviço postal acessível a *qualquer pessoa* não poderia levar informações de Paris a Viena em menos de cinco dias, e em poucas semanas um espaço atualmente ocupado por dez países tiveram seus governos derrubados pelos revolucionários, afetando tanto a parte mais *desenvolvida* como mais *atrasada* da Europa.

Mas com a mesma velocidade que o movimento triunfou, em 18 meses após a sua eclosão na França, todos os regimes e governos anteriormente derrubados estavam restabelecidos, tendo como única exceção a República Francesa. As manifestações expressas em 48, sem dúvidas foram expressas por grande força e radicalismo popular, que chegou a intimidar os próprios liberais que eles haviam colocado no poder.

Neste quadro histórico Bakunin toma parte dos levantes em Paris, Praga e também nas barricadas de Dresden⁷. O mesmo avalia que a *facilidade* que as massas populares conseguiram triunfar sobre os exércitos em boa parte das grandes cidades européias foi *nefasta* para os revolucionários, e neste sentido é que as lideranças se dão conta da fragilidade da aliança com a burguesia, e as correntes socialistas começam a se estruturar em oposição à antiga ordem conservadora e à nova ordem reacionária.

Durante os anos posteriores, as classes dominantes européias estarão ainda sentindo o medo de sua recorrência. E da mesma maneira que essa onda revolucionária deixou marcas nas classes dominantes, ela também irá influenciar os revolucionários das mais diferentes matrizes ideológicas e a classe trabalhadora, seja a partir da análise dos erros, e a refutação dos mesmos, ou da utilização de algumas de suas táticas e preceitos práticos no âmbito organizativo, teórico e na práxis revolucionária.

Outro acontecimento que sem dúvidas causou grande influencia, seja ela positiva ou negativa, no meio revolucionário foi a revolução francesa de 1789. Tal revolução se

⁶ HOBBSAWM, 2007, p. 27-46

⁷ Acerca do papel desempenhado de Bakunin no comando militar em Dresden, consultar o artigo de Richard Wagner – renomado compositor de música clássica – em que descreve os encontros e reencontros com seu amigo em 1949, in. AUGUSTO, Plínio. *BAKUNIN*. São Paulo: Imaginário, 2004, p. 55-82.

resumiu em uma revolução estritamente política e afirmou a consolidação do Estado centralizado moderno e da instituição da burguesia como classe dominante. Sem dúvidas foi uma revolução que contou com forte apoio popular, mas seu grande lema “LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE” foi restringido apenas à burguesia ou a uma igualdade e liberdade política, que Bakunin irá criticar ferrenhamente com base em que a igualdade e a liberdade política, segundo seu pensamento, somente poderá ser conquistado a partir de uma igualdade econômica, e só chegará a sua plenitude quando além da igualdade econômica, haja também uma *instrução integral* que possa de fato emancipar o homem economicamente, politicamente, moralmente e intelectualmente.

Não só Bakunin irá fazer sua crítica à Revolução Francesa, como grande parte de todos os revolucionários também o farão, destacando-se entre seus contemporâneos Marx, Engels e Proudhon. As críticas se unificam de maneira mais ou menos homogênea na crítica a uma revolução apenas política, mas se divergem à medida que aprofundam a análise e buscam apontar caminhos para a emancipação da classe trabalhadora.

Outra influência teórica em Bakunin foi Hegel, em especial os jovens hegelianos ou a esquerda hegeliana – assim como Marx e Engels, por exemplo – que tomou grande parte dos estudos de Bakunin em sua juventude. Ainda na Rússia o mesmo entra em contato com a teoria hegeliana, e vai para a Berlim estudar este e outros filósofos ocidentais – em especial Fichte, Kant e Goethe. Estuda veementemente a dialética hegeliana e sua filosofia.

O lançamento do artigo *A reação na Alemanha*, é considerado por muitos como o rompimento de Bakunin com o pensamento hegeliano, e no mesmo artigo Bakunin já começa a esboçar sua dialética criticando a primazia pela positividade de Hegel e reforçando a negatividade como uma força criativa, trazendo as abstrações dialéticas para a prática revolucionária. Bakunin, assim como Marx e Engels, vislumbra a dialética como uma filosofia revolucionária, a partir da unidade entre a teoria e a prática. Desta maneira, o novo na história surge pela completa destruição do antigo.⁸

⁸ NORTE, 1988, p. 26

Bakunin, durante as revoluções de 1848, sem dúvida, já era um revolucionário, mas é apenas em 1864 que Bakunin de fato se torna um anarquista. Nettlau questiona como durante sete anos de sua vida (1846-1853) Bakunin, já com concepções libertárias em 48, apóia-se na ação nacionalista eslava.⁹ Vale ressaltar que após a retirada das tropas da derrotada insurreição de Dresden, Bakunin é preso ainda em maio de 1849 ficando preso e posteriormente é deportado para trabalhos forçados na Sibéria até a primavera de 1861, de onde consegue fugir.

Bakunin se torna anarquista em decorrência do próprio desenvolvimento de suas idéias, mas segundo Daniel Guérin dois fatores são fundamentais para essa mudança de perspectiva: a revolta da Polônia contra o império czarista (1963-1864) e os recorrentes encontros com o francês Proudhon.¹⁰ É importante deixar claro, que naquele momento histórico, todos ainda se definiam como socialistas revolucionários, e somente após os debates na Internacional que vão se delimitando os campos dos *socialistas autoritários* e dos *socialistas libertários*.

Em 1864 Bakunin também forma sua primeira sociedade secreta, reunindo militantes revolucionários italianos, franceses, escandinavos e eslavos.¹¹ É na Itália que se funda esta sociedade secreta que receberá o nome de Fraternidade Internacional Revolucionária. A Fraternidade atuará essencialmente em combate aos *Mazzinianos*¹² na Itália, e na tentativa de dar um caráter revolucionário e socialista para a Liga pela Paz e Liberdade (1867-68) que é rejeitado em seu segundo congresso, os mesmos se desligam da Liga.

É importante apontar que existe uma diferença entre a sociedade secreta propostas por Bakunin, e o conceito de sociedade secreta amplamente difundida principalmente nos anos de 48, a concepção secretista *Blanquista*.¹³ A sociedade secreta dos coletivistas, como será aprofundado mais a frente, tinha por objetivo impulsionar a luta de massas em um rumo revolucionário, e tinha claro que a revolução não seria feita

⁹ NETTLAU, 2008, p. 134-135

¹⁰ Nettlau afirma que Bakunin se torna anarquista em fins de 1863 em sua viagem a Florença.

¹¹ James Guillaume in. GUÉRIN, Daniel (org.). *BAKUNIN – Textos Anarquistas*. São Paulo: L&PM Pocket, 2006

¹² Discípulos do republicano Mazzini (1805-1872), republicanos autoritários e religiosos.

¹³ Referindo-se a Blanqui, um revolucionário que defendia a formação de sociedades secretas que conduziriam a revolução, sem necessariamente contar com o apoio popular.

por ela para o povo, mas seria protagonizada pelas massas proletárias, e neste sentido tornava-se uma obrigação a militância dos membros da Fraternidade Internacional e posteriormente da Aliança dentro dos movimentos sociais.

É fundada também no mesmo ano, a Associação Internacional dos Trabalhadores, impulsionada principalmente por trabalhadores ingleses e franceses, neste momento ainda sem Bakunin ou Marx. O primeiro congresso da AIT se realizará em 1866 onde se definirá os estatutos e a forma orgânica da associação. Neste momento Bakunin ainda não adere a Internacional e em 1867 estará atuando na Liga pela Paz e Liberdade que tem seu primeiro congresso em Genebra, e que conta com um corpo heterogêneo, reunindo desde nacionalistas até socialistas.

Neste período de convulsões, no qual se atenuou a reação (porque os governos, execrados desde a contra-revolução de 1848, necessitavam do concurso do povo tendo em vista as guerras que iriam eclodir), o nacionalismo, recebido ardentemente pela democracia burguesa, foi o meio de reconciliação entre ela e o povo. Mas os trabalhadores e socialistas, os homens de 48 e as jovens gerações viam chegar o momento do renascimento para seus movimentos e da criação para as suas organizações. Ante as relações e reuniões freqüentes dos Estados agindo como senhores do mundo, não é surpreendente que os trabalhadores, eles também, tivessem *enfim* pensando em agrupar-se *internacionalmente*.¹⁴

É em 1868 que Bakunin entrará na Internacional. A Fraternidade Internacional passa a se chamar Aliança da Democracia Socialista – a principio de maneira pública – mas tem de se dissolver tornando uma seção da Internacional em Genebra. A Aliança se dissolve publicamente, mas toma um caráter clandestino atuando como um *partido anarquista clandestino*¹⁵..

O progresso da AIT no caminho da consolidação de um caráter socialista e revolucionário deu-se lentamente, a associação nasceu com a intenção de unificar os trabalhadores de todo o mundo para lutar pela melhoria de suas condições materiais, de maneira que envolvessem bandeiras concretas da vida dos trabalhadores de vários países, de maneira que os unificassem, criando assim uma consciência de classe, e que ao mesmo tempo unificasse em uma mesma organização o máximo de trabalhadores

¹⁴ NETTLAU, 2008, p. 140

¹⁵ A concepção de partido na época não se restringia à participação política eleitoral, partido nada mais era do que uma organização com objetivos comuns, que será abordado mais a frente.

que fosse possível. Os militantes introduziram suas idéias de maneira gradual na AIT, explicando assim seu caráter mais moderado em congressos e conferências até 1867.

É em 1869 que os coletivistas participam pela primeira vez do congresso da Internacional. No mesmo ano Bakunin que já conhecia Marx desde o início da década de 1840, inicia o trabalho de tradução da obra *O Capital* para o Russo, demonstrando que as divergências existentes entre Bakunin e Marx, não se expressão na análise econômica, ao contrário do que muitos tentam colocar hoje os dois revolucionários polarizando em campos completamente opostos.

No segundo congresso que os coletivistas participam, em 1870 é que começam a se esboçar as divergências entre o campo socialista autoritário e o campo socialista libertário. Expressaram-se como protagonistas deste debate Bakunin e Marx, cada qual defendendo sua doutrina e a maneira com a qual acreditam ser possível a emancipação da classe trabalhadora.

No ano de 1871 eclode a *Comuna de Paris* que atrai os olhares e a participação de grande parte dos revolucionários europeus. Bakunin irá tomar parte da insurreição de Lyon - uma grande cidade francesa – por acreditar que necessitava o levante das principais cidades e do apoio do campesinato para que o movimento triunfasse. A Internacional, enquanto organização, não tomou parte do levante na França. Após a levante e o massacre dos *comunnards*¹⁶ Bakunin se diz partidária da Comuna de Paris por ela ter sido “uma negação audaciosa, bem pronunciada, do estado”.¹⁷

As divergências entre Marx e Bakunin vão tomando contornos ainda maiores, passando a se criticarem mutuamente e, muitas das vezes, saindo do âmbito político para o âmbito pessoal. Em 1872 no quinto congresso da AIT, o congresso de Haia, de difícil acesso aos coletivistas, Bakunin e outros anarquistas são expulsos da Internacional.

A partir deste momento a Associação Internacional dos Trabalhadores já não seria mais a mesma. Boa parte das seções e Federações da Internacional rejeita a atitude proposta pelo conselho central e aprovada pelo congresso. Em setembro de 1872 poucos

¹⁶ Os membros da Comuna de Paris.

¹⁷ BAKUNIN, Mikhail. “A Comuna de Paris e a Noção de Estado”, in. _____. *O princípio do Estado e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2008, p. 118

dias depois do congresso de Haia, os anarquistas e as seções dissidentes convocam um novo congresso em Saint Imier fundando ali a *Internacional Anti-autoritária*, ou como ficou conhecida posteriormente: a *Internacional de St. Imier*.

Por um lado, a Internacional mantida pelo conselho central que foi transferido para Nova Iorque, teve em 1876 no congresso da Filadélfia, a dissolução do conselho central dando o ultimato na mesma. A Internacional de St. Imier ainda se manteve durante alguns anos, mas a cada ano que se passava ela ia perdendo mais força. De fato, o que aconteceu foi o fim do que hoje conhecemos como a 1ª Internacional.

Após sua expulsão da Internacional em 72, Bakunin escreve uma carta aos seus companheiros suíços da Federação do Jura decidindo se afastar da militância pública, já que lhe faltava poucos anos de vida – irá morrer em 1876 - e continua uma militância mais modesta na Itália e na Suíça. Escreve então aos seus companheiros da Federação do Jura:

Eu não posso nem devo deixar a vida pública sem vos endereçar uma última palavra de reconhecimento e de simpatia. [...] vossa vitória, a vitória da liberdade e da Internacional contra a intriga autoritária, está completa. [...] E aproveito esta oportunidade, caros companheiros, para vos pedir a gentileza de aceitar minha demissão como membro da Federação Jurássica e membro da Internacional. [...] Por meu nascimento e por minha posição pessoal, e não por minhas simpatias e minhas tendências, nada mais sou do que um burguês e, como tal, não saberia fazer outra coisa entre vós senão propaganda teórica. Bem, tenho esta convicção de que o tempo dos grandes discursos teóricos, impressos ou falados, passou. Nos últimos nove anos desenvolveram-se no seio da Internacional mais idéias do que era preciso para salvar o mundo, se apenas as idéias pudessem salvá-lo [...] O tempo não está mais para idéias, e sim para fatos e para atos. O que mais importa, hoje, é a organização das forças do proletariado. Mas esta organização deve ser a obra do próprio proletariado. Se eu fosse jovem, eu me transportaria para um meio operário, e, compartilhando a vida laboriosa de meus irmãos, participaria igualmente com eles do grande trabalho dessa organização necessária. Mas minha idade e minha saúde não me permitem fazê-lo. [...] Retiro-me, então, caros companheiros, pleno de reconhecimento por vós e de simpatia por vossa grande e santa causa, - a causa da humanidade. [...] Estarei convosco até a morte.¹⁸

¹⁸BAKUNIN, Mikhail. “Carta aos redatores do boletim da Federação do Jura” in. _____. *BAKUNIN por BAKUNIN – Cartas*. Brasília: Novos Tempos, 1987.

O debate com as demais correntes socialistas

Faz-se necessário observar a relação entre Bakunin e outros socialistas de sua época, retomando essencialmente o debate não nas derivações das correntes políticas anarquistas e marxistas, mas na origem deste debate: em Bakunin, Proudhon e Marx e Engels. A partir deste ponto podemos perceber que no que tange a análise crítica da economia não existem grandes divergências entre Bakunin e Marx, tanto que Bakunin irá assumir a tradução da obra *O Capital* de Marx para o Russo, e também outro socialista libertário que era intimamente ligado a Bakunin, Carlos Cafiero, irá elaborar a primeira versão popular da obra – a única que será aprovada pelo próprio Marx. Neste, assim como em outros pontos, Bakunin está mais próximo de Marx que de Proudhon.

O socialista francês Proudhon, foi o primeiro a reivindicar positivamente a denominação de anarquista para si, e é necessário ressaltar que da mesma maneira que existe grande influência de Proudhon em Bakunin, este último também assume profundas divergências com o primeiro.

A respeito da propriedade, apesar de sua célebre frase *A propriedade é um roubo*, Proudhon aceita uma espécie de propriedade privada que seria expressa na posse de uma determinada fração de terra necessária para a produção. Bakunin se coloca contra esta proposta ao analisar a produção industrial, defendendo assim a propriedade coletiva, se aproximando mais de Marx que de Proudhon.

Outro rompimento é a respeito de como chegar à revolução. Bakunin defende a necessidade de uma ruptura violenta para alcançar a emancipação dos trabalhadores, tese que Marx compartilha, mas que Proudhon se coloca radicalmente contra a violência mesmo que seja revolucionária, acreditando ser possível chegar à superação do capitalismo gradativamente. Isto reflete até certo ponto, a própria formação teórica dos três, enquanto Bakunin e Marx têm profunda influência da escola Hegeliana e ambos rompem com o seu idealismo, Proudhon terá grande influência da escola de Kant, e sua análise da sociedade se baseia no sistema de antinomias kantiano.

A consequência natural do rompimento com o Idealismo Hegeliano, mesmo mantendo sua dialética, leva Bakunin, assim como Marx, ao materialismo. É importante

ressaltar que o materialismo de ambos não são iguais, e este conceito será abordado mais profundamente no segundo capítulo.

Bakunin adota e desenvolve o princípio de organização política da organização da sociedade de Proudhon: o federalismo. Neste ponto que encontramos as maiores divergências entre Bakunin e Marx, o Estado assume um ponto central nesta divergência, não na concepção do que vem a ser o Estado capitalista, mas na caracterização da máquina estatal e sua utilização.

A Internacional será palco deste debate, que apesar de se dar em um tema menor, o direito de herança, tem por fundo o debate acerca do Estado, que vem a ser a raiz de suas divergências. O modo como se encara o Estado também acarretará em uma divergência estratégica e tática no que concerne à organização e realização da revolução, conseqüentemente, acarretando uma diferenciação em sua organização social e política.

Vale ressaltar que Marx não deixa claro o que vem a ser a *ditadura do proletariado* ou o *Estado Popular*, sendo assim o debate exposto acima se dá tomando como referencia as críticas feitas por Bakunin. O marxismo se derivará em diversas correntes em que cada qual encontra suas justificativas dentro do pensamento de Marx.

Podemos observar assim correntes marxistas que aprofundaram a perspectiva estatista, como por exemplo, os bolcheviques, os que optaram pela via reformista acreditando por uma transformação pacífica para a nova sociedade a partir da conquista de poder no estado pelo sufrágio universal, e os chamados marxistas libertários que compreendem a ditadura do proletariado como a autogestão em si, sem Estado, com o povo em armas para defender a revolução e organizados de forma que a gestão social fosse feita por eles próprios.

Estas correntes marxistas se justificam no próprio Marx, à medida que durante a *Comuna de Paris* o mesmo se aproxima mais das idéias colocadas por Bakunin ou em momentos que ele se aproxima mais das idéias blanquistas, ou quando aceita a organização em partidos políticos de massas para a conquista eleitoral. Por isto não se torna apenas uma especulação discutir a *ditadura do proletariado* em Marx, já que de

certa forma influenciado pelo próprio contexto dos acontecimentos da época este chega a conclusões diferenciadas sobre este modelo de Estado.

O presente trabalho, não entra no debate entre Bakunin e Marx, mas é importante ao passo que este foi permeou todo o debate na Internacional e levou à sua cisão, ignorar este debate é ignorar todo o contexto das propostas debatidas dentro da Internacional. Como foi colocado anteriormente, o debate acerca da caracterização e utilização da maquina estatal acarreta uma série de definições estratégicas, táticas e organizacionais, que foram temas importantes nos debates no interior da Internacional, e compreendendo que a partir do conflito os agentes são estimulados a formular propostas teóricas e desenvolve-las é que e torna crucial esta apresentação para a posterior análise da teoria em Bakunin.

É a partir deste contexto resumidamente apresentado que observamos a importância de analisar o anarquismo a partir de outro aspecto, não a partir das experiências na guerra civil espanhola, na revolução Russa ou no maio de 68, mas a partir da essência do que vem a ser o anarquismo, retornando à atuação dentro da Internacional e em especial suas teorias e propostas para conseguir entender o e conhecer o anarquismo histórico e suas contribuições para a crítica da sociedade atual ou mesmo dos outros modelos socialistas.

A proposta deste trabalho é analisar as teorias deste revolucionário, que só irá se assumir enquanto anarquista aos seus 52 anos, apenas 12 anos antes de sua morte. E é através da análise da teoria Bakuninista que iremos construir este trabalho, não nos apegando a uma história factual da vida de Bakunin ou da corrente socialista libertária¹⁹ na Internacional, mas no momento nos atendo à teoria. Entendemos que a teoria nasce da prática, e que a “idéia” nasce da realidade concreta, e é assim que buscaremos compreender o pensamento bakuninista entendendo-o enquanto um homem de seu tempo.

Iremos então analisar de forma geral as idéias do revolucionário russo Mikhail Bakunin, considerado por muitos como a figura mais conhecida e mais importante do

¹⁹ O termo *anarquismo* só se tornará mais comumente utilizado após a cisão da Internacional em 1872 para definir mais claramente o campo político em relação às outras correntes socialistas. Até então se utilizava a denominação de socialista libertário, e que hoje em dia, ambos são utilizados como sinônimo.

anarquismo. Este revolucionário que sem dúvidas foi muito mais um homem de ação do que um filósofo ou um teórico que conseguisse elaborar grandes obras sistematizando e aprofundando suas teorias.

A crítica historiográfica

A historiografia acerca do anarquismo se depara sempre com um mesmo problema: a questão da definição do seu objeto de pesquisa. O que é anarquismo? Como esta definição foi elaborada?

Grande parte da historiografia do anarquismo parte do sentido etimológico da palavra e, por isso, define o anarquismo como uma ideologia que nega a autoridade e propõe a abolição do Estado.

Esta concepção pode ser constatada em vários historiados que abordam o tema anarquismo, que partem da unificação de todos os indivíduos que contestaram a autoridade criando um conceito abrangente e ao mesmo tempo reduz a teoria anarquista a uma crítica estritamente política. Assim, diversas concepções distintas, como o individualismo stirniano e o coletivismo bakuninista são colocados dentro de uma mesma definição ideológica.²⁰

Esta tentativa de buscar uma unidade acaba por colocar uma concepção vaga de anarquismo e torna-se uma historiografia sintetista, que reúne uma série de tendências “anarquistas” muitas vezes com pontos programáticos e teóricos divergentes entre si, buscando através da unificação de distintos pontos para definir o que viria a ser o anarquismo.

Iniciamos deixando claro que o conceito de anarquismo, antes de adquirir seu sentido político, foi utilizado no sentido de bagunça, desordem, caos, etc. Denominar alguém de anarquista se dava apenas em um sentido estritamente negativo, que foi utilizado, por exemplo, durante a *revolução francesa* para desqualificar inimigos políticos e identificando elementos criminosos.

²⁰ Algumas obras que confirmam mais claramente esta generalização são: WOODCOCK, George. *Histórias da idéias e movimentos anarquistas*. São Paulo: LP&M, 2002; GALO, Silvio. *Anarquismo: uma introdução filosófica e política*. São Paulo: Achiamé, 2006; dentre outras.

Como por exemplo, durante a revolução francesa em que o girondino Brissot define como conceito de anarquismo:

Leis que não são cumpridas, autoridades menosprezadas e sem força; crimes sem castigo, a propriedade atacada, direitos individuais violados, moral do povo corrompida, ausência de constituição, governo e justiça, tais são as características do anarquismo.²¹

Baseado nesta definição é que o Diretório alguns anos depois de terem vencidos os jacobinos que iram chamá-los de anarquistas. O certo é que durante a revolução francesa e posteriormente a ela, o conceito de anarquismo será apenas este conceito negativo. O primeiro homem a se auto-designar positivamente de anarquista é o francês Proudhon, em 1840, quando lança o livro intitulado *O que é a Propriedade?* e responde a pergunta: *A propriedade é um roubo!*²²

O primeiro ponto a ser abordado diz respeito a esta tentativa de definir o anarquismo a partir da união de várias correntes, renegando princípios constitutivos de cada uma deles e o seu próprio contexto histórico.

Por conta dessa síntese historiográfica do que se convencionou chamar de correntes anarquistas, o anarquismo por muitas vezes acabou recebendo a crítica de ser uma doutrina “pequeno-burguesa” e com um método de análise idealista, se colocando como uma utopia romântica e impraticável.

O próprio caráter primitivo de sua teoria [anarquista] tornou-se vantajoso. A Revolução chegará porque os revolucionários a desejam com muita paixão e porque realizam constantemente atos de revoltas, um dos quais, mais cedo ou mais tarde, será a fagulha que fará arder o mundo.²³

Hobsbawm se enquadra nessa tendência historiográfica de unificação indiscriminada do que vem a ser o anarquismo, desconsiderando as correntes organicistas como as de Malatesta e de Bakunin, assim como o próprio método de análise presente na teoria bakuninista.

George Woodcock, considerado por muitos com um dos maiores historiadores acerca do anarquismo, procura uma definição sobre o anarquismo em cima da origem

²¹ WOODCOCK, 2002, p. 9

²² PROUDHON, Pierre J. *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

²³ HOBSBAWM, 2003, p. 94

etimológica da palavra, concluindo que “anarquia significa estar ou viver sem governo [...] E, por definição, o anarquista é o indivíduo que se propõe a criar uma sociedade sem Estado”.²⁴ Esta concepção também é compartilhada por Hobsbawm fundamentando grande parte de suas críticas ao anarquismo, visto que os problemas “infelizmente não se resolvem mediante o simples apelo à abolição do Estado e da burocracia”,²⁵ e que as mudanças deveriam então atingir os vários âmbitos da vida social, em especial o modelo econômico.

Neste sentido grande parte da historiografia caminha no sentido de unificar tudo e todos que contestassem o Estado dentro do conceito de anarquismo, ampliando de maneira a fazer um resgate das raízes anarquistas em tempos remotos, como por exemplo, Max Nettlau e George Woodcock, considerando a partir do princípio da proximidade com a corrente política anarquista buscando assim o a “arvore genealógica anarquista” como é chamada por Woodcock, definido iluministas como Montesquieu, Diderot, Fichte, Godwin dentre outros, além de filósofos gregos pré-socráticos e do sábio chinês Lao-Tsé. Esta busca por uma origem remota do anarquismo se torna equivocada a partir do momento que identificamos a concepção política do anarquismo tendo se iniciado em sua materialização a partir de Bakunin e sua atuação junto à Internacional.²⁶

Caminhando neste mesmo sentido genérico de anarquismo Woodcock afirma que a filosofia anarquista, em sua totalidade, está resumida na frase de Rousseau: “O homem nasceu livre mas em toda parte eu o vejo acorrentado”²⁷. O mesmo parece ignorar as diversas críticas ferrenhas feitas por Bakunin a Rousseau, afirmando categoricamente que fora da sociedade, no mundo natural, o homem não é livre, e a vida em sociedade é uma condição para a superação de sua animalidade e essencial para conquistar sua liberdade. A análise de Woodcock desta forma fica extremamente restrita à opressão do ser humano no geral, e não, como afirma Bakunin, nas relações de exploração e dominação ao qual a classe trabalhadora estava envolvida.

²⁴ WOODCOCK, 1981, p. 13

²⁵ HOBSBAWM, 2003, p. 96

²⁶ ver NETTLAU, Max. História da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo. São Paulo: Hedra, 2008; WOODCOCK George. História das idéias e movimentos anarquistas, volume I – A idéia. Porto Alegre: L&PM, 1984.

²⁷ WOODCOCK, 1981, p. 19

A definição de anarquismo encontrada em boa parte da historiografia foca-se essencialmente na questão política, deixando em segundo plano a questão econômica. Mas Bakunin deixa claro que para a emancipação das massas proletárias “a primeira questão é a da sua emancipação econômica, que engendra imediatamente a sua emancipação política, e muito em breve a sua emancipação intelectual e moral.”²⁸ Podemos observar que a revolução para ele, se dá imediatamente em duas frentes: Economia e Política. Estabelece assim, como essencial a reorganização das bases econômicas ao mesmo tempo que realiza a destruição do Estado, e não sua conquista, organizando os trabalhadores de forma federalista e autogestionária.

É a partir de Bakunin que esta conceituação positiva de anarquismo será difundida maciçamente. O conceito de anarquismo passará a identificar este homem que ama a liberdade, e esta liberdade só será conquistada com a conquista da igualdade econômica, política, intelectual e com uma nova moral. É neste momento que o conceito de anarquismo se funda no seio da classe trabalhadora.

Acreditamos que o conhecimento dá um salto evolutivo a partir do conflito, e é dentro da Internacional que se definirá cada vez mais claro as divergências e congruências entre anarquistas e as demais correntes socialistas. Durante a Internacional vemos presente nos escritos de Bakunin uma forte crítica econômica, e de seu papel fundamental para a transformação da sociedade.

Provavelmente o que levou grande parte da historiografia a reduzir a crítica anarquista apenas ao âmbito do Estado decorre dos escritos posteriores à cisão da Internacional em 1872, e a criação da Internacional de St. Imier – ou Internacional Anti-autoritária. Este é um ponto central a ser debatido: Por que ocorre esta ênfase no debate acerca do Estado e da autoridade nos escritos anarquistas?

Durante o período da Internacional, socialistas revolucionários como Bakunin, Marx ou mesmo Blanqui, tinham concepções críticas acerca da econômica e da necessidade de sua transformação para a superação do capitalismo. Neste ponto havia então uma convergência, e o próprio papel da Internacional era a organização dos trabalhadores a partir do âmbito econômico, “do que toca a barriga do trabalhador”.

²⁸ BAKUNIN, 2002, p. 66

É com o aparecimento da *Comuna de Paris* e em especial após a cisão da 1ª Internacional é que Bakunin amplia e centra e grande parte sua crítica à questão do Estado. As federações e seções que passaram a compor a Internacional de St. Imier, de forte influencia bakuninista, englobaram esta mesma lógica da necessidade de demarcar campo, deixar bem definido os campos políticos dos anarquistas e dos marxistas. Segundo Gaston Leval uma das resoluções mais célebres da associação se resume no parágrafo em que afirma “que a destruição de todo poder político é o primeiro dever do proletariado”.²⁹

A existência de uma necessidade de definir os campos teóricos e ideológicos é corroborada pela denominação de *anarquistas* à Bakunin e seus companheiros. Os socialistas libertários – como preferiam se denominar durante a Internacional – só se denominaram de anarquistas após a Internacional, e neste sentido se torna válida a definição etimológica da palavra *anarquismo*³⁰ em contraposição ao marxismo para que se delimitassem suas divergências dentro do campo socialista.

Esta definição etimológica acaba por não contemplar a totalidade desta corrente socialista. Daniel Guérin, na tentativa de romper com a redução do anarquismo estritamente à crítica política definirá o anarquismo como sendo “antes de tudo, sinônimo de socialismo. O anarquista é, em primeiro lugar, um socialista que visa abolir a exploração do homem pelo homem”.³¹ Inclusive, Max Nettlau escreve que James Guillaume vê um equívoco na utilização deste termo, já que segundo ele “(...) as palavras anarquia e anarquistas são, a nossos olhos e aos de muitos amigos, termos cujo emprego se deveria renunciar, porque não expressão senão uma idéia negativa, sem indicar uma idéia positiva, - prestado-se, pois, a equívocos inoportunos”³²

Bakunin e outros anarquistas que o sucedem – como Gaston Leval, Malatesta, Kropotkin – irão focar este debate, que permeou grande parte dos debates na Internacional de 1869 a 1872, para reforçar se diferenciar e demonstrar suas divergências com outros programas socialistas, mas em nenhum momento é abandonada a crítica econômica da sociedade.

²⁹ LEVAL, 2007, p. 78

³⁰ Deriva do grego *an arkhê* e significa ausência de governo ou autoridade.

³¹ GUERIN, 1968, p. 20

³² NETTLAU, MAX. *La Idea anarquista: su pasado, su porvenir*. La Revista Blanca, Barcelona, nº 57, outubro de 1925, cap. 14, p. 21 (grifado no original)

O rompimento, no âmbito da caracterização e utilização do aparelho estatal, do bakuninismo com o marxismo coloca-se como um ponto fundamental para evitar este confucionismo historiográfico que institui ao anarquismo um conceito essencialmente político ignorando em grande parte suas críticas e proposições no âmbito econômico.

O terceiro ponto que iremos abordar e que contribui diretamente para esta confusa concepção majoritária da historiografia acerca do anarquismo, com o afastamento dos anarquistas da luta de classes nos anos subsequentes a morte de Bakunin.

Neste momento o anarquismo começa a se afastar cada vez mais das lutas de classe, perdendo espaço para os social-democratas, neste contexto culminando com o surgimento do comunismo anarquista. A corrente comunista anarquista se distingue essencialmente do coletivismo no âmbito do modelo de distribuição na nova sociedade. O coletivismo visa uma distribuição a partir do trabalho realizado, enquanto o comunismo vislumbra uma distribuição livre, de acordo com a necessidade de cada um.³³

Segundo Daniel Guérin,³⁴ após a cisão da Internacional e a morte de Bakunin os anarquistas viram às costas à via aberta por Bakunin junto às associações proletárias, se isolando em pequenos grupos de propaganda e ação, chegando a acusar a literatura anarquista e até mesmo Bakunin de estarem “impregnados de marxismo”.

As razões de tal fato estariam no contexto de refluxo nas lutas e organização das massas proletárias que se inicia ainda durante o período da Internacional, em especial após o massacre da comuna de Paris, e se tornará ainda mais característico após a cisão da AIT. O movimento revolucionário viverá um momento de refluxo em suas associações, estimulados pelo desenvolvimento do capitalismo industrial, e de algumas recentes conquistas políticas, colocando boa parte dos trabalhadores sob influência dos sociais-democratas, que posteriormente irão formar a II Internacional.

Uma das razões deste facto reside no desenvolvimento industrial e na rápida conquista de direitos políticos, que tornaram os trabalhadores mais receptivos ao reformismo parlamentar. Daqui, o açambarcamento do movimento operário pela social-democracia, politicista, eleitoralista

³³ NETTLAU, 2008, p. 180

³⁴ GUERIN, 1968, p. 79-87

e reformista, visando, não a revolução social, mas a conquista legal do Estado Burguês e a satisfação de reivindicações imediatas.³⁵

Os anarquistas, que Guérin denomina de “anarquistas puristas”, estando em minoria evitam a militância dentro de amplos movimentos de massas, iniciando um processo de distanciamento do anarquismo da militância junto à classe trabalhadora que só irá ser retomada de maneira mais ampla com o “nascimento” do *sindicalismo revolucionário* francês por volta de 1900.

É neste momento que surgem os anarquistas intelectuais, como os geógrafos Kropotkin e Elisée Reclus, que iram se distanciar de Bakunin não somente na sua atuação junto as associações dos trabalhadores, mas também em relação à pontos teóricos, estratégicos e táticos.

Kropotkin como geólogo e naturalista irá realizar pesquisas acerca da evolução das espécies, e contestará a tese darwinista de “seleção natural”, acreditando que mais que a competição, o apoio mútuo pode ser verificado como fator determinante para a sobrevivência e evolução da espécie. É através deste conceito de apoio mútuo que Kropotkin irá traçar uma teoria evolucionista,³⁶ acreditando que a evolução do capitalismo para o comunismo se dará inevitavelmente, baseado em duas premissas: a natureza substancialmente solidária dos homens e das mulheres, e a idéia da bondade humana, que o conduz a privilegiar toda forma de espontaneidade.

Segundo Kropotkin e seus partidários, o papel dos anarquistas resumir-se-ia a propaganda ideológica para de alguma maneira acelerar a chegada da emancipação. Ignora-se desta forma a ação de massas e suas lutas essencialmente econômicas, que são vistas com desconfiança por conta do caráter reformista e imediatista. Rompe-se assim claramente com o pensamento bakuninista, apesar de manter a defesa dos objetivos básicos do federalismo político e da autogestão social. Torna-se um anarquismo claramente intelectual e de certa forma *educacionista*, distanciando o anarquismo cada vez mais dos movimentos de massas.

Neste ponto centra-se uma divergência teórica entre evolucionismo e materialismo e também estratégica entre evolução e revolução. Divergência esta que

³⁵ GUERIN, 1968, p. 80

³⁶ WOODCOCK, 1981, p. 28

levará Kropotkin a negar a importância da atuação anarquista em associações políticas ou sociais (sindicais), que segundo ele, ambas restringem a espontaneidade que é automaticamente boa e orientada para o comunismo.

Os textos de Kropotkin e Reclus trazem uma determinada concepção de história. Evolução, progresso, revolução, ciência, determinismo, natureza, são conceitos presentes e fundamentais no anarco-comunismo. A revolução seria uma tendência natural e inevitável na história [...] Dentro desta idéia, evidentemente se despreza a necessidade de preparação da nova sociedade ou da projeção de formas de organização social; isso se daria espontaneamente. [...] Também observamos um evolucionismo – pelo viés da espécie, biológico – que se assemelha muito ao dos marxistas, trocando o “motor biológico” pelo desenvolvimento das forças produtivas.³⁷

É um rompimento não só com o materialismo bakuninista, mas também com a dialética que é considerada por Kropotkin como uma falsa ciência. É um rompimento teórico entre materialismo bakuninista e o evolucionismo natural. Decorrente deste rompimento resultará dois outros: o rompimento estratégico, no que tange à revolução a partir de uma ruptura ou da evolução natural; e no que tange à tática, entre a via aberta por Bakunin para a atuação de massas e a simples propaganda, onde se pode contatar uma teoria idealista que acredita que a idéia que move a história, que gera os fatos, em contraposição à teoria materialista assumida por Bakunin que dá primazia aos fatos sobre as idéias.

Nesta perspectiva não se exclui a associação espontânea das massas, mas relega ao anarquista o papel de contribuir teoricamente para estas associações e não necessariamente atuando dentro delas como membros da própria classe. Para esta corrente representada principalmente por Kropotkin e Reclus³⁸, a principal função do anarquismo é a propaganda: seja ela do comunismo ou da crítica ao modelo capitalista.

Provavelmente a maior contribuição de Kropotkin foi uma vasta literatura acerca do anarquismo, abordando diversos temas polêmicos e que influenciaram desde Malatesta, Nestor Makhno³⁹ e outros vários anarquistas, inclusive os presentes no *sindicalismo revolucionário* no início do século XX no Brasil, em especial sua obra

³⁷ MALATESTA, 2003, p. 19-20

³⁸ Coloca-se também Malatesta nesta corrente, mas este deve ser considerado em uma subcorrente dentro da mesma, o chamado anarco-comunismo organicista ou italiano.

³⁹ MINTZ, 2005, p. 53

intitulada *A Conquista do Pão*.⁴⁰ Além, é claro, desta corrente ter sido por um bom tempo a corrente hegemônica dentro do anarquismo.

Interessante notar que os anarquistas que se reivindicam enquanto comunistas libertários, iram adotar o esta corrente de maneira que as vezes se aproximam mais da concepção bakuninista, e em outros momentos mais deste anarco-comunismo “tradicional”.

Como exemplo desta diferenciação, podemos observar o que veio a ser conhecido como anarco-comunismo italiano, representado principalmente por Errico Malatesta e Luigi Fabbri. O modelo proposto por estes militantes se chocava com o modelo kropotkiniano quando se propunha a organização dos anarquistas em nível político específico com atuação nos movimentos de massas, além de uma valorização da atuação anarquista no nível social, mesmo sem abandonar a importância da propaganda defendida por Kropotkin.

Por outro lado, percebemos em Malatesta o estabelecimento do comunismo como fim ultimo, mas admitindo o coletivismo como um “período de transição”. Provavelmente o maior rompimento de Malatesta com Bakunin se dê no âmbito do método de análise da realidade, quando despreza a importância da teoria e aproxima Bakunin de Marx na análise do âmbito econômico.

Eu fui bakuniniano, como todos os camaradas de minha geração, infelizmente já distante no tempo. Hoje, depois de longos anos, não me considero mais como tal. Minhas idéias se desenvolveram e evoluíram. Hoje, penso que Bakunin foi muito marxista na economia política e na interpretação histórica. Creio que sua filosofia se debatia, sem conseguir sair, numa contradição entre a concepção mecanicista do universo e a fé na eficácia da vontade sobre os destinos do homem e da humanidade. Mas tudo isso importa pouco. As teorias são conceitos incertos e mutáveis. A filosofia geralmente faz hipóteses embasadas nas nuvens, e, em substância, tem pouca ou nenhuma influência sobre a vida. Eis porque Bakunin permanece sempre, apesar de todas as discordâncias possíveis, nosso grande exemplo inspirador.⁴¹

Além de Malatesta, podemos destacar também as lutas do Exército Insurrecional Makhovista no sul da Ucrânia durante a revolução russa. As lutas que se deram em

⁴⁰ Ver em Dulles, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

⁴¹ MALATESTA, 2008, p. 131-132

Golai-polé, tinham como principal expoente Nestor Makhno, um anarco-comunista que lutará principalmente junto aos camponeses contra os exércitos brancos da contra-revolução ao mesmo tempo que tem por linha política a coletivização das terras e o fortalecimento dos Sovietes. A *Makhovichina*, como ficou conhecida a região onde eles atuaram, foi destruída por uma investida do exercito vermelho sob o comando de Trotsky.⁴²

Após a fuga da Ucrânia, Makhno e outros militantes formaram o grupo *Dielo-Truda* (causa operária), e lançam o documento conhecido como *A plataforma organizacional dos Comunistas Libertários*, conclamando a necessidade da organização específica anarquista e aprofundando conceitos organizativos levantados por Bakunin como a disciplina, a unidade de ação, etc. A concepção anarco-comunista ucraniana se aproxima em grande parte à concepção bakuninista, se afastando assim da concepção kropotkiniana.⁴³

Convivendo junto com o anarco-comunismo, entra em cena o anarquismo “terrorista”, ou como ficou conhecido “a propaganda pelo fato”, que vislumbrava um ataque individual a indivíduos ou locais da classe burguesa. Esta modalidade de ação é condenada por vários outros anarquistas, inclusive Kropotkin. A partir de tais ações é retirado o caráter de ação de massas do anarquismo em nome da ação individual.

Esta atuação dos “anarquistas terroristas” é condenada por Fernand Pellouier⁴⁴, por afastar a classe trabalhadora, que desiludida com o socialismo parlamentar poderia se engajar fortemente nas fileiras anarquista. Por conta destes atentados Pellouier afirma que nenhum destes trabalhadores “ousava intitular-se intitular como anarquista por temer parecer optar pela revolta isolada, em prejuízo da ação coletiva”.⁴⁵

George Woodcock pontua que esta modelo de ação associado ao anarquismo, que tiveram seu ápice por volta de 1890, teve uma vida curta, e “pensar que o anarquista é um homem com uma bomba é o mesmo que considerar um católico como um

⁴² Ver MAKHNO Nestor. *A “Revolução” contra a Revolução: A revolução russa na Ucrânia*. São Paulo: Cortez, 1988.

⁴³ Ver MAKHNO Nestor. *Anarquia & Organização: Plataforma de organização e outros escritos*. São Paulo: Luta Libertária, 2001.

⁴⁴ Um dos anarquistas que irá aderir ao *sindicalismo revolucionário*.

⁴⁵ GUÉRIN, 1968, p. 81

dinamitador por causa de Guy Fawkes”.⁴⁶ Esta foi um método de ação político adotado por um pequeno número de indivíduos, mas que por conta de suas ações ganharam grande visibilidade.

O anarquismo irá retomar sua atuação junto às massas proletárias com a adesão ao *sindicalismo revolucionário* nascente da França. Edgard Carone pontua que “as correntes dominantes até os anos 1870-1880, a do “elogio ao terrorismo individualista” e as que vivem em “contínuas discussões acadêmicas”, dão lugar aos que acreditam que o sistema burguês só poderia ser abatido pelo proletariado organizado.”⁴⁷

Gaston Leval tenta buscar uma aproximação de Bakunin com o socialismo libertário, através de uma comparação de seus escritos acerca da Associação Internacional dos Trabalhadores e da Aliança da Democracia Socialista com a Carta de Amiens – a principal carta do sindicalismo revolucionário francês.⁴⁸ A partir da análise de Bakunin do papel fundamental das greves por conta de criarem uma identidade e consciência de classe explicitando também o antagonismo de classe, além da aglutinação dos trabalhadores pela questão econômica e visando a luta a partir da ação direta dos trabalhadores e não através de disputas eleitorais. De fato a atuação sindical dos socialistas libertários é um resgate do pensamento Bakuninista.

Assim, para compreender o anarquismo, torna-se extremamente falho acreditarmos que podemos extrair algumas partes do pensamento de cada corrente, isolando esta parte do todo, e assim chegar à sua compreensão. Isolar partes de um pensamento é tirá-lo de seu contexto e perder a possibilidade de compreensão de sua totalidade. Pois, muitos elementos do pensamento de uma corrente só têm sentido dentro da totalidade do pensamento desta corrente, isolados, se transformam em outra coisa.

Um exemplo disto é a idéia de liberdade individual, que para muitos historiadores do anarquismo, seria um princípio do anarquismo. Para os coletivistas, a liberdade do indivíduo é um produto coletivo, e, assim, só pode existir na sociedade e pela revolução da sociedade. Já os individualistas, quando falam em liberdade do

⁴⁶ WOODCOCK, 1981, p. 41

⁴⁷ CARONE, 1995, p. 132

⁴⁸ LEVAL, Gaston. *Bakunin: Fundador do Sindicalismo Revolucionário*. São Paulo: Imaginário; Faísca, 2007

indivíduo, falam em uma oposição entre indivíduo e sociedade e tratam toda coletividade como autoritária. Neste sentido, que princípio é este do anarquismo? Embora as palavras sejam as mesmas, “liberdade individual”, não se trata da mesma coisa. O conceito de liberdade, assim como vários outros conceitos, só pode ser compreendido no interior do pensamento total de cada corrente do anarquismo, sem isolá-los de seu contexto e de seus nexos.

Sendo assim, buscaremos uma construção inversa à forma majoritária de como é feita do anarquismo. A intenção não é buscar um conceito do que viria a ser esse anarquismo totalizante, mas possibilitar um estudo na concepção dos coletivistas, utilizando fundamentalmente os textos de Bakunin, já que sem dúvidas foi aquele que elaborou as idéias coletivistas e seus escritos estão mais acessíveis que o de seus companheiros. O resgate de forma sistemática de um esboço do programa revolucionário bakuninista se justifica pela falta de compreensão acerca do pensamento de Bakunin e de suas contribuições para o pensamento socialista e análise da sociedade.

Esta falta de entendimento da totalidade do pensamento de Bakunin é fruto, primeiramente, do modo como foi constituindo-se uma memória histórica sobre o anarquismo e os anarquistas. Uma memória que elevou ao extremo a distinção entre marxismo e anarquismo, fornecendo ao primeiro o máximo de organização, disciplina, ciência, análise materialista, e restando ao último apenas o idealismo, o espontâneo, o caótico.

É claro que, em parte, a falta de compreensão da totalidade do pensamento de Bakunin se deve a dois fatores de caráter intrínseco aos seus escritos: a fragmentação de sua obra e a complexidade de seu pensamento.

Para conhecermos o pensamento de Bakunin, precisamos revirar textos e textos fragmentados, que começam com um tema e terminam com outro, que apresentam detalhes sem aprofundá-los ou que iniciam um aprofundamento que é bruscamente interrompido. Tudo isto contribui para que grande parte de seus leitores não conheça o conjunto de seu pensamento, mas apenas fragmentos que são generalizados e causam, assim, sérias confusões.

Conhecer apenas fragmentos da obra de Bakunin torna-se um risco devido à complexidade de seu pensamento. Como disse o Coletivo Editorial Luta Libertária:

Compreender apenas parte daquilo que propugnava Bakunin não necessariamente contribui para o entendimento do que era de fato a proposta bakuninista. Pelo contrário, conhecer apenas parte do pensamento de Bakunin pode nos levar a enganos ... Ao generalizar um dos aspectos particulares do anarquismo de Bakunin, tornando-o absoluto, implicitamente expurgam outros prismas como algo estranho ao próprio bakuninismo. É desta forma que podemos encontrar nos escritos de Bakunin tanto textos que exaltam a espontaneidade, quanto textos que nos falam da necessidade de disciplina e unidade de ação.⁴⁹

Neste sentido, o objeto do presente trabalho se coloca na intenção de buscar uma compreensão do pensamento bakuninista em sua totalidade, levantando hipóteses e buscando sua fundamentação a partir de citações retiradas dos escritos do próprio autor.

⁴⁹ BAKUNIN, 2002, p. 100

CAPITULO II

Método de Análise

O método de análise se encontra entre o conjunto do que convencionamos chamar de teoria bakuninista, e no centro deles se encontram os dois fundamentos principais para análise da realidade formulados e utilizados por Bakunin: o materialismo e a dialética. Esses conceitos não devem ser confundidos com os conceitos marxistas.

O materialismo defendido por Bakunin se constitui na idéia de que a existência material precede a abstração, em outras palavras, de que a materialidade, os fatos, a vida produz as idéias, as representações, o conhecimento, colocando-se em oposição ao idealismo que afirma o contrário, que as idéias produzem os fatos, a vida material. Podemos afirmar ainda que o materialismo historicamente desenvolve-se junto ao socialismo.

O materialismo está baseado no homem real, no ser vivo em sua totalidade, tanto em suas necessidades orgânicas quanto em seus sentimentos e idéias. Bakunin diz o que entende por matéria:

Pelas palavras material e matéria, nós entendemos a totalidade, toda a escala dos seres vivos, conhecidos e desconhecidos, desde que os corpos orgânicos mais simples até a constituição e ao funcionamento do cérebro do maior gênio: os mais belos sentimentos, os maiores pensamentos, os feitos heróicos, os atos de devoção, tanto os deveres como os direitos, tanto o sacrifício como o egoísmo, tudo, até as aberrações transcendentais e místicas de Mazzini, do mesmo modo que as manifestações da vida orgânica, as propriedades e as ações químicas, a eletricidade, a luz, o calor, a atração natural dos corpos, constituem aos nossos olhos tantas evoluções, sem dúvida, diferentes, mas não menos estreitamente solidárias, desta totalidade de seres reais a que chamamos matéria.”⁵⁰

O idealismo, ao contrário, toma o ser vivo real, em sua existência material, em seus sentimentos e idéias como nulo. Ele parte do ideal, de Deus, do pensamento, da consciência, da abstração. Assim, Bakunin combatia o idealismo por considerar este como a racionalidade própria à legitimação de todos os modelos sociais de opressão da história.

⁵⁰ BAKUNIN, 2002, p. 49

A concepção materialista de Bakunin está intimamente vinculada às necessidades políticas daqueles que ele considerava os sujeitos da revolução: o proletariado.

Ora, quem parte da idéia abstrata nunca chegará à vida, pois da metafísica à vida não existe caminho. Um abismo as separa. E saltar por cima deste abismo é executar o *salto mortale*⁵¹, ou o que o próprio Hegel chamava, salto qualitativo do mundo lógico ao mundo natural; ninguém até agora conseguiu realizá-lo, e nunca conseguirá. Quem se apóia na abstração, nela encontrará a morte.

A maneira viva, concretamente racional de avançar, no domínio da ciência, é ir do fato real à idéia que o abarca, o exprime, e por isso mesmo, o explica: e, no domínio prático, ir da vida social à maneira mais racional de organizá-la, de acordo com as indicações, condições, necessidades e exigências mais ou menos apaixonadas da própria vida.

Este é o amplo caminho do povo, o caminho da emancipação real e a mais completa, acessível a todos e, desta forma, na verdade, popular, o caminho da revolução social anarquista eclodindo por si mesma no povo, destruindo tudo o que se opõe ao fluxo impetuoso da vida do povo, a fim de que deste, das profundezas do seu ser, sejam em seguida criadas as novas formas de uma comunidade livre.⁵²

O materialismo bakuninista se firma então dentro de um contexto histórico, utilizando de conceitos teóricos que nascem na empiria e retornam na tentativa de análise deste processo histórico, recorrendo à análise de seu passado e presente buscado o estabelecimento de tendências mais ou menos estabelecidas para enfim buscar alternativas do que isto possa vir a ser.

O materialismo utiliza-se do conceito de luta de classes, de maneira que se torna uma teoria crítica a partir do momento que não se preocupa em analisar os fatos e justificá-los. Busca sim compreender os fatos e busca alternativas para uma transformação a partir do ponto de vista do proletariado.

Para Bakunin, era preciso perceber o homem não enquanto um movimento da consciência pura, mas o homem real a partir de suas relações materiais. Neste sentido, a base real do homem, isto é, a condição de existência de todas as outras faculdades humanas, está assentada em duas necessidades fundamentais: a necessidade de garantir os meios de sua existência e a necessidade de reproduzi-la.

Para se conservar, tanto o animal como o indivíduo tem que comer, e, como espécie, tem de se reproduzir. Eis a primeira base da vida real,

⁵¹ Em italiano no original. (N.T.)

⁵² BAKUNIN, 2003, p. 165

comum a todas as espécies animais desde as mais inferiores, até ao homem. Todas as outras faculdades e paixões só podem se desenvolver com a condição destas duas necessidades primordiais estarem satisfeitas. É a lei soberana da vida à qual nenhum ser vivo saberia subtrair-se.⁵³

No que tange à idéia dialética, Bakunin defende que a sociedade permanece em constante conflito, e que este conflito, esta luta, são constantes e permanentes dentro da sociedade. Rompe-se com o modelo dialético hegeliano e se difere da concepção dialética marxista, que em termos gerais entende a que contradição entre tese e antítese é superada por uma síntese.

A dialética bakuninista compreende a tese, ou lado positivo, manifesta-se como quietude absoluta; e a antítese, ou lado negativo, elemento dinâmico da dialética, por natureza tende a caracterizar sua existência pela negação absoluta da tese, não permitindo síntese harmônica. A revolução social seria então a negação da estrutura social atual e, portanto, a sua superação.

Invertendo a primazia de Hegel pela positividade, Bakunin acentua a negatividade como força criativa, trazendo as abstrações dialéticas para a esfera da prática revolucionária. O novo na história surge pela completa destruição do velho.⁵⁴

Esta concepção de análise da realidade histórica a partir do materialismo e da dialética, acima conceituados, é o que leva a teoria bakunista a buscar uma revolução que vise destruição não só da propriedade privada, mas que ao mesmo tempo se destrua o Estado, por considerar que deve ser destruída toda esta estrutura para a partir daí construir a nova sociedade.

Reduzir assim a crítica anarquista a somente uma crítica política, ao Estado, é resumir toda uma gama de propostas que estes propagavam e renegar a teoria bakunista em sí. Fica claro o apontamento de um ataque a esta sociedade “burguesa” em duas frentes: Política através da destruição do Estado e Econômica com o fim da propriedade privada.

Quem tem razão, os idealistas ou os materialistas? Uma vez feita a pergunta, a hesitação se torna impossível. Sem dúvida, os idealistas estão errados e os materialistas estão certos. Sim, os fatos tem primazia sobre as idéias; sim, o ideal, como disse Proudhon, nada

⁵³ BAKUNIN, 2002, p. 49

⁵⁴ NORTE, 1988, p. 26

mais é do que uma flor; cujas condições materiais de existência constituem a raiz. Sim, toda a história intelectual e moral política e social da humanidade é um reflexo de sua história econômica.⁵⁵

Esta concepção de que a economia exerce uma determinação sobre o político e o ideológico é analisado dialeticamente, já visto que é reconhecida a importância da economia em sua teoria. Bakunin analisa a economia e a política fazendo também uma crítica ao que considera um economicismo presente em Marx:

O Estado político de todo país, diz ele [Marx], é sempre o produto e a expressão fiel de sua situação econômica, para mudar o primeiro, basta transformar este último. Todo o segredo das evoluções históricas segundo o Sr. Marx está aí. Ele não leva em consideração nenhum outro elemento da história (...). Ele diz: 'a miséria produz a escravidão política', mas não permite inverter esta frase e dizer: A escravidão política, o Estado, por sua vez, reproduz e conserva a miséria, como uma condição de sua existência; assim, para destruir a miséria é preciso destruir o Estado.⁵⁶

Sendo assim, as condições econômicas produzem a política e o intelecto, estes, por sua vez, (re) produzem a economia. Neste sentido se coloca como primordial a luta econômica, sendo a destruição do estado inevitável para garantir a vitória do proletariado e a concretização desta transformação.

Cabe ainda fazer uma ressalva de como Bakunin resumidamente analisa o Estado:

Estado quer dizer dominação, e toda dominação supõe a subjugação das massas e, desta forma, sua exploração em proveito de uma minoria governamental qualquer.

Não admitimos, nem mesmo como transição revolucionária, as Convenções Nacionais, as Assembléias Constituintes, os governos provisórios ou as ditaduras pretensamente revolucionárias; porque estamos convictos de que a revolução só é sincera, honesta e real, nas massas, e que, quando ela se encontra concentrada nas mãos de alguns indivíduos governantes, torna-se inevitável e, imediatamente, reação.⁵⁷

A conclusão bakuninista é que o Estado é determinado por uma base econômica, na qual está contida a divisão social em classes econômicas, e que a serviço de uma classe ele é instrumento de opressão para garantir o controle de uma classe sobre a outra. O Estado seria capaz de reconstituir as relações de exploração e dominação

⁵⁵ BAKUNIN, 2000, p. 14

⁵⁶ BAKUNIN, 2001, p. 39

⁵⁷ Idem, ibidem, p.17

mesmo com a alteração da estrutura econômica e, portanto, também ele precisaria ser destruído.

É neste ponto que se dá um grande debate acerca do Estado entre Bakunin e Marx. Ambos concordam na análise de que Estado esta a serviço de uma classe, mas dividem-se na possibilidade de sua utilização, e esta divergência acaba-se por se fundar na própria caracterização da maquina estatal. Ao contrário de Marx, Bakunin não vê a possibilidade de utilização do Estado nem em um estagio de transição, mesmo que controlado pelo proletariado.

Bakunin argumenta que se a revolução visa acabar com a divisão de classes sociais dentro da sociedade – e este objetivo finalista é comum também em Marx – não haveria a necessidade de um Estado para governar em nome do proletariado, pois este Estado, ao contrário da teoria marxista, não iria se definhando a medida que se fossem estabelecendo bases mais sólidas para o controle direto do proletariado, o Estado teria por função principal perpetuar sempre a si mesmo.

Dentro da teoria Bakuninista o Estado não morre por si só, ele tem de ser morto. Nesta perspectiva garantir o Estado é garantir a dominação deste sobre as massas que não o compõem, pois se o compusesse, segundo Bakunin, não existiria o Estado. Bakunin encara que as funções que são atribuídas ao Estado, podem e devem ser assumidas por toda a sociedade, no que concerne à organização e administração política, econômica⁵⁸, ou mesmo a defesa da revolução através do povo em armas.

Este mesmo Estado, sendo mantido em um período revolucionário, acarretaria a formação de uma burocracia que logo se tornaria em uma classe privilegiada que procuraria se perpetuar no poder, paralisando a revolução e tornando a *Ditadura do Proletariado* em mais uma forma de dominação e exploração das massas proletárias, resultado do aparecimento do que Bakunin irá chamar de *burocracia vermelha*.

Bakunin rompia assim com o idealismo de Hegel por considerar que o grande equívoco da dialética Hegeliana era justamente sua metafísica. Bakunin passa a defender então uma dialética materialista, por isso, para Bakunin “todo

⁵⁸ Ver, respectivamente, os tópicos “A Igualdade Política” e “A Igualdade Econômica”.

desenvolvimento implica necessariamente uma negação”.⁵⁹ A humanidade é o desenvolvimento supremo da animalidade, e, portanto, a sua negação. Justificando assim a afirmativa de que “A ânsia de destruir é também uma ânsia de criar”.⁶⁰

A partir do materialismo, Bakunin analisa a economia como base do sistema capitalista, tendo a exploração do trabalho uma de suas bases. Partindo desta análise afirma-se a importância do *trabalho coletivo*, chegando à conclusão de que o trabalho coletivo criou e cria todas as riquezas e a liberdade humana. O homem se emancipa da sua condição de animal escravo da natureza e desenvolve o pensamento e o controle sobre as forças naturais através do trabalho.

O homem só se emancipa da pressão tirânica, que sobre todos exerce a natureza exterior, pelo trabalho coletivo; isto porque o trabalho individual, impotente e estéril, nunca poderia vencer a natureza.⁶¹

Assim, o trabalho passa a ser exercer um papel de grande importância nesta teoria, que analisa a realidade mundial do século XIX através do conflito entre o capital e o trabalho, isto é, um conflito de classes: a burguesia e as massas proletárias.

O trabalho produtivo, aquele que criou todas as riquezas e toda a nossa civilização, sempre foi um trabalho social, coletivo; apenas, até o presente, ele foi iniquamente explorado por indivíduos em detrimento das massas operárias.⁶²

O homem produz as riquezas através do trabalho e a contradição de classes surge justamente da exploração de uma minoria sobre o trabalho coletivo. Assim, a sociedade capitalista se fundamenta na separação entre o capital e o trabalho, isto é, a exploração da burguesia sobre o trabalho das massas proletárias.

Caros amigos, seguramente não preciso vos provar, a vós que aprendestes a conhecer por longa e dura experiência as misérias do trabalho, que enquanto o capital permanecer de um lado, e o trabalho do outro, o trabalho será escravo do capital, e os trabalhadores, os governados dos Senhores burgueses, que vos dão por irrisão todos os direitos políticos, todas as aparências de liberdade, para conservar a realidade desta liberdade exclusivamente para eles mesmos.⁶³

⁵⁹ BAKUNIN, 2002, p. 97

⁶⁰ BAKUNIN, *in*. WOODCOCK, 1981, p. 35

⁶¹ BAKUNIN, 2002, p. 32

⁶² *Idem*, *ibidem*, p. 32

⁶³ BAKUNIN, 2002, p. 30

O conceito de luta de classes torna-se também central. Bakunin compreendia a realidade mundial do século XIX através do conflito entre duas classes hegemônicas: a burguesia e as massas proletárias.

*Organizar a sociedade de tal forma que todo indivíduo, homem ou mulher, que nasça, encontre meios aproximadamente iguais para o desenvolvimento de suas diferentes faculdades e para sua utilização em seu trabalho; organizar uma sociedade que, tornando a todo indivíduo, qualquer que seja, a exploração do trabalho alheio impossível, deixe cada um participar do gozo das riquezas sociais, que só são produzidas, na realidade, pelo trabalho, desde que tenha diretamente contribuído a produzi-las pelo seu.*⁶⁴

A resolução deste conflito para Bakunin, a partir de sua dialética, se dava com o fim da propriedade privada e da exploração do trabalho do homem pelo próprio homem. O novo modelo de organização econômica então teria de propiciar iguais condições de desenvolvimento para cada indivíduo, buscando o máximo de desenvolvimento de suas potencialidades e de sua liberdade. O modelo proposto leva em conta o trabalho coletivo, onde não permitiria também a exploração dos que em nome da “liberdade”, escolhessem não trabalhar e produzir, visando o avanço de toda a sociedade.

Diferente dos anarco-comunistas dos anos de 1889, ele [Bakunin] não acreditava na máxima: *De cada um, de acordo com seus meios; para cada um de acordo com suas necessidades*, mas numa forma radicalmente diferente: *De cada um, de acordo com seus meios; para cada um, de acordo com suas ações.*⁶⁵

A partir de sua teoria, Bakunin analisa que a força da burguesia foi fundada por dois grandes eventos históricos: a revolução religiosa do século XVI, conhecida sob o nome de Reforma, e a grande revolução política do século XVIII – a Revolução Francesa.

A Revolução Francesa, que foi feita em nome da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, na realidade resultou na emancipação exclusiva da burguesia e na miséria da classe trabalhadora.

Como é possível, portanto, que uma Revolução que se havia anunciado de maneira tão ampla tenha resultado miseravelmente na emancipação exclusiva, restrita e privilegiada, de uma única classe,

⁶⁴ BAKUNIN, 1988, p. 36

⁶⁵ WOODCOCK, 2002, p. 183

em detrimento desses milhões de trabalhadores que se encontram hoje esmagados pela prosperidade insolente e iníqua dessa classe?⁶⁶

Esta exclusiva emancipação de uma classe, a classe burguesa, se tornou possível porque a revolução francesa foi uma revolução exclusivamente política. Ela não transformou a estrutura econômica.

Ah! É que esta Revolução foi apenas uma revolução política. Ela havia audaciosamente derrubado todas as barreiras, todas as tiranias políticas, mas havia deixado intactas – havia inclusive proclamado sagradas e invioláveis – as bases econômicas da sociedade, que foram a fonte eterna, o fundamento principal de todas as iniquidades políticas e sociais, de todos os absurdos religiosos passados e presentes.⁶⁷

A Revolução Francesa, assim, proclamou a liberdade de todos, mas tornou livre realmente somente a burguesia. Somente os capitalistas tinham os meios reais para a realização da liberdade.

Desta forma, enquanto a Grande Revolução decretou uma liberdade fictícia, ilusória, ideal, Bakunin irá buscar nas condições materiais de existência a verdadeira liberdade e perceber que a separação entre o capital e o trabalho, isto é, entre os detentores do capital e os produtores diretos, significa a escravidão do trabalhador e domínio da burguesia. Significa antes de tudo, conflito inconciliável entre estas duas classes.

A Liberdade

*“Que a liberdade sem o socialismo é o privilégio, a injustiça; e que o socialismo sem liberdade é a escravidão, a brutalidade.”*⁶⁸

A liberdade é um princípio que dá o norte de todo o pensamento bakuninista. O enfoque político, econômico e cultural está amplamente permeado por este princípio que serve como guia para construção de suas propostas e a realização de suas ações. Mas que conceito de liberdade é este?

⁶⁶ BAKUNIN, 2002, p. 29

⁶⁷ Idem, ibidem, p. 29

⁶⁸ BAKUNIN, 1988, p. 38

O próprio conceito de liberdade nasce a partir de seu método materialista, e também a partir desse método a crítica às ideologias burguesas. O conceito de liberdade dos metafísicos burgueses, que dentre os principais se encontra Rousseau, estava baseado na idéia de que a liberdade só era possível antes da sociedade em um estado natural do homem.

Já para Bakunin, o homem “é por natureza um ser social”⁶⁹ e conseqüentemente a liberdade só pode ser construída coletivamente, dentro da sociedade, e não individualmente na natureza.

Imaginaí um homem dotado pela natureza das faculdades mais geniais, jogado desde sua primeira infância fora de toda sociedade humana, em um deserto. Se ele não será um animal, um macaco, privado de fala e de pensamento...⁷⁰

A liberdade só nasce com o contato com o outro, com suas relações; “o homem animal só se transforma em ser humano, quer dizer, pensante, pela conversação, nesta conversação”⁷¹. Desta forma a liberdade de um não termina onde começa a do outro, mas é sim, o outro, que eleva sua liberdade. A liberdade de um depende da convivência e da liberdade do outro, elas nascem juntas.

Para Bakunin, a liberdade é a possibilidade real de desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, sendo elas materiais, morais e intelectuais.

Mas o que constitui o fundamento real e a condição positiva da liberdade? É o desenvolvimento integral e a plena fruição de todas as faculdades corporais, intelectuais e morais para todos. São, conseqüentemente, todos os meios materiais necessários à existência humana de todos; são, em seguida, a educação e a instrução. Um homem que morre de inanição, que se encontra esmagado pela miséria, que se acaba, a cada dia, de frio e de fome, e que, vendo sofrer todos aqueles a quem ama, não pode socorrê-los, não é um homem livre, é um escravo. Um homem condenado a permanecer toda sua vida um ser brutal, por falta de educação humana, um homem privado de instrução, um ignorante, é necessariamente um escravo; e se ele exerce seus direitos políticos, podeis estar certos de que, de maneira ou de outra os exercerá sempre contra ele mesmo, em proveito de seus exploradores, de seus senhores.⁷²

⁶⁹ BAKUNIN, 2002, p. 31

⁷⁰ BAKUNIN, 2002, p. 32

⁷¹ BAKUNIN, idem, ibidem

⁷² BAKUNIN, 2002, p. 31

Esta é para Bakunin, a condição positiva da liberdade; que os homens não têm apenas o direito de ser livre, mas quando estes tiverem as plenas condições econômicas e políticas – e *a posteriori* moral e intelectualmente – para que de fato possa exercê-la. Segundo Bakunin, enquanto houver a exploração do trabalhador esta a condição de liberdade não estará completa, levando-o a ser um escravo.

A liberdade para Bakunin é, portanto, um produto coletivo. Não é possível uma liberdade isolada de um único indivíduo. A liberdade só se realiza quando cada indivíduo encontra a sua liberdade confirmada e estendida na liberdade de todos.

A liberdade dos indivíduos não é absolutamente um fato individual, é um fato, um produto, coletivo. Nenhum homem poderia ser livre fora e sem o concurso de toda a sociedade humana.⁷³

A condição negativa da liberdade para Bakunin é a negação da autoridade que se firma na não existência de dirigentes e dirigidos. Ela só pode ocorrer quando os homens determinarem seus atos pela sua própria vontade e não como imposição de um grupo ou uma classe.

A condição negativa da liberdade é a seguinte: nenhum homem deve obediência a outro; ele só é livre sob a condição de que todos seus atos sejam determinados, não pela vontade de outros homens, mas por suas próprias convicções.⁷⁴

Na sociedade capitalista esta condição negativa de liberdade, em que cada homem tenha encontrado no coletivo a não obrigação de obedecer a chefes é impossível. Como o próprio Bakunin afirma:

Mas um homem a quem a fome obriga a vender o seu trabalho, e, com seu trabalho, sua pessoa, pelo mais baixo valor possível, ao capitalista que consente em explorá-lo; um homem que sua própria brutalidade e sua ignorância abandonam à mercê de seus sábios exploradores, será, necessariamente e sempre, um escravo.⁷⁵

A partir do materialismo ele constata a importância do trabalho coletivo e da importância deste trabalho para o desenvolvimento social mais uma condição positiva de liberdade. Torna-se central novamente as massas proletárias na concepção

⁷³ Idem, ibidem, p. 31

⁷⁴ Idem, ibidem, p. 31

⁷⁵ BAKUNIN, 2002, p. 31

bakuninista, verificando a “impossibilidade da liberdade política sem igualdade política. Impossibilidade desta, sem igualdade econômica e social”.⁷⁶

A liberdade para Bakunin, isto é, os meios reais de desenvolvimento das potencialidades humanas só podem ocorrer com uma transformação em todos os níveis da sociedade. Não adianta uma transformação política sem uma transformação econômica. Isto a Revolução Francesa já provou, não transforma a realidade do trabalhador de maneira a emancipá-lo enquanto classe social. Também não adiantaria uma transformação somente econômica e não política, pois manter o Estado seria recriar as condições de exploração econômica e manter a divisão de classes.

No que diz respeito à organização política, a defesa incondicional da liberdade se reflete na luta contra a centralização do poder, propondo o federalismo como alternativa, que concilia a relação dialética entre indivíduo e sociedade e, conseqüentemente, garante a descentralização política. Ao mesmo tempo em que a miséria decorrente da exploração do trabalhador gera a escravidão do mesmo, sendo necessária então a coletivização dos meios de produção e de sua distribuição através da federalização das associações produtivas, de forma a garantir a todos as condições básicas de exercerem sua liberdade. E por fim, a educação integral de maneira que acabe com a separação do trabalho manual e atenda as necessidades morais e intelectuais, colocando o conhecimento a serviço da sociedade.

A Igualdade Econômica... Ou o Coletivismo

O coletivismo é a socialização dos meios de produção, com o fim da propriedade privada e sob o controle das massas através de uma estrutura descentralizada e horizontal, garantindo assim a igualdade econômica e política e conseqüentemente a liberdade.

A concepção bakuninista de transformação econômica da sociedade, a partir de seu ponto de vista materialista, recebe contornos concretos que coloca este tema como

⁷⁶ BAKUNIN, 1999, p. 68

fundamental nesta teoria, deixando claro seu caráter socialista libertário e a importância desta transformação econômica para que o indivíduo atinja sua liberdade e a igualdade.

Primeiro não se trata de eliminar as diferenças entre os indivíduos. Cada indivíduo é único e a diversidade é justamente a riqueza da humanidade. Em segundo lugar, não se trata de igualar as fortunas materiais dos indivíduos, isto é, fazer com que todos tenham o mesmo tanto de riqueza produzida pelo trabalho.

A igualdade não implica o nivelamento das diferenças individuais, nem a identidade intelectual, moral e física dos indivíduos. Esta diversidade das capacidades e das forças, estas diferenças de raça, de nação, de sexo, de idade e de indivíduos, longe de ser um mal social, constitui, ao contrário, a riqueza da humanidade. A igualdade econômica e social não imploca também o nivelamento das fortunas individuais, enquanto produtos da capacidade, da energia produtiva e da economia de cada um.⁷⁷

Bakunin compreende as diferenças individuais e sua pluralidade ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade de uma efetiva reorganização sócio-econômica pós-revolução, observando ainda que de início os valores e a moral burguesa persistiram e não haveria uma abundância material para se fazer a distribuição de acordo com a necessidade de cada um independente do que ele produzisse.

Neste momento existe, segundo Bakunin, uma grande necessidade de se afirmar a importância do trabalho coletivo, social, para a construção desta nova sociedade. Há também uma mudança do conceito de trabalho, já que não será mais um trabalho fundado na *exploração do homem pelo próprio homem*, mas consolidado nas livres e federadas associações de produção. Transforma-se assim a concepção do que vem a ser trabalho.

Trabalho é a base fundamental da dignidade e do direito humano. Pois é unicamente pelo trabalho livre e inteligente que o homem cria o mundo civilizado, tornando-se por sua vez criador e conquistando sua humanidade e seu direito sobre o mundo exterior e sobre sua própria animalidade.⁷⁸

A igualdade econômica e social para Bakunin é a igualdade enquanto ponto de partida, isto é, a igualdade enquanto a organização sócio-econômica que propicie a

⁷⁷ BAKUNIN, 1999, p. 94

⁷⁸ BAKUNIN, 1999, p. 82

todos os homens os meios iguais e reais para o desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais, materiais e morais.

A igualdade e a justiça reclamam unicamente: uma tal organização da sociedade que todo indivíduo humano encontre ao nascer, embora isto dependa não da natureza mas da sociedade, meios iguais para o desenvolvimento de sua infância e de sua adolescência até a idade de sua virilidade. Meios iguais primeiro para a sua educação e sua instrução, e mais tarde para o exercício das forças diferentes com que a natureza terá agraciado a cada um para o trabalho.⁷⁹

Assim, para Bakunin esta igualdade será completa no início da vida de cada indivíduo, dando iguais condições para seu desenvolvimento e para sua construção social. O indivíduo tem sua liberdade inclusive para não trabalhar, ficando assim desprovido de seus direitos políticos e sociais, nem sequer recebendo parte da distribuição dos produtos, já que o que ele teria direito seria na medida em que ele tivesse contribuído com o mesmo.

Segundo Bakunin “a terra com todas as suas riquezas naturais, é propriedade de todo mundo, mas será possuída apenas por aqueles que a cultivarem”.⁸⁰ Desta forma, somente os trabalhadores têm os direitos sociais e políticos, e somente os trabalhadores colherão os frutos produzidos coletivamente.

Na concepção de Bakunin, todo indivíduo que vive do trabalho de outro é um explorador, e reconhecendo o trabalho como criador da dignidade humana e de sua liberdade, os direitos políticos ficariam restritos aos trabalhadores. O homem, neste sentido, também não poderá viver de rendas, já que a posse da terra será de quem nela trabalha.

Para que isto ocorra, Bakunin defende a extinção da propriedade privada e a socialização da produção através das federações de associações produtivas. Para a extinção da exploração do trabalho coletivo, é fundamental a eliminação da propriedade privada e a imediata substituição desta pela propriedade coletiva. Enquanto este tipo de propriedade existir, existirá conjuntamente a divisão entre capital e trabalho, mantendo-se assim os privilégios e conseqüentemente a desigualdade social.

⁷⁹ BAKUNIN, 2002, p. 94

⁸⁰ BAKUNIN, 1999, p. 88

Parte-se do pressuposto que para o homem viver em liberdade, ninguém pode ter o poder sobre o trabalho de ninguém. Para se viver livre, segundo Bakunin, faz-se necessária a igualdade econômica e política, que só acontecerá após a eliminação da propriedade privada e a completa socialização dos meios de produção, de forma que os instrumentos de produção e os produtos da propriedade coletiva sejam revertidos para os trabalhadores que neste momento constituíram toda a sociedade, sem mais haver uma diferenciação de classes sociais.

Sem nenhuma espoliação, mas pelos esforços e pelas forças econômicas das associações operárias, o capital e os instrumentos de trabalho se tornarão propriedade dos que os utilizarem para a produção de riquezas pelo seu próprio trabalho.⁸¹

A organização da produção e distribuição se concretizaria a partir das associações produtivas, que serão as proprietárias do capital que lhes são necessárias para o desenvolvimento das atividades. Essas associações funcionarão como uma união livre dos trabalhadores de determinado ramo produtivo que organizarão a sua produção a fim de contemplar toda a sociedade.

É justamente nesta questão da propriedade coletiva que está presente uma das principais divergências entre Proudhon e Bakunin. Proudhon achava que alguma forma de propriedade familiar deveria existir, enquanto Bakunin propunha a total socialização da propriedade. O federalismo é recorrente em ambos.

Outro ponto de grande importância no pensamento bakuninista é o da *extinção do direito de herança*, ponto este que causou muitos debates dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores, e que faz-se necessário abordá-lo por que para Bakunin ele é uma espécie de sustentáculo do socialismo como novo modelo econômico, é uma garantia para que não haja concentração de riquezas e o reforço do trabalho coletivo.

Nesta perspectiva, para chegar à igualdade econômica e social proposta, o direito de sucessão e de propriedade devem ser abolidos. Devem ser extintos: a herança de cargos, fortunas, honras, propriedade, etc. O homem, para Bakunin, deve ser fruto de suas próprias obras.

... devemos repudiar a hereditariedade fictícia da virtude, das honras e dos direitos, assim como a da fortuna. O herdeiro de uma forma

⁸¹ BAKUNIN, 1999, p. 69

qualquer não é mais o filho de suas obras e, em relação ao ponto de partida, é um privilegiado.⁸²

Enquanto existir este direito, haverá uma classe que detém a propriedade e que as transmite para seus filhos, gerando assim uma concentração de propriedade nas mãos de alguns que se não iniciarem uma tentativa de obter rendas através de suas propriedades ou do trabalho de outrem nas mesmas, irão no mínimo criar uma nova diferenciação social entre a classe dos proprietários e a classe dos deserdados.

A abolição do direito de herança, neste sentido se torna fundamental para a extinção das classes sociais.

Enquanto este direito existir, a diferença hereditária das classes, das posições, das fortunas, a desigualdade social e o privilégio substituirão, senão de direito ao menos de fato, por uma lei inerente à sociedade que produz sempre a igualdade dos direitos...⁸³

Sendo assim, cada um se constrói socialmente, através de seu trabalho. A desigualdade que seria construída a partir do direito de sucessão, sendo este abolido, ainda permanecerá, mesmo que consideravelmente diminuída, mas de forma que esta desigualdade se dará apenas pelas diferenças produtivas de cada um.

Bakunin em sua obra *O Catecismo Revolucionário* faz uma rápida análise do trabalho ao transcorrer em parte da história. Analisa assim a visão que é dada ao trabalho no decorrer dos tempos.

Inicia a análise a partir do mundo antigo, que teve seu trabalho condicionado a escravos, para que uma minoria pudesse se *humanizar* a partir do estudo das artes, das ciências e do direito em seu “ócio criativo”. Segundo Bakunin, este princípio fundamental da civilização antiga foi a causa da sua ruína, concluindo sua análise afirmando que por conta da desorganização das cidades decorrentes da ociosidade de seus cidadãos, caiu sob os “bárbaros, aos quais, por nascimento, haviam pertencido em grande parte estes escravos”.⁸⁴

Posteriormente analisa o trabalho no feudalismo, onde aos nobres era dada a função das armas e do governo, que juntamente com a Igreja viviam cercados de

⁸² BAKUNIN, 1999, p. 96

⁸³ BAKUNIN, 1999, p. 95

⁸⁴ BAKUNIN, 1999, p. 82

riquezas, enquanto a maior parte da população vivia em um regime de servidão. E termina dizendo que este mundo caiu *sob os golpes dos servos*.

E chega à sua contemporaneidade afirmando que os trabalhadores ainda permaneciam como escravos por conta de sua situação econômica que os obrigava a se vender pelo mais baixo preço aos capitalistas. Uma desigualdade não só econômica como também política e social. Para se libertar deste regime de desvalorização do trabalho coletivo e concretizar uma emancipação não só política e econômica é que Bakunin defende o fim da separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

Separação feita e que vigora ainda hoje, entre trabalho intelectual e o trabalho manual e que, reproduzindo sob uma nova forma a antiga desigualdade, divide novamente o mundo social em dois campos: a minoria privilegiada, de ora em diante, não mais pela lei, mas pelo capital, e a maioria dos trabalhadores forçado, não mais pelo direito iníquo do privilégio legal, mas pela fome.⁸⁵

O trabalho intelectual, que é apropriado pelos privilegiados capitalistas, compreende “(...) as ciências, as artes, a idéia, a concepção, a invenção, o cálculo, o governo e a direção geral ou subordinada das forças operárias”.⁸⁶ O trabalho manual, de que se ocupa o povo, se define pela execução manual reduzida a uma ação puramente mecânica, desprovida de inteligência..

Segundo Bakunin, esta divisão do trabalho em dois níveis acarreta males para a sociedade. Os burgueses tornam-se cada vez mais mesquinhos no mundo intelectual e moral, pois “(...) todo lazer privilegiado, longe de fortificar o espírito, o debilita, o desmoraliza e o mata”.⁸⁷ Assim, o burguês acaba por tornar o seu tempo livre em “(...) ociosidade, corrupção, desregramento, ou ainda servirá dele como de uma arma terrível para submeter ainda mais as classes operárias (...)”.⁸⁸

O povo é embrutecido com a divisão do trabalho. Ela torna o trabalho algo privado de inteligência e de lazer e, portanto, algo que o degrada. “(...) ele trabalha para

⁸⁵ Idem, ibidem, p. 83

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 99

⁸⁷ Idem, ibidem, p. 100

⁸⁸ BAKUNIN, 1999, p. 101

outrem, e seu trabalho, privado de liberdade, de lazer e de inteligência, e por isso mesmo aviltado, o degrada, o esmaga e o mata”.⁸⁹

A produção da sociedade também sofre com esta separação entre trabalho intelectual e manual. A força bruta separada da inteligência e a inteligência separada da força física são incapazes de produzir o quanto poderia se esta separação não existisse.

Seria também uma maneira de manter o povo escravizado a partir de seu trabalho exclusivamente manual, deixando que outros elaborassem as idéias às quais eles deveriam seguir.

Bakunin propõe, assim, o surgimento de uma única ação produtiva: todos trabalham e todos pensam.

Quando o homem de ciência trabalhar e o trabalhador pensar, o trabalho inteligente e livre será considerado como o mais belo título de glória para a humanidade, como a base de sua dignidade, de seu direito, como a manifestação de seu poder humano na terra; e a humanidade será constituída.⁹⁰

A Igualdade Política... Ou o Federalismo Anarquista

*Sem igualdade política não há liberdade política real, mas a liberdade política só se tornará possível quando houver igualdade econômica e social.*⁹¹

Quando se remete ao conceito de federalismo em Bakunin não se deve automaticamente ligar ao conceito de federalismo dentro de uma sociedade capitalista, como temos em vários países, tendo como exemplo o Brasil que se constitui em uma república federativa. Quando se analisa as federações dentro da sociedade capitalista, observamos uma questão meramente administrativa, que se distingue fundamentalmente do federalismo anarquista no que tange às relações políticas e econômicas baseadas nas relações econômicas capitalistas e no centralismo estatal – que por sua vez decorrem em uma série de incompatibilidades com o sistema federalista proposto.

⁸⁹ BAKUNIN, 1999, p. 101

⁹⁰ BAKUNIN, 1999, p. 104

⁹¹ BAKUNIN, 1999, p. 79

Este federalismo ao qual iremos abordar visa à organização sócio-política imediata no momento da ruptura revolucionária, não desvinculando assim os meios de seus fins. Bakunin defende a destruição do Estado, mas entende que a sociedade não se organizaria espontaneamente após a derrubada desse estado e para isto propõe ao só uma alternativa de organização sócio-política, como também entende como essencial para sua efetivação a socialização econômica. Assim sendo ampliado o conceito de socialização também para a política: o federalismo representaria assim a socialização plena das decisões políticas.

O federalismo seria assim a possibilidade real de decisão da sociedade sobre todos os aspectos da vida que nos cercam. Parte-se do princípio de que as decisões não deveriam ser referentes apenas à produção, mas que abrangesse então a política, a educação, a cultura e as ciências.

O anarquista francês Proudhon é quem formulará as primeiras diretrizes do Federalismo, e que posteriormente serão mais desenvolvidas por Bakunin. Pode se dizer que Proudhon cria as bases do federalismo pensando na forma de produção feudal, focando no camponês, enquanto Bakunin se esforçará para pensar o federalismo já analisando o modo de produção manufatureiro e industrial, ou seja, em sociedades que se tornam por sua vez mais complexas forçando que este último desenvolva o federalismo proudhoniano com um foco no operariado moderno e na indústria.

Proudhon, em seu livro *Do Princípio Federativo* define o federalismo:

“Federação, do latim *foedus*, genitivo *foederis*, quer dizer pacto, contrato, tratado, convenção, aliança, é uma convenção pela qual um ou mais chefes de família, uma ou mais comunas, um ou mais grupos de comunas ou estados, obrigam-se recíproca e igualmente uns em relação aos outros para um ou mais objetos particulares, cuja carga incumbe especial e exclusivamente aos delegados da federação. [...] Em resumo, o sistema federativo é o oposto da hierarquia ou centralização administrativa e governamental a qual distingue, *ex aequo*, as democracias imperiais, as monarquias constitucionais e as repúblicas unitárias. A sua lei fundamental, característica, é esta: na federação, os atributos da autoridade central especializam-se, restringem-se, diminuem de número, de intermediários, e se ousou assim dizer, de intensidade [...]”⁹²

⁹² PROUDHON, 2001, p. 90-91

O princípio federativo para Proudhon é bilateral, implicando uma obrigação recíproca entre os vários âmbitos da federação, tornando assim a base da relação política equilibrada. O federalismo em acordos livres que ligam os indivíduos através de suas associações e através de suas comunas – ou municípios – a outras comunas, sua comuna à sua província, sua província a outras províncias nesta mesma lógica até atingir um todo internacional.

Este mecanismo político pressupõe então: a participação de todos os envolvidos nas situações a serem debatidas; decisões coletivas; revogabilidade de funções; igualdade no acesso as informações e poder de decisão.

Desta forma o federalismo se encaixa como uma formulação política e teórica que recebe uma fundamental importância no anarquismo. Esta proposta é uma contraposição ao Estado, onde as decisões que são tomadas de cima para baixo, do Estado para o povo. A proposta federalista propõe a inversão dessa lógica, estruturando a sociedade de baixo para cima, ou seja, das associações e comunas para o todo da organização social, se organizando no âmbito da comunal, provincial, nacional e internacional.

[...] reconstruir suas pátrias respectivas, a fim de nelas substituir a antiga organização fundada, de cima para baixo, sobre a violência e sobre o princípio de autoridade, por uma organização nova, tendo por base somente os interesses, as necessidades e as atrações naturais das populações, e por princípio somente a federação livre dos indivíduos nas comunas, das comunas nas províncias, das províncias nas nações e finalmente destas nos Estados Unidos da Europa inicialmente, e mais tarde no mundo inteiro.⁹³

Dois princípios constitutivos devem ser observados na formação da federação, a obrigatoriedade das decisões partirem da base para o topo, e a forma horizontal através da coordenação que será executado a partir das varias instancias da federação – *Da comuna com a província, da província com o país e etc.*

A divisão de um país em regiões, províncias, distritos, e comunas, como na França, dependerá naturalmente das tradições, das circunstancias específicas, e da natureza particular de cada país. Nós podemos indicar aqui somente os dois fundamentais e indispensáveis princípios que precisam ser postos em prática por um país que esteja seriamente tentando organizar uma sociedade livre. Primeiro: toda organização precisa proceder por meio da federação da base para o topo, da comuna

⁹³ BAKUNIN, 1998, p. 10-11

a associação coordenada do país ou nação. Segundo: é preciso existir no mínimo um corpo intermediário autônomo entre a comuna e o país, o departamento, a região, ou a província. Sem um tal corpo intermediário autônomo, a comuna (no estrito sentido do termo) seria isolada e também fraca para ser capaz de resistir a pressão centralística e despótica do estado, que irá inevitavelmente (como aconteceu duas vezes na França) restaurar o poder regime monárquico. O despotismo se origina mais in organização centralizada do Estado, do que na natureza despótica dos Reis.⁹⁴

Percebe-se então o principio de organização sócio-política proposta por Bakunin, que anseia o abandono de tudo que se convencionou chamar de direito histórico dos Estados, todas as questões relativas às fronteiras naturais, políticas, estratégicas, comerciais, etc. Colocando o federalismo como a alternativa para a organização política da sociedade de forma livre e participativa.

Bakunin também tece críticas à república proposta por Mazzini, que defende a unificação das comunas, resguardando a elas certa autonomia, em torno de um Estado centralizado. Neste debate, Bakunin busca afirmar que a autonomia das comunas em um Estado centralizado não é suficiente, já que “nenhuma comuna isolada seria capaz de resistir à potência dessa centralização formidável; ela seria esmagadora”.⁹⁵ Defende-se então a federalização das comunas, para que não se torne “um Estado burocrático e, conseqüentemente, militar, fundado em vista do poderio exterior e não da justiça internacional nem da liberdade interior”.⁹⁶

O federalismo então, se coloca como uma alternativa à organização política centralizada, colocando como ponto chave “o direito de livre reunião e da secessão igualmente livre”.⁹⁷

A oposição ferrenha ao Estado, inclusive em um período transitório pressupõe um modelo organizacional das massas proletárias dentro do próprio sistema capitalista através de suas organizações de classe. Neste sentido, segundo Bakunin, o federalismo deve ser aplicado tanto nas organizações de nível político anarquista, como nas organizações de massas no nível social. Sendo assim encontramos características do

⁹⁴ BAKUNIN, 1999, p. 71-72

⁹⁵ BAKUNIN, 1998, p. 11

⁹⁶ Idem, p. 11

⁹⁷ Ibidem, p. 12

federalismo tanto em seus escritos organicistas, quanto em seus escritos acerca do organismo político-social de organização societária.

Um fundamento do federalismo é a existência de uma forma organizacional de maneira horizontal, contrapondo a maneira vertical do Estado. A partir deste fundamento, podemos observar a necessidade de uma forma organizacional sem autoridades infalíveis e com seus membros tendo amplo poder de participação e de decisão. A noção de poder se transporta do *indivíduo-chefe* para a toda a organização, não legitimando assim lideranças com autoridade absoluta, mas sim a liderança pelo convencimento a partir de suas ações e proposta visando à prosperidade da sociedade e da associação.

Qualquer que seja, portanto, a diferença de capacidade entre os irmãos internacionais, teremos apenas um senhor: nosso princípio; uma só vontade: nossas leis para cuja criação todos contribuímos, ou as quais consagramos por nossa livre vontade. Embora nos inclinemos com respeito diante dos serviços passados de um homem, embora apreciando a grande utilidade que nos trariam uns, com sua riqueza, outros, com sua ciência, e ainda outros com suas elevadas posições e influências públicas, literárias, políticas ou sociais, longe de procurá-los, por estes motivos, veríamos nisso uma razão de desconfiança, pois todos os homens poderiam trazer para o nosso meio hábitos, pretensões de autoridade, de herança de seu passado, e nós não podemos aceitar nem estas pretensões, nem esta autoridade nem esta herança, olhando sempre para frente, jamais para trás, e só reconhecendo o mérito e direito naquele que servir mais ativa e resolutamente nossa associação.⁹⁸

Segundo Bakunin, não deve existir nenhuma autoridade fixa e infalível, mas uma autoridade natural, em que todos mandam e todos obedecem. Uma autoridade em que a divisão de papéis ocorresse de acordo com as habilidades de cada um, mas de forma que esta divisão não se torne fixa e nem dê a ninguém um poder infalível.

No momento da ação, no meio da luta, os papéis dividem-se naturalmente, segundo as aptidões de cada um, apreciados e julgados por toda a coletividade: uns dirigem, e ordenam, outros executam as ordens. Mas nenhuma função se petrifica, se fixa e fica irrevogavelmente ligada a nenhuma entidade ou pessoa.⁹⁹

Mas este modelo de organização proposto deve atender não somente a *comuna* ou a pequena *associação*, vista a necessidade de se organizar internacionalmente para garantir o sucesso da revolução e uma real emancipação das massas, e desta forma

⁹⁸ BAKUNIN, 1999, p. 65

⁹⁹ BAKUNIN, 2002, p. 60

constituir-se internacionalmente e não simplesmente pequenas comunidades que não poderiam viver fora da lógica capitalista.

Dentro desta perspectiva não seria possível reunir todas as pessoas interessadas em um determinado assunto, em um mesmo espaço, esperando que ali elas pudessem expressar suas opiniões buscando o convencimento e atingir um consenso de toda esta unidade. E outra, em grande parte das ocasiões não seria possível atingir um consenso sobre determinados assuntos devido à pluralidade de opiniões e posicionamentos. E depois, se a associação é livre e sua secessão também é livre, como garantir que todo o debate não foi absolutamente simbólico e que as propostas sejam colocadas em prática?

É a partir destes questionamentos que aparecem algumas formulações para tentar resolver estas questões. A abstenção de qualquer tipo de votação não é um princípio anarquista, o que há é uma crítica ao sufrágio universal e sua legitimação do sistema político burguês. O voto assim se torna uma alternativa posterior a uma tentativa infrutífera de um consenso.

Mas o sistema federalista ainda teria que abarcar a necessidade de conseguir coordenar a sociedade como um todo, e não somente as pequenas comunas. É neste ponto que entra a *delegação*; não uma delegação de poder, mas sim uma delegação de função. O *delegado* eleito nas assembleias comunais tem por função levar o posicionamento da comuna sobre determinado assunto que afetasse toda uma província, discutindo assim com delegados de outras comunas que constituem aquela província. Estabelecendo a *margem de flexibilização* de seu delegado e as posições a serem defendidas e votadas se necessário.

A unidade básica de toda a organização política em cada país precisa ser a comuna completamente autônoma, constituída pelo voto da maioria dos adultos de ambos os sexos. Ninguém terá quer o poder quer o direito de interferir na vida interna da comuna. A comuna elege todos os funcionários, legisladores, e juizes. Ela administra a propriedade comunal e finanças. Toda comuna teria o direito incontestável de criar, sem sanção superior, sua própria constituição e legislação. Mas na ordem de liga-la e torna-la uma parte integral da federação da província, a comuna precisa conformar sua própria carta constituinte particular aos princípios fundamentais da constituição provincial e ser aceita pelo parlamento da província. A comuna precisa também aceitar os julgamentos do tribunal provincial e quaisquer medidas ordenadas pela administração da província. (Todas as medidas da administração provincial precisam ser ratificadas pelo

parlamento provincial) A Comuna recusando aceitar as leis provinciais não terá direito a seus benefícios.¹⁰⁰

Por delegado, não devemos compreendê-lo como um homem fixo, eleito, e que irá representar a comuna sem um debate prévio e a delimitação de sua postura. O delegado é eleito de acordo com a necessidade de o tema ser debatido em um âmbito maior que o seu originário, e será eleito de acordo com a postura e propostas condizentes com maioria da base a qual ele irá representar. A partir desta proposta que Bakunin vai defender que as decisões devem ser tomadas de baixo para cima, a partir da base social, pois esta base é quem produz toda a riqueza social e a maior interessada na resolução de seus problemas.

Para o anarquismo, o Estado é a obra da própria sociedade que se aliena. Sua insistência é na devolução, à sociedade, do poder que esta atribuiu ao Estado. Tratar-se-ia, portanto, de uma desalienação da sociedade, de uma reapropriação de seu poder alienado.¹⁰¹

A proposta de maior participação e poder de decisão sobre os rumos que a sociedade deve tomar têm por princípio a defesa da independência e da iniciativa dos indivíduos e da organização à qual compõem e tem uma causa comum. A federação seria um trabalho coletivo em prol de um objetivo comum, a partir da concordância livre entre os trabalhadores e suas associações.

Para a federação ter de fato uma efetividade social existe a necessidade de que após a livre adesão na federação, os indivíduos cumpram com os deveres assumidos a partir do debate e das decisões que todos tiveram a ampla liberdade de participação e decisão. Ou seja, por mais ampla que seja as bases da federação, da mesma maneira que se reconhece o direito de independência, opinião livre, liberdade individual e de iniciativa de cada membro, pressupõe também que eles acatem todos os deveres e decisões definidas, e que nenhuma dessas decisões deixe de ser executada.

Existirá uma perfeita solidariedade entre todos os membros aliados, de tal maneira que os acordos decididos pela maioria dos aliados serão obrigatórios para todos os demais, sacrificando-se sempre em benefício da unidade de ação, as apreciações particulares que puderem existir entre os membros.¹⁰²

¹⁰⁰ BAKUNIN, 1999, p. 72

¹⁰¹ MOTTA, 1981, p. 113

¹⁰² BAKUNIN, 2002, p.78

Desta forma, a força do pacto federativo se funda na responsabilidade coletiva e na solidariedade de seus membros e não na autoridade infalível dos cargos burocráticos.

Bakunin realiza uma pequena síntese do que vem a ser esta responsabilidade coletiva e sua autodisciplina, que se aplica tanto para as organizações políticas anarquistas e as organizações de massas, quanto para a organização social – resguardada as devidas proporções.

A fim de estabelecer certa coordenação na ação, coordenação necessária, creio eu, entre as pessoas que tendem para o mesmo objetivo, impõe-se determinadas condições: um certo número de regras ligando cada um a todos, determinados pactos e acordos renovados freqüentemente – se falta tudo isto, se cada um trabalha como lhe apetece as pessoas mais sérias se encontrarão elas próprias numa situação em que os esforços de um serão neutralizados pelos de outros. Disso resultará a desarmonia e não a harmonia e a confiança serena para a qual nós tendemos.

Eu quero que no nosso trabalho haja ordem e uma confiança serena, e que nem uma nem outra sejam os resultados de ordens de uma única vontade, mas da vontade coletiva, da vontade bem organizada de numerosos companheiros disseminados em numerosos países.

Por muito inimigo que seja daquilo que na França se chama de disciplina, no entanto reconheço que certa disciplina, não automática, mas voluntária e refletida, estando perfeitamente de acordo com a vontade dos indivíduos, continua a ser e sempre será necessária, todas as vezes que vários indivíduos, livremente unidos, empreenderam um trabalho ou uma ação coletiva qualquer. Esta disciplina não é senão a concordância voluntária e refletida de todos os esforços individuais para um objetivo comum. No momento da ação, nomeio da luta, os papéis dividem-se naturalmente, segundo as aptidões de cada um, apreciados e julgados por toda a coletividade: uns dirigem e coordenam, outros executam as ordens. Mas nenhuma função se petrifica, se fixa e fica irrevogavelmente ligada a nenhuma entidade ou pessoa. A ordem e a promoção hierárquica não existem, de modo que o comandante de ontem pode tornar-se o subalterno de hoje. Ninguém se eleva acima dos outros, ou se se eleva, não é senão para cair logo a seguir, como as ondas do mar, voltando sempre ao nível salutar da igualdade.”¹⁰³

Conclui-se então que o federalismo é uma determinada forma de organização da sociedade inserida em uma concepção global e também é um princípio organizativo anarquista, compreendendo então a inclusão de unidades locais em unidades mais amplas, promovendo o acordo mutuo entre elas. Para Bakunin é no federalismo, onde se respeita mais a autonomia e a unidade e a coesão são maiores, porque é uma coesão

¹⁰³ Bakunin, 2002, p. 60

real, firmada nas necessidades reais do povo, enquanto, a unidade do Estado é uma unidade artificial sustentada pela força.

A transformação moral e intelectual

A transformação moral e intelectual para Bakunin esta em segundo plano, pois acredita que a antes dela duas questões se apresentam com muito mais urgência: A questão econômica e a questão política. Critica os reformistas, pois acredita que não será somente a educação que levará à emancipação do povo.

Eu gosto muito desses socialistas burgueses que nos gritam sempre: “Instruamos primeiro o povo e depois o emancipemos”. Pelo contrário nós dizemos: Ele que se emancipe primeiro e se instruirá ele próprio... Deixam-no maçar-se com o seu trabalho quotidiano e com sua miséria, e dizem-lhe: “instruam-se!”.¹⁰⁴

Bakunin afirma que “apesar do nosso respeito pela questão da instrução integral, declaramos que hoje já não é a maior questão para o povo”.¹⁰⁵ Mas não é por conta de considerar as questões econômicas e políticas que Bakunin não vai discutir e tecer uma proposta ao âmbito da educação, pois ela também seria essencial para a consolidação da igualdade e da liberdade, e que sem um novo modelo de educação a emancipação das massas não será completa.

A revolução intelectual seria a responsável pela socialização igualitária do conhecimento para toda a sociedade. Pois, para Bakunin, enquanto houver um grupo de pessoas que têm maior acesso ao conhecimento que as outras, haverá dominação da minoria sobre a maioria. Mesmo que haja igualdade econômica, a minoria inteligente tenderá a encontrar meios de explorar a maioria ignorante.

Aquele que sabe mais dominará naturalmente aquele que sabe menos; e se existisse entre duas classes apenas essa diferença de educação e de instrução, esta diferença produzirá em pouco tempo todas as outras, o mundo humano voltará ao seu estado atual, isto é, dividido de novo

¹⁰⁴ BAKUNIN, 2002, p. 66

¹⁰⁵ Idem, p. 66

numa massa de escravos e num pequeno número de dominadores, os primeiros trabalhando, como hoje, para os segundos.¹⁰⁶

A questão não se esgota em simplesmente aumentar à instrução que é dada ao povo, o modelo educacional defendido por Bakunin é a instrução integral, isto é, uma instrução integral, a socialização completa de todo o conhecimento produzido pelos homens. O que não poderia se concretizar em um sistema capitalista por conta das condições econômica que esta submetida a classe trabalhadora, o que o leva a uma marginalização cultural.

Exigimos para o povo a *instrução integral*, toda a instrução, tão completa quanto o permite a capacidade intelectual do século, a fim de que acima das massas, não possa existir nenhuma *classe* que saiba mais do que eles, que os possa dominar e explorar.¹⁰⁷

Desta forma, quando se defende a conquista desta educação igualitária, Bakunin defende que não é possível consegui-la na sociedade capitalista. Seria preciso abolir as estruturas econômicas para que a instrução integral seja verdadeira. E assim, quando todos trabalhadores tiverem os meios de produzir a sua própria existência, todos também poderão dedicar-se ao trabalho intelectual. O pressuposto para essa proposta educacional seria então, quando ninguém mais vivesse da exploração do trabalho do outro, ninguém monopolizar a produção e a distribuição do conhecimento produzido pelos seres humanos.

Bakunin analisa de forma dialética a relação entre a economia e o conhecimento, de forma que não é possível transformar a educação dentro do sistema capitalista, sem transformar suas estruturas econômicas, ao passo que também não seria completa a emancipação das massas apenas com a transformação radical da estrutura econômica se não lhes possibilitasse logo em seguida a instrução integral.

Um fundamento da instrução integral é a eliminação da divisão que se dá entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. A instrução deveria então ser apresentada de maneira geral tanto no âmbito científico quanto na aprendizagem de um ofício, pois desta maneira estabeleceria iguais condições e conseqüentemente atingiria um maior processo centrado nas necessidades reais da sociedade.

¹⁰⁶ BAKUNIN, 1979, p. 32

¹⁰⁷ BAKUNIN, 2003b, p. 60

Toda a gente deve trabalhar e toda a gente deve receber instrução (...) estamos convencidos de que o homem vivo e completo, cada uma destas duas atividades, muscular e nervosa, deve ser igualmente desenvolvida e que, longe de se anularem mutuamente, cada uma delas deve apoiar, alargar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais vasta quando o sábio deixar de ignorar o trabalho manual, e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e por conseguinte mais produtivo do que o do operário ignorante.¹⁰⁸

Desta maneira, o conhecimento teria como objetivo atender a toda a sociedade, e não simplesmente atender aos interesses da classe burguesa. Segundo Bakunin, a partir do momento em que, em uma sociedade, quem produz trabalho intelectual também trabalha manualmente, toda a produção científica, intelectual e artística passa a estar integrada aos interesses dos trabalhadores.

Daqui resulta que os homens que, pela sua inteligência superior, estão hoje empenhados exclusivamente no mundo da ciência e que uma vez inseridos nesse mundo, cedendo à necessidade de manterem uma posição completamente burguesa, canalizam todas as suas intenções para a utilização exclusiva da classe privilegiada de que eles próprios fazem parte, - que esses homens, uma vez tornados solidários com todo o mundo, solidários não na imaginação nem em palavras apenas, mas na prática, pelo trabalho, canalizarão todas as suas descobertas e as aplicações da ciência em proveito de todo o mundo, e, antes de mais, do melhoramento e enobrecimento do trabalho, a única base real e legítima da sociedade humana.¹⁰⁹

A proposta de Bakunin é que o ensino na nova sociedade se fundamente em dois eixos centrais: o ensino científico e o ensino industrial. O primeiro se preocuparia mais com as questões teóricas e conceituais, enquanto o segundo com a habilidade necessária para o trabalho manual.

Este ensino se dividiria em duas partes: uma geral e uma específica. A parte geral seria base comum para todos, para de desta forma conseguissem um amplo conhecimento nas mais diversas disciplinas e que possibilitasse uma escolha de qual ofício e qual área do conhecimento iria seguir. Esta escolha se daria livremente a partir dos interesses e habilidades pessoais de cada um.

Bakunin também aborta o ensino moral, que para ele, se daria não apenas através de questões teóricas, mas este ensino seria fundamentalmente centrado nas ações práticas, em uma sucessão de experiências concretas. A moral humana seria assim uma

¹⁰⁸ BAKUNIN, 1979, p. 38

¹⁰⁹ Idem, p. 38

moral fundada na própria vida nesta nova sociedade. A formadora desta moral seria o que Bakunin denomina como *opinião pública*, que seria “o conjunto das influências sociais dominantes, expresso pela consciência solidária e geral de um grupo humano mais ou menos extenso”.¹¹⁰

¹¹⁰ BAKUNIN, 1979, p. 46

CAPITULO III

A necessidade da revolução violenta e de sua internacionalização

A transformação radical da sociedade caminhando no sentido da liberdade e igualdade, não somente política, mas também econômica, eliminando o Estado e a propriedade privada, construir o socialismo – a igualdade socioeconômica – e a liberdade – o federalismo político-social – não seria facilmente aceita pela burguesia. Esta transformação pressupõe a derrubada das bases do capitalismo e a construção de um novo modelo societário muito diverso do anterior.

Bakunin não acredita na construção desta sociedade a partir de uma evolução natural e pacífica. Para a construção desta nova sociedade, será necessária uma revolução, uma ruptura, pois a burguesia se voltará contra a transformação e a perda de seus privilégios, e para deter essa transformação colocará todos os seus instrumentos de domínio e coerção em sentido contrário a emancipação das massas proletárias.

É preciso que seja revolucionário. Ele deve compreender que uma transformação tão completa e radical da sociedade, devendo necessariamente determinar a ruína de todos os privilégios, de todos os monopólios, de todos os poderes constituídos, não poderá naturalmente efetuar-se por meios pacíficos; que, pela mesma razão, terá contra ela todos os poderosos, todos os ricos, e por ela, em todos os países, apenas o povo, assim como esta parte inteligente e nobre da juventude que, embora pertencendo por nascimento às classes privilegiadas, por suas convicções generosas e por suas ardentes aspirações, abraça a causa do povo.¹¹¹

Coloca-se a revolução violenta e a necessidade de destruir a burguesia, mas a intenção é de destruir a burguesia enquanto classe separada das massas proletárias, destruir toda a estrutura que a privilegia frente aos trabalhadores, seja esta estrutura econômica, política, militar ou cultural.

Qual é o papel da burguesia na questão social?
Já demos uma resposta a isso. Se ela deseja prestar um último serviço à humanidade; se seu amor pela verdadeira liberdade, isto é, universal,

¹¹¹ BAKUNIN, 1999, p. 60

completa, igual para todos, é sincero; se, numa palavra ela quer deixar de ser reação, não lhe resta senão um único papel a desempenhar: é o de morrer com graça o mais cedo possível.

Entendamo-nos bem. Não se trata da morte dos indivíduos que a compõe, mas da sua morte enquanto corpo político e social, economicamente separada da classe operária.¹¹²

A burguesia não irá se render pelas palavras e pelas idéias. Ela usará de todas as suas forças e a estrutura sobre seu domínio para impedir essa transformação. Sendo assim a revolução é uma guerra, e em uma guerra são mortas pessoas e coisas.

(...) A revolução é a guerra, e quem diz guerra, diz destruição dos homens e das coisas. Sem dúvida que é uma pena que a humanidade ainda não tenha inventado um meio mais pacífico de progresso, mas até hoje qualquer passo novo na história só foi realizado na realidade depois de ter recebido o batismo de sangue. Aliás, a reação não tem nada a censurar à revolução sob este aspecto. Ela derramou sempre mais sangue que esta última.¹¹³

Bakunin analisa que neste primeiro impulso revolucionário os trabalhadores vão agir atacando fatalmente a quem os dominou e os explorou, mas acredita que derrotada a burguesia eles se oporão à carnificina hipócrita, política e jurídica. O destino dos burgueses, após terem sido vencidos e privados de suas armas e de seus privilégios poderão se juntar à massa proletária no trabalho, estando agora juntos e sendo englobados com os outros indivíduos livres e trabalhadores, ou poderá se negar ao trabalho e morrer de fome.

Quando Bakunin fala de violência, em vários momentos ele deixa claro que a violência deverá ser usada muito mais contra as coisas do que contra as pessoas. Logicamente pessoas morreram por conta do embate entre as forças proletárias e o aparato repressivo e reacionário da burguesia, a diferença que se dá é que o foco não são as pessoas, mas destruir a estrutura política e econômica que garantem a burguesia enquanto classe separada do proletariado e de sua reação através da estrutura estatal e militar.

Mas para o triunfo completo da emancipação da classe, Bakunin acredita que esta revolução social deverá ocorrer não só em um país, mas deverá se espalhar por todo o mundo. Deve ser uma revolução internacional se quiser ter a força necessária para enfrentar o capital organizado internacionalmente.

¹¹² BAKUNIN, 2002, p. 93

¹¹³ Idem, p. 92

É preciso que compreenda, ao mesmo tempo, que esta revolução, cosmopolita por excelência, como o são igualmente a justiça e a liberdade, só poderá triunfar se, ultrapassando como um incêndio universal as barreiras estreitas das nações e fazendo desmorrer todos os Estados no seu caminho, abranger primeiramente toda a Europa, logo o mundo. É preciso que compreenda que a revolução social se tornará necessariamente uma revolução européia e mundial.¹¹⁴

Verificando a necessidade que a revolução tendo começado em país se alastre internacionalmente, rompendo as fronteiras das nações a partir da ligação deste movimento revolucionário com o dos outros países, criando uma federação revolucionária que seja capaz de continuar a luta e ao mesmo tempo vá criando o novo modo de organização da vida social e política.

A impossibilidade de sucesso de uma revolução nacional isolada e a conseqüente necessidade de uma aliança e de uma federação revolucionária de entre todos os povos que querem a liberdade.¹¹⁵

Para a ação efetiva da federação revolucionária, deve-se ter um programa em comum, que respeita as particularidades de cada um de seus membros, mas que ao mesmo tempo estabeleça elementos estratégicos e princípios comuns que os unifique. A construção do programa desta federação deve então, respeitar os princípios socialistas e federalistas.

A impossibilidade de tal federação ou aliança sem um programa comum que satisfaça igualmente os direitos e as legítimas necessidades de todas as nações e que, sem considerar os assim chamados direitos históricos, nem o que se chama a necessidade ou salvação dos Estados, nem as glórias nacionais, nem qualquer outra pretensão vaidosa ou ambiciosa de prepotência ou força, coisas que um povo deve saber rejeitar se quiser ser verdadeiramente livre, tendo somente, por fundamento e por princípio, a liberdade igual para todos e a justiça.¹¹⁶

A tentativa de imposição de um programa a partir de uma organização política, qualquer que fosse ela, engessaria o processo revolucionário nos mais diversos países por conta de suas características específicas. O papel das organizações seria então apenas de traçar pontos fundamentais, princípios gerais que fossem norteadores da nova organização político-social que iria surgir para autogerir a sociedade. Os pontos específicos deveriam de esta forma ser construídos com a participação e protagonismo

¹¹⁴ BAKUNIN, 1999, p. 62

¹¹⁵ Idem, p. 66

¹¹⁶ Ibidem, p. 66

da população local, discutindo e buscando formas de se melhor organizar garantindo a igualdade, a liberdade e a justiça.

Outra estratégia traçada por Bakunin diz respeito à logística da revolução. Ele defende que a revolução não pode partir de um único ponto, de um país isolado, e que daí saia em uma incursão libertadora por todas as outras nações. Segundo Bakunin, é necessário que esta revolução tenha como ponto de partida vários pontos e simultaneamente. Uma insurreição das massas proletárias, pois elas são essencialmente os sujeitos da revolução.

... a revolução deverá adquirir o caráter local no sentido de que não deverá começar por uma grande concentração de todas as forças revolucionárias de um país em um único ponto; nem adquirir jamais o caráter romanesco e burguês de uma expedição revolucionária, mas, surgindo ao mesmo tempo em todos os pontos de um país, terá o caráter de uma verdadeira revolução popular na qual tomarão igualmente parte mulheres, velhos, crianças e que, por isso mesmo, será invencível.¹¹⁷

A Práxis Revolucionária: a atuação em dois níveis

Este tema permeia grande parte dos escritos de Bakunin, o debate acerca desta prática revolucionária é centrado em dois pontos: na Associação Internacional dos Trabalhadores, a principal organização dos trabalhadores em sua época, e onde irá estabelecer debates com outras correntes do socialismo; e na organização política anarquistas, a Fraternidade Revolucionária Internacional, que posteriormente receberá o nome de Aliança da Democracia Socialista.

Desta maneira, a atuação dos coletivistas se dava em dois níveis: um nível clandestino, político, através da organização revolucionária, uma organização de uma sociedade secreta; e um nível público, social, a atuação no interior dos movimentos dos trabalhadores.

Ao sair da prisão na Sibéria em 1861, Bakunin se dedicou à construção da Fraternidade Revolucionária Internacional, uma organização secreta que deveria reunir militantes revolucionários sérios que estivessem profundamente comprometidos com a

¹¹⁷ BAKUNIN, 1999, p. 70

causa revolucionária. Tratava-se de um pequeno partido composto por militantes que tivessem clareza dos princípios, fossem confiáveis e estivessem dispostos a dedicar toda a vida à causa revolucionária.

Então era absolutamente necessário sustentar alto a bandeira dos princípios teóricos, expor bem alto estes princípios em toda sua pureza, a fim de formar um partido pouco numeroso que fosse, mas composto unicamente por homens que estivessem sinceramente, plenamente, apaixonadamente ligados a estes princípios, de modo que cada um, em tempo de crise, pudesse contar com todos os outros.¹¹⁸

Após alguns anos a Fraternidade Internacional irá assumir o nome de Aliança da Democracia Socialista. A Fraternidade Internacional inicia sua atuação dentro da Liga da Paz e Liberdade – organização pacifista de caráter liberal radical, e que tinha entre seus membros, grande peso por parte dos republicanos. É na Liga que Bakunin, por volta de 1867, mesmo não acreditando no caráter revolucionário da mesma, irá proferir o discurso levando o que Max Nettlau chama de a tríade anarquista – federalismo, socialismo e antiteologismo – que tinha por objetivo à transformação da Liga, tornando-a socialista e federalista, ou ao menos a conquista de alguns adeptos à causa revolucionária coletivista.

Este discurso posteriormente será transformado em uma brochura com o nome de *Federalismo, socialismo e Antiteologismo*, contrapondo o que Proudhon denomina como a “trindade do absolutismo”, que se constituía basicamente no Estado, no Capital e na Igreja. É nesta obra que Bakunin irá lançar inicialmente e de forma sistemática sua crítica ao centralismo e conseqüente “exclusivismo político” do Estado, à necessidade de uma transformação econômica extinguindo a propriedade privada e a Igreja, diante do quanto esta se colocava ao lado da burguesia.¹¹⁹

A Liga rejeita suas propostas e os coletivistas se retiram da mesma, ingressando em 1968 na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a Internacional. Neste momento a Internacional já contava com um bom numero de membros e uma grande mobilização de trabalhadores. É a partir daqui que os *aliancistas* começarão a atuar no seio desta organização popular, e onde travaram intensos debates com outras correntes socialistas

¹¹⁸ BAKUNIN, 2002, p. 54

¹¹⁹ NETLLAU, 2008, p. 76

Segundo Netllau, “os trabalhadores e os socialistas, os homens de 48 e as jovens gerações viam chegar o momento do renascimento para seus movimentos e da criação para as suas organizações “. ¹²⁰ Desta maneira a Internacional é fundada em 1864 por trabalhadores ingleses e franceses – estes últimos com grande influencia proudhoniana – e a partir daí vinculando organicamente e fortalecendo os as associações dos trabalhadores de todo o mundo.

É a partir do início da atuação dos *aliancistas* dentro da Internacional, que vai se delimitando uma necessidade destes socialistas libertários atuarem enquanto agentes sociais no meio da associação social de massas, diferenciando os dois níveis de atuação: o nível político e o nível social.

O Nível Social: A Internacional

A AIT tinha por princípio ser uma organização social que aglutinasse os trabalhadores, independentemente de programa político e idéias religiosas, em torno da luta econômica e da solidariedade destes trabalhadores.

O professor Sergio Norte, em seu livro “*BAKUNIN – Sangue, Suor e Barricadas*”, analisa que a partir das greves e lutas populares que estavam recebendo uma violenta repressão. A Internacional, sendo assim, se posiciona cada vez mais contra a burguesia e os governos constituídos e ao passo que a discussão no congresso de Bruxelas em 1868 “não se trata mais de proposta reformistas e sim de projetos de ruptura revolucionária com o capitalismo”. ¹²¹

Para se fazer a análise do que se compete ao nível social, significa compreender a função social da Aliança, a organização política coletivista, isto é, compreender o modo como o partido anarquista atuava socialmente no seio da Internacional. Para isso é importante retomar alguns pontos pertinentes no programa da Aliança e em especial no primeiro programa da Fraternidade Internacional (1865) e no segundo programa (1868)

¹²⁰ NETLLAU, 2008, p. 76

¹²¹ NORTE, 1988, p. 78-79

que coincide com a formação da Aliança, e por fim a obra intitulada de *O Catecismo Revolucionário* (1965).

O *Catecismo Revolucionário* elaborado em 1865 não deve ser confundido com outro texto que possui o mesmo nome elaborado em 1869. Este segundo que dita as regras que devem ser aceitas pelos revolucionários e onde se sustentará que “os fins justificam os meios” elaborado pelo niilista russo Netchaiev.

As Massas Proletárias: O proletariado e o campesinato

O protagonista da revolução social é o povo, isto é, as massas de trabalhadores urbanos e rurais que estão privados de propriedade e, portanto são explorados pelos capitalistas.

A revolução não deve ser feita unicamente para o povo, ela deve fazer-se pelo povo, e não poderá jamais ser vitoriosa se não captar ao mesmo tempo todas as massas campesinas e urbanas.¹²²

Faz se necessário explicitar quem compõe essa massa proletária ao qual Bakunin se refere, ou seja, quem são os sujeitos sociais dessa transformação. Este conceito não se resume apenas pelo operariado urbano e industrial, que segundo Bakunin não seriam suficientes para conquistar a realização plena da revolução, pois estes acabariam tendo que impor ao camponês um modo de vida. É preciso que trabalhadores urbanos e rurais, simultaneamente, estejam envolvidos no processo revolucionário como os verdadeiros protagonistas da transformação.

A sublevação do proletariado das cidades não é suficiente; com ela teríamos somente uma revolução política, que teria necessariamente contra ela a reação natural e legítima do povo dos campos, e esta reação, ou unicamente a indiferença dos camponeses, esmagaria a revolução das cidades, como aconteceu ultimamente na França. Só a revolução universal é suficientemente forte para inverter e quebrar o poder organizado do Estado, sustentado pelos recursos das classes ricas. Mas a revolução universal é a revolução social, é a revolução simultânea dos povos dos campos e das cidades. É isso que é preciso

¹²² BAKUNIN, 1999, p. 70

organizar, - porque sem uma organização preparatória, os elementos mais fortes são impotentes e nulos.¹²³

Surge ainda outra problemática apresentada por Bakunin: uma parcela do operariado já na Europa do séc. XIX apresentava uma diferenciação dentro do proletariado. Tratava-se de uma parcela operária privilegiada por altos salários que surgia na Alemanha e na Suíça, segundo Bakunin, estes operários já estavam aburguesados e tinham uma tendência ao modo de pensar burguês. Estavam, em uma palavra, apegados ao instinto de propriedade.

(...) Bakunin perceberá no o proletariado não a existência de uma classe ideal, abstrata, mas a sua existência real, o que o fará caracterizá-lo em dois níveis: em primeiro lugar uma aristocracia operária já separada, privilegiada por altos salários e tão impregnada dos valores burgueses que só se diferenciam dos mesmos pela sua posição, porém nunca por sua tendência; em segundo lugar “este proletariado em farrapos, de quem os senhores Marx e Engels falam com o mais profundo desprezo, muito injustamente, pois é nele e somente nele, e não na camada aburguesada da classe operária, onde encontramos o espírito e a força da futura revolução social.”¹²⁴

Para Bakunin, portanto, não era esse operário privilegiado o sujeito da revolução. Pelo contrário, era nos operários miseráveis, que lutavam quotidianamente contra a fome (os proletários esfarrapados), que estavam os germes da revolução. Livres do instinto de propriedade, pois não tinham nada, e dispostos a destruir para construir um mundo novo, eram a força e o espírito da revolução social.

Não existe na Itália como em muitos outros países da Europa, classe operária separada, em parte já privilegiada graças a altos salários, gabando-se inclusive de certos conhecimentos literários, e a tal ponto impregnada das idéias, das aspirações e da vaidade burguesas, que, os operários que pertencem a este meio, só se diferenciam dos burgueses por sua condição, de forma alguma por sua tendência. É sobretudo na Alemanha e na Suíça, que existem muitos operários deste tipo; todavia, na Itália, há bem poucos, tão poucos que eles estão perdidos na massa e não têm nenhuma influência sobre ela. O que predomina na Itália, é esse proletariado esfarrapado, dos quais o Srs. Marx e Engels e, em seguida, toda a Escola da social-democracia alemã, falam com o mais profundo desprezo, e bem injustamente, pois é nele, e apenas nele, e não na camada aburguesada da massa operária, que reside na totalidade, o espírito e a força da futura revolução social.¹²⁵

¹²³ BAKUNIN, 2002, p. 64

¹²⁴ NORTE, 1988, p. 85-86

¹²⁵ BAKUNIN, 2003, p. 30

Desta forma Bakunin não analisa a classe operária de maneira ideal, abstrata, mas em sua existência real. O que o fará analisar esse proletariado em dois níveis distintos: a chamada aristocracia operária – estes operários que, segundo Bakunin, por conta dos altos salários e de seus privilégios já estariam quase que na totalidade absorvidos pela ideologia burguesa; e o que será denominado por Marx como o *lupem-proletariado*, o proletariado marginal, que por se encontrava em piores situações econômicas e políticas, constituiriam um forte impulso revolucionário, pois estes não tinham nada a perder.

Bakunin acreditava também no potencial revolucionário do campesinato, provavelmente muito por conta da forte influência que sofreu devido à revoltas sangrentas dos camponeses russos. A caracterização do campesinato não se dá de maneira ideal, Bakunin aponta uma série de fatores que dificulta a organização dos mesmos e a própria diferença da dinâmica de vida destes trabalhadores e os trabalhadores urbanos. Mas aponta que sem a participação efetiva destes, ainda mais em uma Europa onde boa parte de sua população ainda vivia nos campos, seria muito difícil manter e garantir a vitória.

Mas se a emancipação deveria ser obra do próprio povo oprimido e explorado, um grupo político não poderia fazer a revolução sem o povo, ao mesmo tempo em que não poderia se colocar acima do povo para encabeçá-lo como uma autoridade infalível. Como criar este protagonismo popular? Como atuar no nível social?

A Solidariedade Econômica e a Internacional

Se a emancipação será obra das próprias massas proletárias, torna-se essencial na teoria Bakuninista, a atuação neste nível, pois é justamente na organização de massas onde os trabalhadores iram se organizar e constroem a transformação.

A emancipação, para Bakunin, não é realizada através de uma evolução gradativa da sociedade, é sim um processo de ruptura violenta com o atual sistema político, econômico e social. Trata-se de uma insurreição, uma guerra revolucionária, destruindo os privilégio de outrem – sejam políticos, econômicos ou intelectuais – e a

autoridade na qual se fundou esta sociedade. A revolução será realizada pelos trabalhadores, urbanos e rurais, organizados e em luta contra o capital e os Estados constituídos.

Desta forma a Internacional tinha por função a organização dos trabalhadores no âmbito econômico, promovendo sua solidariedade, e a partir de questões práticas e da realidade concreta, dos problemas particulares e também coletivos que os trabalhadores enfrentam em seu dia a dia. Somente assim que as massas proletárias iriam tomando sua consciência de classe e a importância de se organizarem para protagonizarem a transformação da realidade a eles imposta.

Bakunin compreende que na sociedade, apenas uma minoria se apega as idéias, sendo assim a consciência revolucionária do proletariado só seria construída a partir de sua realidade, de seu mundo material e concreto. A partir desta análise, a maior parte deles só é arrastada pela força dos fatos, só compreendem os seus males quotidianos e imediatos e não as causas gerais destes males.

Desta forma, no nível social, a militância da Aliança deveria aproximar-se dos trabalhadores a partir dessa sua realidade cotidiana, dos males diários que sofrem e de suas necessidades imediatas e, neste primeiro momento, não através de idéias políticas específicas e análises teóricas.

Só os indivíduos, e somente um pequeno número de indivíduos se deixa definir pela “idéia” abstrata e pura. Os milhões, as massas, não só no proletariado, mas também nas classes esclarecidas e privilegiadas, só se deixam arrastar pela força e pela lógica dos “fatos”, só compreendendo e encarando, a maior parte do tempo, os seus interesses imediatos e as suas paixões do momento, sempre mais ou menos cegos. Portanto, para interessar e para arrastar todo o proletariado na obra da Internacional, era preciso e é preciso aproximar-se dele não com idéias gerais e abstratas, mas com a compreensão real e viva dos seus males reais; e os seus males do dia a dia, ainda que apresentem um caráter geral para o pensador, e ainda que sejam na realidade efeitos particulares das causas gerais e permanentes, são infinitamente diversos, tomando uma multiplicidade de aspectos diferentes, produzidos por uma variedade de causas passageiras e reais. Tal é a realidade cotidiana destes males. Mas a massa do proletariado, que é forçada a viver sem pensar no dia de amanhã, agarra-se aos males de que sofre e dos quais é eternamente a vítima, precisa e exclusivamente nesta realidade, e nunca ou quase nunca na sua generalidade.¹²⁶

¹²⁶ BAKUNIN, 2002, p. 68

A aglutinação dos trabalhadores no estágio inicial deveria ser essencialmente no que tange aos males que os afligem, e que ele os vê cotidianamente enquanto parte de sua realidade, em outras palavras, a militância deveria ater-se à questão econômica do trabalhador, como por exemplo: seus baixos salários e as longas jornadas de trabalho. Males estes que todo trabalhador vivencia diretamente em sua realidade.

Então, para tomar o coração e conquistar a confiança, o consentimento, a adesão, a afluência do proletariado..., é preciso começar por lhe falar, não dos males gerais de todo o proletariado internacional, nem das causas gerais que lhe dão nascença, mas dos seus males particulares, quotidianos, privados. É preciso lhe falar de sua profissão e das condições do seu trabalho precisamente na localidade em que habita; da duração e da grande extensão do seu trabalho cotidiano, da insuficiência do seu salário, da maldade do seu patrão, da carestia dos víveres e da sua impossibilidade de nutrir e de instruir convenientemente a sua família. E lhe propondo meios para combater os seus males e para melhorar a sua posição, não é preciso lhe falar logo dos objetivos gerais e revolucionários que constituem neste momento o programa de ação da Associação Internacional dos Trabalhadores, tais como a abolição da propriedade individual hereditária e a instituição da propriedade coletiva; a abolição do direito jurídico e do Estado; e a sua substituição pela organização e federação das associações produtivas; provavelmente ele não compreenderia nada destes objetivos, e poderia mesmo acontecer que, estando influenciado pelas idéias religiosas, políticas e sociais que os governos e os padres procuraram inculcar-lhe, repelisse com desconfiança e cólera o propagandista imprudente que quisesse convertê-lo com esses argumentos. *Não, primeiramente é preciso propor-lhe objetivos que o seu bom senso natural e a sua experiência quotidiana não possam ignorar a utilidade, nem repeli-los.*¹²⁷

Vai se delimitando assim a perspectiva da atuação dos coletivistas, expressa fundamentalmente do seio da Associação Internacional dos Trabalhadores. Todos os membros da Aliança estavam inseridos dentro da Internacional, reforçando a importância da organização popular em sua perspectiva histórica de transformação social.

Reconhecendo que a organização dos trabalhadores, visando à maior adesão e participação possível, deveria se organizar e pautar suas lutas sempre na questão econômica, representada pelos males que assolam a classe. É nessa organização, que tinha por objetivo a luta e a solidariedade econômica, que se cria a necessidade de

¹²⁷ BAKUNIN, 2002, p. 69

estender a luta, a necessidade de lutar por questões mais profundas, e a necessidade de ruptura com um sistema que não pode atingir a liberdade e a igualdade.

Mas, como chegar, do abismo da ignorância, de miséria e de escravidão, no qual os proletários dos campos e das cidades estão mergulhados, a este paraíso, a esta realização da justiça e da humanidade na terra? – Para isso, os trabalhadores só têm um único meio: a associação. Pois só resta uma única via, é a da (sua) emancipação pela prática.¹²⁸

Neste contexto histórico analisado, é a Internacional a maior expressão da unificação da classe trabalhadora através da questão econômica, e é justamente a proposta defendida pelos socialistas libertários, de que independente de ideologias políticas e religião, todos trabalhadores estão sujeitos aos problemas decorrentes do capitalismo. E é justamente por conta desta constatação que a questão econômica se faz presente como o único critério da Internacional, que aceitava no seu meio, independente das diferenças de idéias, todo e qualquer trabalhador que estivesse disposto a lutar pela sua própria emancipação econômica e de sua classe independentemente de suas convicções políticas ou religiosas.

... os fundadores da Associação Internacional agiram com grande sabedoria eliminando primeiramente do programa desta Associação todas as questões políticas e religiosas. Sem dúvida, de modo nenhum lhes faltou opiniões políticas, nem opiniões anti-religiosas bem marcadas; mas abstiveram-se de emití-las neste programa, porque o seu principal objetivo, em primeiro lugar, era unir as massas operárias de todo o mundo civilizado numa ação comum. Necessariamente que tiveram de procurar uma base comum, uma série de princípios simples sobre os quais os operários, sejam quais forem as suas aberrações políticas e religiosas, por pouco que sejam sérios, isto é, homens duramente explorados e sofredores, estão e têm de estar de acordo.¹²⁹

Definido assim o princípio da adesão dos trabalhadores à Internacional, entendamos agora como funcionava sua estrutura organizativa, que se dava a partir de *seções centrais* e *seções corporativas*.

Assim, a Internacional se organizava em cada país a partir de *seções centrais* e *seções corporativas*. Em cada país, os trabalhadores socialistas organizaram-se em *seções centrais*, uma espécie de comitê político responsável por estimular a criação da internacional e de propagandear as idéias socialistas entre os trabalhadores. Os

¹²⁸ BAKUNIN, 2002, p. 66

¹²⁹ Idem, p. 73

trabalhadores das seções centrais iniciavam o processo de constituição de *seções corporativas*, que eram espécies de seções sindicais, que organizavam os trabalhadores de acordo com a profissão e a indústria em que trabalhavam. Assim, as *seções corporativas* tornavam-se as células da Internacional, espalhadas por fábricas e diferentes ofícios, enquanto a *seção central* tornava-se o comitê responsável pela propaganda e por estimular as seções.

Nas seções centrais estavam concentrados os trabalhadores mais avançados do ponto de vista da consciência revolucionária. Eram trabalhadores que já possuíam uma idéia de emancipação do trabalhador através da ruptura com o sistema capitalista. Eram, em sua maioria, trabalhadores socialistas, que, firmes em uma idéia de revolução social, estimulavam a associação econômica dos trabalhadores e propagandeavam idéias socialistas.

As seções centrais não representam nenhuma indústria em especial, visto que os operários mais avançados de todas as indústrias possíveis encontram-se aí reunidos. Então o que é que elas representam? A própria idéia da Internacional. Qual é a sua missão? O desenvolvimento e a propaganda desta idéia. E esta idéia o que é? É a emancipação dos trabalhadores de tal indústria e de tal país, mas também de todas as indústrias possíveis e de todos os países do mundo... Tal é a força negativa, belicosa ou revolucionária da idéia. E a força positiva? É a fundação de um novo mundo social.¹³⁰

Estas seções centrais eram, portanto, limitadas. Aglutinando os trabalhadores pela idéia revolucionária, só poderia reunir um número muito pequeno de trabalhadores.

Se só tivesse havido, na Internacional, seções centrais, provavelmente elas já teriam conseguido formar conspirações populares para a inversão da ordem atual das coisas, conspirações populares para a inversão da ordem atual das coisas, conspirações de intenção, mas muito fracas para atingir seus fins, porque elas nunca poderiam arrastar e receber no seu seio senão um pequeníssimo número de operários, os mais inteligentes, os mais enérgicos, os mais convencidos e os mais dedicados. A imensa maioria, os milhões de proletários ficariam de fora, e, para inverter e destruir a ordem política e social que hoje nos esmaga, é preciso a concorrência destes milhões.¹³¹

As seções corporativas aglutinavam os operários de acordo com a profissão e a indústria em que trabalhavam, funcionando como um sindicato. Seu papel era social, unir através de problemas reais e cotidianos, unir através da questão econômica. Não

¹³⁰ BAKUNIN, 2002, p. 67

¹³¹ BAKUNIN, 2002, p. 68

partiam da “idéia” para o fato, mas do fato para a idéia. Primeiramente, o trabalhador entrava na seção corporativa, para lutar por melhores salários e por diminuição da jornada de trabalho. Porém, ao entrar na seção, começava a aprender o valor da organização, da decisão coletiva, da força conquistada por sua união, começava a identificar os inimigos, que, com os próprios fatos da luta, vão aparecendo. Segundo os coletivistas, é a partir desde momento onde os trabalhadores se associam para lutar por questões econômicas, a partir da *solidariedade econômica*, que eles vão se tornando revolucionários, a partir de suas práticas e da constatação da impossibilidade de atingir a totalidade de seus anseios dentro do capitalismo.

Desta forma, para Bakunin as seções corporativas se tornam fundamentais para o avanço da consciência revolucionária e o da própria Internacional. Elas são fundamentais para construir na prática o anseio pela revolução, e é a partir dessa constatação que possibilita que a Internacional se declare enquanto socialista e revolucionária.

Logo que entre para a seção, o operário neófito vai aprender lá muitas coisas. Explica-lhe que a mesma solidariedade que existe entre todos os membros da mesma seção estabelece-se igualmente entre todas as diferentes seções ou entre todas as corporações de profissões da mesma localidade; que a organização desta solidariedade mais larga, abraçando indiferentemente os operários de todas as profissões, tornou-se necessária porque os patrões de todas as profissões entendem-se entre eles...

(...) melhor do que pelas explicações verbais que recebe de seus companheiros, depressa reconhece todas as coisas pela sua própria experiência pessoal doravante inseparável e solidária com a dos outros membros da seção.

Numa palavra, a única solidariedade que lhe é oferecida como um benefício e ao mesmo tempo como um dever é, em toda a acepção da palavra, a *solidariedade econômica*, mas uma vez que esta solidariedade é seriamente aceita e estabelecida, produz todo o resto -, os princípios mais sublimes e subversivos da Internacional... Não sendo senão os desenvolvimentos naturais e necessários desta solidariedade econômica. E a grande vantagem prática das seções de profissão sobre as seções centrais consiste precisamente nisto, que estes desenvolvimentos e estes princípios demonstram-se aos operários não com argumentos teóricos, mas pela experiência viva e trágica de uma luta que se torna cada vez maior, mais profunda, mais terrível: de modo que o operário menos instruído, menos preparado, mais brando, constantemente arrastado mais para frente pelas próprias conseqüências desta luta, acaba por se reconhecer revolucionário, anarquista e ateu, muitas vezes sem saber como o conseguiu ser.¹³²

¹³² BAKUNIN, 2002, p. 70

Estas sessões cooperativas, segundo Bakunin, se tornam então a principal força da Internacional, pois aglutina os trabalhadores a partir de sua própria realidade, e a partir de suas lutas, de suas ações concretas, se tornam revolucionários. Entende-se que é considerada a principal força pela concepção de que o convencimento se faz muito mais real quando este está ligado essencialmente a prática, e não o convencimento puro e simples de idéias e teorias sem que presencie e verifique a efetividade e necessidade destas na prática da solidariedade economia, da luta social, e de sua emancipação.

A Internacional prepara os elementos da organização revolucionária, mas não a realiza. Ela os prepara organizando a luta pública e legal dos trabalhadores solidários de todos os países contra os exploradores do trabalho, capitalistas, proprietários e empreiteiros das indústrias, mas nunca vai, além disso. A única coisa que ela faz fora desta obra já tão útil, é a propaganda teórica das idéias socialistas nas massas operárias, obra igualmente muito útil, muito necessária à preparação da revolução das massas.¹³³

A Internacional então aglutina, associa e organiza as massas proletárias os preparando para a luta contra a burguesia, gerando consciência de classe as reconhecendo o antagonismo entre ambas. Ao mesmo tempo a Internacional também possibilita uma maior divulgação do pensamento socialista no seio da classe trabalhado, mas para Bakunin, para se chegar a um objetivo revolucionário, é preciso mais do que isso.

E é neste sentido que Bakunin avalia alguns limites da Internacional, e verifica a necessidade de haver também a associação no nível político. A razão de existência da Internacional constitui também seu limite no âmbito revolucionário.

A Internacional, enquanto uma organização de massas tem por essência o objetivo de aglutinar dentro de si uma grande quantidade de trabalhadores, que se aglutinam pela questão econômica, independente de opções políticas e religiosas. É nesta perspectiva que a AIT desenvolve a consciência de classe e se coloca cada vez mais em um rumo revolucionário, mas que por si só não conseguiria triunfar.

Bakunin analisa a Internacional desta forma, por acreditar que mesmo a questão econômica ser o fator máximo de aglutinação das massas proletárias, e para conseguir a

¹³³ BAKUNIN, 2002, p. 72

maior quantidade de associados ela não poderia ser diferente. A problemática colocada é que com essa *flexibilização* do critério de ingresso de novos associados faz com que mesmo tendo um objetivo revolucionário amplo, para que consiga de fato se manter como uma organização de massas, ela não consegue definir um rumo político comum e nem consegue aprofundar seu programa político.

Um debate que avançou dentro da AIT foi a da necessidade da revolução por não conseguir concretizar uma igualdade econômica dentro de um sistema que se constitua com a propriedade privada e divisão de classes defendendo mais tarde então a necessidade de uma ruptura revolucionária e a construção do socialismo. Mas qual é essa forma de socialismo? Como se dará a questão política? Qual será o modelo de educação? Como se dará a organização da economia? Através de um projeto federalista ou estatista?

São essas e outras perguntas que, segundo Bakunin, a Internacional não teria condições de respondê-las devido à pluralidade de concepções e teorias que existiam em seu seio – e se fosse discutido provavelmente racharia a internacional – e além dessa impossibilidade por conta da diversidade ideológica em seu meio, ainda corria o risco de que as insurreições e preparativos revolucionários fossem reprimidas rapidamente pelas forças estatais e contra revolucionárias devido a facilidade de um agente do governo estar na AIT, por conta de seu flexível critério de ingresso.

A AIT tinha assim o seu papel brilhante: “reunir as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através das diferentes nações e dos países, através das fronteiras de todos os Estados, em um só corpo imenso e compacto”.¹³⁴ Para que ela conseguisse realizar a revolução e sair vitoriosa deste processo, seria preciso um programa político claro.

A associação se dava por questões econômicas, mas para vencer a força organizada do Estado, segundo Bakunin, necessita da unidade dos trabalhadores em todos os sentidos. Exige que ele se levante simultaneamente e que tenha uma orientação em comum, para não botarem a revolução a perder por movimentos opostos que se contradigam. A Internacional era capaz de unir economicamente, entretanto, não era

¹³⁴ BAKUNIN, 2002, p. 74

capaz de dar uma linha política clara e fazer os trabalhadores levantarem-se unidos e assim permanecerem em torno dos rumos a tomarem.

Esta é uma característica de uma organização que visa a essencial função de ser uma associação de massas, e por conta de não ter um programa político específico, acaba também por deixar de lado algumas características necessárias para o levante.

A Internacional tinha a função de preparar a luta econômica e divulgar as idéias socialistas, e, por isso, era uma organização fundamental para os coletivistas, mas seus meios de luta eram limitados pela própria condição de sua existência enquanto unificadora das massas.

A Internacional, numa palavra, é um meio imenso favorável e necessário a esta organização (revolucionária), mas ainda não é esta organização. A Internacional aceita no seu seio, abstraindo-se completamente de todas as diferenças políticas e religiosas, todos os trabalhadores honestos, com todas as suas conseqüências a solidariedade da luta dos trabalhadores contra o capital burguês explorador do trabalho. Esta é uma condição positiva, suficiente para separar o mundo dos trabalhadores do mundo dos privilegiados, mas insuficiente para dar ao primeiro uma direção revolucionária.¹³⁵

A intenção neste tópico não era de abordar a história da Internacional ou entrar nos históricos debates ocorridos dentro dela, já que isto demandaria outro trabalho. O objetivo foi de demonstrar qual a razão da atuação dos coletivistas no nível social, em específico dentro da AIT, delimitando sua importância e seus limites e compreendendo o porquê de uma organização política específica anarquista, ou seja, um partido anarquista, como será abordado no próximo tópico.

O Nível Político: A Aliança da Democracia Socialista

O nível político é representado inicialmente pela Fraternidade Internacional Revolucionária e posteriormente a Aliança da Democracia Socialista. As características gerais das duas não se alteram substancialmente, permitindo que a análise que será feita sobre a Aliança consiga abarcar um pouco do que vem a ser a função e as características do modelo de organização, no nível político, bakuninista.

¹³⁵ BAKUNIN, 2002, p.72

Após identificar o que Bakunin considera os limites da Internacional, ele vê a necessidade de um organismo político, composto por uma minoria ativa, que impulsionasse a AIT em um rumo revolucionário, socialista libertário. O papel da Aliança então era o de provocar, estimular a espontaneidade das massas, mas, ao mesmo tempo, possibilitando uma coordenação que torne possível o levantar unido do povo e a manutenção desta união rumo a um objetivo revolucionário.

A Aliança é o complemento necessário da Internacional... – Mas a Internacional e a Aliança, tendendo para o mesmo objetivo final, perseguem ao mesmo tempo objetivos diferentes. – Uma tem por missão reunir as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através das diferenças das nações e dos países, através das fronteiras de todos os Estados, em um só corpo imenso e compacto; a outra, a Aliança, tem por missão dar às massas uma direção verdadeiramente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem serem opostos em nada, são diferentes pelo grau do seu desenvolvimento respectivo. O da Internacional, se o tomarmos a sério, também é em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do da Internacional.¹³⁶

A Aliança então, se compreende como um complemento da Internacional, uma organização política que estaria a serviço da organização popular e não o inverso. Ela se distingue da organização de massas no nível social, por possuir um programa revolucionário mais coeso e em um maior grau de profundidade, tendo como objetivo dar uma direção revolucionária¹³⁷ à Internacional e à luta dos trabalhadores.

É neste ponto também, que a idéia de que Bakunin fosse um espontaneista cai por terra. Ele reconhece e valoriza a espontaneidade das massas, espontaneidade está que não elimina a importância de sua organização, e se coloca contra o espontaneismo dos revolucionários.

Então o que deve fazer as autoridades revolucionárias – e trabalhem para que estas existam o menos possível – o que é que elas devem fazer para desenvolver e organizar a revolução? *Elas nem devem fazê-la por decretos, nem impô-las às massas, mas provocá-las nas massas. Elas não lhes devem impor uma organização qualquer, mas suscitando a sua organização autônoma, trabalhar secretamente, com a ajuda da influência sobre os indivíduos mais inteligentes e mais influentes de cada localidade, para que esta organização esteja o mais próximo*

¹³⁶ BAKUNIN, 2002, p. 74

¹³⁷ Apesar da divergência do pensamento de Bakunin com o termo *direção* utilizado nos dias de hoje, preferimos mantê-lo, mas este pode ser entendido por *rumo revolucionário*.

possível de nossos princípios. – Todo o segredo do nosso triunfo está aí.¹³⁸

Para Bakunin, os fins não justificam os meios, a forma de organização dos trabalhadores tem de prepará-los para autogerir a sociedade futura, desta forma a Aliança não poderia impor uma organização qualquer aos trabalhadores. Ela deve, pelo contrário, impulsionar a organização autônoma do povo, isto é, provocar, estimular a associação dos trabalhadores no campo e na cidade, para que sua organização autônoma tenha força para protagonizar a revolução social.

Neste sentido, Bakunin condena os partidos ou os chefes revolucionários que pretendem impor ao povo a revolução e as idéias revolucionárias, eliminando a autonomia das associações populares. Não são as autoridades revolucionárias que deverão fazer a revolução, mas as massas populares. Retirar este protagonismo do povo é inviabilizar a revolução social.

A razão principal porque todas as autoridades revolucionárias de todo o mundo fizeram sempre tão pouca revolução, é porque elas sempre quiseram fazer-las elas próprias, com a sua autoridade, e com a sua força, o que nunca deixou... De estreitar excessivamente a ação revolucionária, pois é impossível mesmo para a autoridade revolucionária mais inteligente, mais enérgica, mais franca, abraçar ao mesmo tempo muitas questões e interesses, sendo qualquer ditadura, tanto individual como coletiva, enquanto composta por vários personagens oficiais, necessariamente muito limitada, muito cega, incapaz tanto de penetrar nas profundezas como de abraçar toda a amplitude da vida popular.¹³⁹

É por conta disso que todos os membros da Aliança deveriam também fazer parte da Internacional, pois para Bakunin, é na atuação social que o militante vai se formando, vai aprimorando suas noções de organização, tática e estratégia, e é através das lutas que ele irá conseguir formar sua consciência revolucionária.

A Aliança devia atuar no movimento social sempre deixando a ele o poder de desenvolver a sua organização social através da mais ampla liberdade e respeitando a espontaneidade das massas. Não devia criar uma casta do movimento que seria a autoridade oficial que dita ao povo o que ele deve fazer. Pelo contrário, devia impulsionar a organização espontânea e lutar contra o estabelecimento de uma estrutura hierárquica.

¹³⁸ BAKUNIN, 2002, p. 55

¹³⁹ BAKUNIN, 2002, p.54

O nosso objetivo é criar uma coletividade revolucionária forte, mas sempre invisível; uma coletividade que deve preparar a revolução e dirigi-la..., deixando ao movimento revolucionário de massas o seu desenvolvimento total à sua organização social... a mais completa liberdade, mas vigiando sempre para que este movimento e esta organização nunca possam reconstituir autoridades, governos, Estados, e combatendo todas as ambições, tanto coletivas (no gênero da de Marx) como individuais pôr influencia natural, nunca oficial, de todos os membros de nossa Aliança, disseminados em todos os países, e cuja força vem unicamente de sua ação solidária e da unidade de programa e de objetivos que deve existir sempre entre eles.¹⁴⁰

Desta maneira, Bakunin delimita a atuação dos aliancistas na internacional de maneira que lutando para que a organização dos trabalhadores se constituísse de maneira autônoma e horizontal e agindo unicamente com a força da influência e do convencimento sobre os indivíduos mais influentes de cada localidade. Agir assim significa dirigir não porque têm o poder de mando, ou por se tornar uma *autoridade infalível* que iria impor suas vontades, mas mantendo o debate e o poder de decisão popular.

Os coletivistas deveriam então, atuar com o programa da Aliança na cabeça, que em nada é contraditório ao da Internacional, buscando assim conquistar espaço político dentro da AIT através do convencimento dos trabalhadores, sempre coordenando em várias localidades este convencimento amplo para que os trabalhadores se levantem unidos e assim permaneçam. Segundo Bakunin, somente assim os trabalhadores poderiam decidir e decidir os rumos que a Internacional deveria tomar.

Bakunin acredita que os trabalhadores lutando pelas questões econômicas e relativas ao seu dia-a-dia os trabalhadores e sem uma direção imposta, é que eles conseguiriam tomar sua consciência revolucionária a partir de sua experiência prática. Estimulados em cada ação a refletir sobre o acontecido e buscando as causas daquele problema, neste constante debate, é que se conseguiria formar um programa revolucionário que de fato atendesse as necessidades reais dos trabalhadores, e não de um programa imposto por uma direção.

Nenhuma teoria filosófica ou política deve entrar, como fundamento essencial, e como condição oficial obrigatória, no programa da

¹⁴⁰ BAKUNIN, 2002, p. 59

Internacional... Mas isto não implica que não possam e não devam ser livremente discutidas na Internacional todas as questões políticas e filosóficas. Pelo contrário, a existência de uma teoria oficial é que mataria, tornando-a absolutamente inútil, a discussão viva.

Mas então a Internacional transformar-se-á numa torre de Babel? Pelo contrário, só então é que ela constituirá a sua unidade real, primeiro econômica e depois necessariamente política; então é que ela criará, não sem dúvida de um só golpe, a grande política da Internacional, não emanando dum cabeça isolada, ambiciosa, muito sábia e, no entanto incapaz de abraçar as mil necessidades do proletariado, por muitos miolos que tenha, mas da ação absolutamente livre, espontânea e simultânea dos trabalhadores de todos os países. (BAKUNIN, s.d., p. 83).

Assim, a Aliança mesmo possuindo um programa mais aprofundado e específico, não poderia impor seu programa à Internacional, esta construção deveria ocorrer dentro da AIT no decorrer das lutas e do avanço político da mesma, sem delimitar uma teoria específica para que abrangesse o máximo de trabalhadores. É justamente esta uma das críticas de Bakunin a Marx. O fato de este último querer tornar exigência para a Internacional o programa que é fruto de sua própria cabeça, para Bakunin, os que tiverem seus programas políticos que se ponham a luta propondo, debatendo e convencendo sobre os melhores caminhos a seguir.

A Aliança, como uma organização expressamente revolucionária, e devido à perseguição dos elementos revolucionários europeus – Bakunin foi preso e condenado a morte ou prisão perpétua por diversas vezes e por vários países, passando cerca de oito anos de sua vida preso – fazia-se necessário que se estruturasse clandestinamente por questões de segurança dificultando a identificação de seus membros pelo aparato repressivo.

Mas tendo esta obra um objetivo prático, revolucionário, o entendimento mútuo que é a condição necessária não pode se fazer publicamente; se se fizesse em público, atrairia sobre os iniciadores as perseguições de todo o mundo oficial e oficioso, e se veriam esmagados antes mesmo de terem podido fazer a mínima coisa.¹⁴¹

Entretanto, para que se atingisse o objetivo por ela proposta ela deveria se estruturar de maneira que: tivesse um caráter de *minoria ativa* e fosse clandestina, se estruturando de maneira *horizontal*, tendo todos os seus membros uma *unidade*

¹⁴¹ BAKUNIN, 2002, p.75

programática e de ação, e que fizessem uma *opção de classe*, sacrificando se preciso seus interesses particulares para servir a organização, para que esta atinja seus objetivos.

A Aliança era obviamente um partido de minoria ativa, se distinguindo fundamentalmente de um partido de massas, pois reunia uma pequena quantidade de membros, que tinham por objetivo único impulsionar as lutas dos trabalhadores fornecendo a ela uma direção revolucionária. Esta minoria estaria espalhada por toda a Europa.

A organização da Aliança se dava de maneira horizontal, ou seja, sem autoridades infalíveis, mas com todos os seus membros tendo o mesmo poder de decisão. Desta maneira, o respeito construído pelos membros da Aliança se daria a partir de sua prática, de sua atividade para a associação. Os membros que dominassem um maior conhecimento científico ou que contribuíssem com riquezas materiais para a Aliança, não deveriam por isto ter a pretensão de autoridade ou de privilégios dentro da mesma.

Qualquer que seja, portanto, a diferença de capacidade entre os irmãos internacionais, teremos apenas um senhor: nosso princípio; uma só vontade: nossas leis para cuja criação todos contribuímos, ou as quais consagramos por nossa livre vontade. Embora nos inclinemos com respeito diante dos serviços passados de um homem, embora apreciando a grande utilidade que nos trariam uns, com sua riqueza, outros, com sua ciência, e ainda outros com suas elevadas posições e influências públicas, literárias, políticas ou sociais, longe de procurá-los, por estes motivos, veríamos nisso uma razão de desconfiança, pois todos os homens poderiam trazer para o nosso meio hábitos, pretensões de autoridade, de herança de seu passado, e nós não podemos aceitar nem estas pretensões, nem esta autoridade nem esta herança, olhando sempre para frente, jamais para trás, e só reconhecendo o mérito e direito naquele que servir mais ativa e resolutamente nossa associação.¹⁴²

Desta maneira, não existe a consolidação de uma autoridade fixa e infalível, o que se expressa dentro da Aliança é uma autoridade natural, uma divisão de papéis que ocorresse de acordo com as habilidades de cada um, não sendo de forma fixa e nem concedendo um status de infalibilidade a ninguém. Permitindo assim que a Aliança tivesse agilidade para tomar decisões de como agir nos momentos de luta.

¹⁴² BAKUNIN, 1999, p. 65

No momento da ação, no meio da luta, os papéis dividem-se naturalmente, segundo as aptidões de cada um, apreciados e julgados por toda a coletividade: uns dirigem, e ordenam, outros executam as ordens. Mas nenhuma função se petrifica, se fixa e fica irrevogavelmente ligada a nenhuma entidade ou pessoa.¹⁴³

A atuação de seus membros então deveria estar fundada em unidade sobre seu programa e sua ação. O programa da Aliança foi construído e elaborado ou aceito por todos os seus membros, desta maneira todos tem a obrigação de cumpri-lo. Os seus membros deviam, portanto, ter uma clareza e uma afinidade teórica, partilhando de uma mesma concepção.

Desta maneira os membros da Aliança deveriam ser federalistas, socialistas, ateus e revolucionários, abrangendo desta forma os pontos básicos de seu programa, mas nas questões relativas a táticas e outras decisões, de certo haveriam discordâncias dentro da associação, por isso era necessário uma unidade de ação, uma responsabilidade coletiva a respeito das deliberações da associação.

Existirá uma perfeita solidariedade entre todos os membros aliados, de tal maneira que os acordos decididos pela maioria dos aliados serão obrigatórios para todos os demais, sacrificando-se sempre em benefício da unidade de ação, as apreciações particulares que puderem existir entre os membros.¹⁴⁴

Um acordo onde todos os membros tiveram ativa participação em sua formulação e possibilidade de defesa das suas propostas buscando o convencimento dos demais, após a sua deliberação deveriam ser seguidos por todos, garantindo assim uma unidade de ação que daria ainda mais força para a Aliança.

Para garantir esta unidade e também a segurança dos membros, todos eles deveriam estar submetidos a uma forte disciplina, uma autodisciplina. *“Esta disciplina não é senão a concordância voluntária e refletida de todos os esforços individuais para um objetivo comum”*.¹⁴⁵ A disciplina proposta por Bakunin, é uma disciplina reflexiva, que se dá a partir do compromisso consciente e mutuo entres seus membros, sendo esta fundamental para que houvesse eficácia no cumprimento da função assumida pelo partido.

¹⁴³ BAKUNIN, 2002, p. 60

¹⁴⁴ BAKUNIN, 2002, p.78

¹⁴⁵ Idem, p. 60

Deve compreender que uma associação, tendo uma finalidade revolucionária, deve necessariamente formar-se como sociedade secreta, e que toda sociedade secreta, no interesse da causa a que serve e da eficácia de sua ação, assim como no interesse da segurança de cada um de seus membros, deve submeter-se a uma forte disciplina, que é apenas o resumo e o resultado puro do engajamento recíproco dos membros uns em relação aos outros e que, conseqüentemente, submeter-se a uma condição de honra é um dever de cada um.¹⁴⁶

Engajamento este, que deveria partir de todos os seus membros para conseguir os objetivos e a função por eles assumidos, sacrificando inclusive seus interesses particulares se fosse preciso para cumprir os objetivos por ele assumidos junto à associação. Como revolucionário ele deveria estar disposto a sacrificar a vida pela luta da classe trabalhadora.

Deveriam os membros da Aliança, sacrificar seu bem estar, sua vaidade, seus interesses particulares e individuais em prol da luta revolucionária. A militância social e política deveriam estar sempre em primeiro plano na vida dos membros da Aliança.

É preciso que tenha em si a paixão revolucionária, que ame a liberdade e a justiça a ponto de querer seriamente contribuir com seus esforços para seu triunfo, a ponto de entender como um dever o sacrifício de seu repouso, de seu bem-estar, de sua vaidade, de sua ambição pessoal e até mesmo de seus interesses particulares.¹⁴⁷

Desta maneira, o próprio processo de ingresso deveria ser diferenciado se comparado a Internacional que se colocava como uma organização de massas e pública, e que tinha em vista a maior aglutinação dos trabalhadores. A aliança, ao contrário, se tratava de uma organização de minoria ativa e de caráter clandestino, exigindo que os membros que tivessem interesse de entrar para o partido deveriam preencher uma série de requisitos anteriormente apresentados e contribuir de maneira relevante para a organização e para a luta dos trabalhadores dentro da Internacional.

Doravante que cada grupo, cada seção de grupo, não receba no seio um novo membro senão por *unanimidade*, nunca unicamente pela maioria das vozes, isto é, de todos os membros que fazem parte desta seção de grupo. – Se só são dois, não devem admitir um terceiro senão quando estiverem os dois perfeitamente de acordo e igualmente convencidos da utilidade, da inteligência, da dedicação, da energia e da descrição que ele vos trará.¹⁴⁸

¹⁴⁶ BAKUNIN, 1999, p. 64

¹⁴⁷ Idem, p. 64

¹⁴⁸ BAKUNIN, 2002, p.61

Desta maneira, um novo membro só poderá adentrar em uma das seções da Aliança, se por unanimidade os membros da seção decidir. O aspirante à associação teria então de ser indicado por um dos membros para que só assim avaliasse se o novo membro tinha um potencial para aceitar os objetivos propostos pela Aliança e se ele contribuiria verdadeiramente com a causa, mantendo assim a segurança da associação e o comprometimento de seus membros.

E nesta escolha nunca devem se deixar conduzir por nenhuma outra consideração senão o programa da Aliança, a *concorrência perfeita dos seus sentimentos e das suas idéias com esse programa, e a sua capacidade real de os seguir com energia, com discricção e com perseverança e prudência*, e sobretudo a sua capacidade de *renunciar para sempre qualquer iniciativa pessoal isolada, e de subordinar sempre a sua ação à vontade coletiva* – capacidade que os vaidosos e ambiciosos nunca têm, pois o que eles procuram, muitas vezes – sem eles próprios repararem nisso, - o que procuram em todas as coletividades, tanto públicas quanto secretas, que encontram, é um pedestal para si, um trampolim para sua glória ou elevação pessoal – por causa disso, impusemos a nós próprios a lei de nunca receber no nosso sanctum sanctorum, na nossa intimidade e fraternidade coletiva, nenhum ambicioso e nenhum vaidoso, por muito parecidas que sejam as suas idéias e as suas tendências apaixonadas com as nossas, por muito inteligentes e sábios que sejam e por muito grande que pudesse ser a utilidade que as suas relações e a sua influência no mundo nos trouxesse.¹⁴⁹

Desta forma, caracteriza-se uma relação dialética entre a Aliança, o nível político, e a Internacional, o nível social. A Aliança tem um caráter de minoria, visa aglutinar somente os militantes que concordam e se propõe a lutar pelo seu programa e assumem suas estratégias revolucionárias. A Internacional por sua vez, tem por caráter uma organização de massas, que visa aglutinar em seu seio o maior numero de trabalhadores, e para isso não assume uma posição política ou religiosa definida, concentrando seus esforços na melhoria das condições materiais da vida dos trabalhadores, na questão econômica. Bakunin acredita que ambas se complementam e não se contradizem, tendo como diferença básica o caráter e o programa.

¹⁴⁹ BAKUNIN, s.d., 61

CONCLUSÃO

Partindo da pesquisa acerca do pensamento bakuninista podemos observar um distanciamento entre a concepção do Bakuninismo e a concepção hegemônica da historiografia sobre o anarquismo.

Podemos observar que Bakunin teve suas concepções formadas em sua época, um momento de consolidação do capitalismo europeu e onde a “revolução estava na ordem do dia”. Neste sentido Bakunin pode ser considerado um *homem de ação*, tomando parte junto às barricadas em vários momentos de sua vida, inclusive sendo preso e condenado duas vezes a morte após a insurreição em Lyon em 1848.

A formação revolucionária de Bakunin também acarreta as experiências da revolução francesa e a crítica a uma revolução puramente política, a dialética hegeliana e os hegelianos de esquerda, e o socialista Proudhon.

Bakunin será influenciado por todo o processo histórico de sua contemporaneidade, e terá o ápice de seus debates e exposição de seu pensamento durante o período da 1ª Internacional, e seus debates com as principais correntes socialistas de sua época: os marxistas e os proudhonianos.

Interessante neste debate é expor as divergências do pensamento bakuninista com outras concepções socialistas, tendo como “pano de fundo” em todo o debate com Marx a questão do Estado, em essencial da possibilidade ou não em um processo revolucionário.

Com os proudhonianos, o debate centrava essencialmente em algumas posições individualistas que se refletiam na defesa de um tipo de propriedade, apesar da frase que muitas vezes é indiscriminadamente repetida de que a “*propriedade é um roubo!*” e acaba por se tomar conclusões precipitadas sem se atentar para o tipo de propriedade que Proudhon esta falando.

Proudhon separa dois tipos de propriedade, sendo a primeira que ele combatia a propriedade acumulativa que é usada para a exploração do trabalho do outrem, ou que

gere rendas sem o esforço do próprio proprietário; é o direito absoluto sobre as coisas. Este é o modelo de propriedade de Proudhon acusa como um roubo.

Mas se aceita uma modelo de propriedade baseado na posse, onde cada homem teria o direito de controlar a terra que ele mesmo produz, defendendo o avanço deste modelo de propriedade e a extinção do modelo de propriedade capitalista. Este tipo de propriedade uma maneira de preservar certa individualidade em contraposição à força coletiva, defendendo assim como a constituição desta base social uma federação de pequenos produtores.

É justamente com a entrada dos membros da Aliança no congresso da AIT, que irá se derrubar a tese defendida pelos proudhonianos que tinham bastante força dentro da Internacional, a partir de uma defesa da propriedade coletiva tanto por Bakunin como por Marx.

Estes debates entre as correntes socialistas dentro da AIT vão aos poucos delimitando os campos teóricos de cada doutrina, e é a partir do levantamento destes elementos que buscamos durante todo o trabalho resolver a problemática levantada tendo estes elementos como chave para a confirmação de nossas hipóteses.

Buscamos demonstrar no tópico *A crítica historiográfica* a visão do anarquismo como uma concepção crítica puramente política por parte da historiografia, e abordamos esta perspectiva como reflexo da cisão da AIT e os debates no campo socialista, levando à necessidade de delimitar sub-campos políticos que foram pautados por Bakunin tendo como foco a concepção de Estado.

O segundo elemento trabalhado neste tópico diz respeito ao anarquismo sendo entendido como um ato heróico e individual, em decorrência de um afastamento do anarquismo da luta sindical, em um momento de refluxo da mesma, e que culmina com o nascimento da corrente anarco-comunista de Kropotkin e Reclus que buscamos delimitar as divergências teóricas, estratégicas e táticas com o pensamento bakuninista.

É importante deixar claro que a corrente anarco-comunista contou com outras experiências históricas e que muitas vezes se aproximam mais da concepção bakuninista do que propriamente de Kropotkin. Podemos citar como exemplo o anarco-comunismo

italiano de Malatesta e Fabbri e o anarco-comunismo ucraniano que atuou durante a revolução russa e teve como principais expoentes Nestor Makhno e Piotr Archinov.

Para alcançar nossos objetivos propostos pautamos nosso trabalho sobre alguns elementos constitutivos da teoria bakuninista, pautados no materialismo e na dialética em contraposição ao idealismo e romantismo que tanto é ligado pela historiografia ao anarquismo.

A partir deste ponto fizemos um levantamento das propostas de transformação social e iniciamos o debate do que vem a ser a liberdade para Bakunin, liberdade esta que pressupõe uma igualdade política, econômica e social para ser alcançada. Buscamos abordar nestes pontos as propostas bakuninistas para todos estes âmbitos da vida social, refutando a afirmação do anarquismo se prender apenas à uma crítica política ao Estado e a toda autoridade, mas levantado os pontos da complexidade do pensamento deste socialista libertário.

No segundo capítulo abordamos a práxis revolucionária de Bakunin, perpassando por temas como a necessidade da revolução violenta e sua conseqüente internacionalização, entendendo que a emancipação da classe trabalhadora somente seria possível através de uma ruptura revolucionária que se daria violentamente, já que a burguesia não abriria mão de seus privilégios.

Interessante notar que a violência defendida por Bakunin se refere muito mais as “coisas” do que as pessoas. Admite-se que haverão várias mortes, mas aponta-se como primordial os sustentáculos de uma vida desigual e sem liberdade, e neste sentido, para ele a revolução social seria muito menos violenta que foram as revoluções burguesas.

A própria necessidade de internacionalização se contrapõe à uma visão de que o anarquismo quer fundar uma série de sociedades isoladas e auto-suficientes, mas tem se a proposta de organizar internacionalmente a partir do federalismo e do coletivismo toda a sociedade, estando ela intimamente interligada como um todo e não em pequenos guetos isolados.

Para se delimitar a práxis revolucionária bakuninista exploramos sua diferenciação em dois níveis de atuação, no nível social e no nível político específico anarquista.

A atuação no nível social se consolidou dentro da AIT, que deveria fundar as bases para a nova sociedade, através da organização dos trabalhadores pautados pelo âmbito econômico e os mesmos seriam os sujeitos da transformação social.

Como sujeitos da revolução Bakunin define as *massas proletárias*, que compreende não só os trabalhadores urbanos e fabris, mas o proletariado urbano e rural e o campesinato. Dentro do proletariado evidencia uma maior esperança no *lupem-proletariado*, fazendo uma crítica ao proletariado especializado de alguns países que estariam envoltos de uma cultura burguesa, pelos seus altos salários e privilegiada posição dentro dos locais de trabalho.

O campesinato por sua vez não era idealizado, era analisado a partir de sua própria realidade, reconhecendo suas contradições e o próprio misticismo ao qual se vinculava. Mas para Bakunin era essencial a tomada de posição do campesinato a favor da revolução, já que os camponeses em sua época ainda constituem boa parte da população e da produção rural, e que sem eles a revolução estaria condenada.

A cerca da propriedade de posse da terra Bakunin visualizava o fim do direito de herança, impedindo a acumulação de terras por parte destes camponeses ou de outrem e conseqüentemente a futura socialização das áreas rurais. O proletariado urbano não poderia ser o único agente da revolução, pois este teria de impor um modo de vida específico ao camponês e tal atitude poderia colocar o campesinato nas mãos da reação burguesa e comprometer a revolução.

Mas as massas proletárias não se sublevariam mecanicamente e espontaneamente. A classe deveria se auto-organizar em instancias que aglutinassem os trabalhadores para a luta por sua emancipação. Em sua época, esta entidade se consolidou com a Internacional, e desta forma, este deveria ser o local da atuação social dos anarquistas.

Mas os anarquistas não deveriam se ater apenas ao nível social, onde o próprio modelo organizativo que visa aglutinar o maior numero de trabalhadores e com um critério de ingresso amplo impossibilitava o debate mais profundo acerca de um processo revolucionário que poderia facilmente ser descoberto por agentes infiltrados ou mesmo dividir a classe.

Neste momento entra em cena a Aliança da Democracia Socialista, que deveria aglutinar os mais dedicados militantes da AIT e que teria por objetivo estimular a mesma para um rumo revolucionário pautado nos princípios anarquistas. Segundo Bakunin a Aliança não teria nada de contraditório com o programa da Internacional, mas seria sim o complemento do programa do nível de massas, que obrigatoriamente deveria ser mais amplo e menos específico. O papel do partido anarquista seria então o de servir o movimento das massas proletárias, e não o contrário.

Interessante notar um modelo de organização proposto para Bakunin, em dois níveis de atuação e que se distingue em muito da visão historiográfica dos anarquistas serem anti-organização. O trabalho apresenta elementos de um programa bakuninista, delimitando sua teoria, estratégias e táticas. A questão da espontaneidade assume a duplo aspecto, ao mesmo tempo em que é valorizada a espontaneidade das massas proletárias, observa-se a importância da organização e de um programa para o nível social, e em especial para o nível político.

A atuação neste nível político significa uma potencialização da atuação dos anarquistas no nível de social, significa a substituição do ator político, individual, pelos agentes políticos que dentro das associações de massa teriam como papel impulsionar a auto-organização dos trabalhadores e a tomada de um rumo revolucionário.

Mas o trabalho de pesquisa acerca deste revolucionário exige certa persistência e um esforço historiográfico, já que apesar de ter uma vasta obra a mesma se encontram fragmentadas e dispersas em várias cartas, artigos para jornais e periódicos, e algumas poucas obras mais extensas, e muita das vezes inacabadas.

As cartas de Bakunin muita das vezes encarnam uma forma de artigo, ao passo que também seus livros acabam por se bifurcar a cerca de vários assuntos além de que boa parte de sua obra é inacabada. Bakunin se mostrava muito mais como um homem de ação, buscando participar de todos os acontecimentos que julgava importante em sua época e acabava por deixar em segundo plano suas obras e o que viria a ser sua herança intelectual.

O presente trabalho buscou desta maneira o levantamento sistemático de alguns elementos constitutivos desta teoria, definindo pontos para a compreensão do

bakuninismo em sua totalidade. Sabemos que para atingir a complexidade do pensamento deste revolucionário ainda nos falta um longo caminho, os pontos apresentados dever ser melhor abordados e mais aprofundados visando uma melhor compreensão de seu pensamento.

Podemos citar como exemplo o conceito de liberdade, que para Bakunin se encaixa quase como um dogma a ser alcançado. Mas esta liberdade não se restringe a um modelo que poderíamos alcançar em uma sociedade capitalista, e muito menos isolados em meio a natureza.

O conceito de liberdade em Bakunin perpassa obrigatoriamente pela necessidade de uma igualdade não só política, mas uma igualdade que atinja os vários âmbitos da vida humana. Não estamos falando do fim da diversidade, até mesmo por esta ser considerada uma das riquezas humanas, quando exige uma igualdade está se referindo a condições iguais para que todos possam desenvolver suas faculdades.

É a apresentação deste conceito fundamentado na vida real, na necessidade de se possibilitar meios concretos e igualitários, tanto no âmbito político, econômico e cultural, para que o ser humana possa se desenvolver. É uma concepção de que no momento que se inicia a liberdade do próximo, ao contrário de limitar sua liberdade é o que de fato a potencializa, já que para Bakunin a liberdade só se concretiza coletivamente.

Este conceito de liberdade, assim como outros, deve ser muito mais aprofundado, incluindo suas implicações no programa bakuninista de intervenção e de transformação social.

Outro ponto que abordamos de maneira muito superficial foi a própria concepção de Estado, de seu papel histórico e da necessidade de sua destruição e não de sua conquista. Apontando assim como modelo de organização política e de descentralização do poder o federalismo, construído de baixo para cima e fundamentado na igualdade econômica a partir do modelo coletivista.

Bakunin constitui uma teoria única, com base de o a liberdade e a igualdade são inseparáveis e essenciais para a emancipação social, de maneira que a classe

trabalhadora se constitui como seu principal local de atuação, e a luta de classes e a valorização do trabalho coletivo como importante elemento de sua estratégia.

Todos estes temas apresentados podem ainda ser muito aprofundados, além de elencar novos elementos em um trabalho futuro e estabelecer mais profundamente o debate com outras concepções, tanto dentro do socialismo como fora dela. Este trabalho é apenas um primeiro passo no sentido de compreender o anarquismo a partir de sua origem e sua base teórica, partindo de suas particularidades e divergências ao invés de forjar um consenso entre as varias correntes do anarquismo ignorando profundas divergências e provocando um confusionismo acerca do mesmo.

A teoria bakunista pode hoje fornecer novos elementos para a critica social. Podemos começar pela citada concepção materialista em Bakunin, que apesar de colocar um peso maior no âmbito econômico, não cai em um determinismo econômico. Ele aponta uma crítica ao determinismo da infra-estrutura, entendendo que “no son los hombres los que hacen la posición (social), sino la posición (social) que hace los hombres”¹⁵⁰, entendendo de maneira dialética a relação entre política e economia. Elas se auto-determinam mutuamente, apesar de dar mais peso para o âmbito econômico, afirmando assim a necessidade de destruir o Estado para não se constituir uma nova classe privilegiada que defenderia seus próprios interesses e não mais o da classe trabalhadora.

Hoje presenciamos um momento de crise no campo da esquerda, reforçado por uma crise e\ou uma falta de um paradigma revolucionário pautado nas concepções individualistas e em um ceticismo conformista. É interessante buscar a crítica ao individualismo e ao reformismo aplicado à uma proposta de emancipação a partir do culturalismo, do educacionismo e do cooperativismo.

Para Bakunin a teoria e a prática caminham juntas, e cada uma assume seu peso em cada contexto histórico. A crítica ao educacionismo se consolida no sentido de que não são as idéias que iram transformar a realidade, e sim uma prática revolucionária. Por sua vez o culturalismo acaba por se colocar no outro extremo do economicismo, abandonando desta forma importantes elementos do âmbito econômico.

¹⁵⁰ MINTZ Frank (comp). *Bakunin. Crítica y Acción*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2006, p. 9.

O cooperativismo proposto hoje por vários setores da esquerda acabam por se esbarrar em uma competição contra as grandes empresas, e em sua experiência prática acabam entrando na lógica capitalista de mercado e convertendo-se em empresas capitalista, ou como na maior parte dos casos, acabam falindo ou contando com poucos membros.

É relevante a concepção bakuninista no sentido de compreender a economia não em um sentido determinista, apesar de ter um peso maior na análise da sociedade. Pontuamos também a questão do poder político em Bakunin é formulado de maneira descentralizada e construindo de baixo para cima se distinguindo da *ditadura do proletariado* implantado no bloco soviético e do modelo de estado mínimo dentro do capitalismo: o *neoliberalismo*.

Bakunin critica a manutenção do Estado durante o período revolucionário por acreditar que nasceria uma nova classe, a *burocracia vermelha*, que não teria outro objetivo a não ser perpetuar seu domínio e seus privilégios. De fato sua crítica demonstrou ter fundamentos a partir da aplicação prática deste modelo de Estado.

Outra questão que nos leva a elaborar este trabalho é a falência do modelo estatista soviético, onde as críticas bakuninistas se tornam bastante atuais, tecendo uma crítica socialista à *ditadura do proletariado*, mas não a partir do campo reformista da social democracia que se centrava na crítica à violência revolucionária acreditando na emancipação dos trabalhadores através de reformas progressivas decretadas pelo Estado. A crítica anarquista se apresenta na crítica ao Estado, e não se restringe simplesmente a negá-lo ou apontar suas conseqüências, mas apresenta também o federalismo como alternativa à organização sócio-política.

O *neoliberalismo* que visa a diminuição do Estado em prol da auto-regulamentação por parte do mercado se distancia longamente do modelo bakuninista. O Estado Neoliberal não deixa de ser “Estado” e de defender os interesses das classes privilegiadas, seja socorrendo financeiramente e regulando o mercado em seus momentos de crise, seja garantindo através da força a manutenção da sociedade de classes e o interesse da classe burguesa.

A revolução política em nenhum momento resolve os problemas da classe trabalhadora. Transformar a política sem transformar o âmbito econômico rompendo com a base do sistema capitalista mantém as classes trabalhadores em um regime de exploração e\ou dominação.

Continuar esta pesquisa acerca da teoria bakuninista se faz importante não apenas para reconstruir uma memória histórica acerca do anarquismo e do socialismo de maneira geral, mas com o objetivo de elencar elemento que possam nos fornecer bases para uma crítica da sociedade atual.

BIBLIOGRAFIA

- BAKUNIN, Mikhail. *Conceito de Liberdade*. Porto: Ed. Rés, 1975.
- _____. *O socialismo Libertário*. São Paulo: Global, 1979.
- _____. *Bakunin por Bakunin. Cartas*. Brasília: Novos Tempos, 1987.
- _____. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. *Textos Anarquistas*. Seleção e notas de Daniel Guérin. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- _____. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário; NU-SOL - PUC/SP, 2000.
- _____. *Escritos Contra Marx*. São Paulo: Imaginário; NU-SOL - PUC/SP, 2001.
- _____. *Socialismo e Liberdade*. São Paulo: Luta Libertária, 2002.
- _____. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Imaginário; Ícone; Nu-Sol - PUC/SP, 2003;
- _____. *A instrução integral*. São Paulo: Imaginário; IEL – Instituto de Estudos Libertários; Nu-Sol – PUC/SP, 2003b.
- _____. *O sistema capitalista*. São Paulo: Faísca, 2007
- _____. *O princípio do Estado e outros ensaios*. Organização e tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Hedra, 2008.
- BANCAL, Jean. *Proudhon: Pluralismo e Autogestão*. São Paulo: Novos Tempos, 2003.
- BERBECHKINA, at al. *Que é o materialismo histórico?* Moscovo, URSS: Edições Progresso, 1987.

BOGO, Ademar (org.). *Teoria da Organização Política*. V. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

CARONE, Edgard. *Socialismo e Anarquismo no início do século*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CODELLO Francesco. “A Boa Educação”: *Experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill*. Volume 1. São Paulo: Imaginário; Ícone, 2007.

COELHO, Plínio A (org.). *BAKUNIN*. São Paulo: Imaginário, 1994.

_____ (org.). *Os anarquistas julgam Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001.

DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

DOLGOFF, Sam. *A relevância do anarquismo para a sociedade moderna*. São Paulo: Faísca, 2005.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Escritos sobre a Comuna de Paris*. São Paulo: Xamã, 2002.

GALO, Sílvio. *Anarquismo: uma introdução filosófica e política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

GREEN, Gilbert. *Anarquismo ou Marxismo: uma opção política*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

GUERIN, Daniel. *O Anarquismo*. Rio de Janeiro: Germinal, 1968.

_____. *O futuro pertence ao socialismo libertário*. Porto Alegre: Editora A, 1980.

_____ (org.). *O anarquismo e a democracia burguesa*. São Paulo: Global, 1986.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *A era do Capital 1848-1875*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Revolucionários*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KROPOTKINE, P. *A conquista do pão*. 3ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1975.

_____. *Textos Escolhidos*. Seleção e apresentação de Maurício Tragtenberg. Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. *Palavras de um Revoltado*. São Paulo: Imaginário; Ícone, 2005.

LENIN, V. I. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LEVAL, Gaston. *Bakunin: fundador do sindicalismo revolucionário*. São Paulo: Imaginário; Faísca, 2007.

LOPEZ, Fabio L. *Poder e Domínio: Uma visão anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.

MAKHNO Nestor. *A “Revolução” contra a Revolução: a revolução russa na Ucrânia*. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. *Anarquia & Organização: Plataforma de organização e outros escritos*. São Paulo: Luta Libertária, 2001.

MALATESTA, Errico; FABBRI Luigi. *Anarco-comunismo Italiano*. São Paulo: Luta Libertária, 2003

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. Editora Humana, 2008. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/3275897/Errico-Malatesta-Escritos-revolucionarios>>. Acesso em 02 nov. 2008.

MARX, Karl. *A Origem do Capital: A acumulação primitiva*. 6ª ed. São Paulo: Global, 1989.

_____. *A revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. Vol. 2

MARX Karl; ENGELS Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 6ª ed. São Paulo: Global, 1987.

_____. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MINTZ, Frank. *O anarquismo social*. São Paulo: Imaginário; Faísca, 2005.

_____. (comp). *Bakunin. Crítica y Acción*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2006.

MOTA, Fernando P. *Burocracia e Autogestão (a proposta de Proudhon)*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NAVES, Márcio B. *Marx: ciência e revolução*. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 2000.

NETTLAU, Max. *La Idea anarquista: su pasado, su porvenir*. La Revista Blanca, Barcelona, nº 57, outubro de 1925.

_____. *História da Anarquia: Das origens ao anarco-comunismo*. São Paulo: Hedra, 2008

NORTE, Sergio A. Q. *Bakunin: Sangue, Suor e Barricadas*. Campinas: Papyrus, 1988.

PROUDHON, P.-J. *Do Princípio Federativo*. São Paulo: Nu-Sol; Imaginário, 2001.

_____. *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas*. Seleção e notas de Daniel Guérin. Porto Alegre: L&PM, 2004.

RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002.

SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. São Paulo: Ática, 1987.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o socialismo*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 1986.

VARES, Luiz Pilla. *O Anarquismo*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

WALTER, Nicolas. *Do anarquismo*. São Paulo: Imaginário; Nu-Sol – PUC/SP, 2000.

WOODCOCK, George (org.). *Os Grandes Escritos Anarquistas*. São Paulo: L&PM, 1981.

_____. *História das idéias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1984. Volume 1 – A idéia.

_____. *História das idéias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1984. Volume 2 – O movimento.